

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ELOAH MARIA MARTINS VIEIRA

**ESTRATÉGIAS ARTICULADAS POR MULHERES BOLIVIANAS EM SÃO PAULO
PARA A REALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO EM SUAS CASAS E
FAMÍLIAS**

Recife
2019

ELOAH MARIA MARTINS VIEIRA

**ESTRATÉGIAS ARTICULADAS POR MULHERES BOLIVIANAS EM SÃO PAULO
PARA A REALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO EM SUAS CASAS E
FAMÍLIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia

Orientador: Prof. Dr. Russell Parry Scott

Recife
2019

ELOAH MARIA MARTINS VIEIRA

**ESTRATÉGIAS ARTICULADAS POR MULHERES BOLIVIANAS EM SÃO PAULO
PARA A REALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO EM SUAS CASAS E
FAMÍLIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Aprovada em: 25/02/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Russell Parry Scott (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alex Vailati (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dr^a Maria Betânia de Melo Ávila (Examinadora Externa)
SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres que aceitaram compartilhar comigo um pouco de suas vidas. Permitiram que uma estranha invadisse alguns momentos de suas privacidades. Como foram boas nossas conversas. Muchas gracias! Junto a parceira delas, a parceria de algumas organizações e grupos foi fundamental. Muito obrigada ao Centro de Apoio e Pastoral do Imigrante (CAMI), ao Sí, yo puedo e à Equipe de Base Warmis - Convergência das Culturas. Todas nossas trocas foram imprescindíveis.

Essa pesquisa se deve também àqueles que me deram abrigo na minha estadia em São Paulo: Leo, Andrew, Tuba, Ana, Leandro, Farofa, Feijuca, Carol, Munir, Berinjela, Maria, Luisa, Brunno. Muito obrigada por toparem que eu ficasse um pouco na casa de cada um de vocês. Era sempre muito bom ter com quem conversar, dividir a mesa e as brincadeiras ao chegar em casa. Ter a companhia de vocês suavizou bastante os desafios do campo.

De Recife, várias pessoas se fizeram fundamentais. Conhecer toda a turma do Mestrado em Antropologia de 2017 foi muito bom. Sempre que trocávamos sobre nossos projetos era enriquecedor e as contribuições desses momentos estão nesta pesquisa desde o começo de sua elaboração. Agradeço em especial aos amigos e companheiros Whodson e Ray! A parceria de vocês me ajudou a passar com mais leveza por tantas leituras e prazos! Além deles, Flávia foi fundamental em todos os momentos desta pesquisa. Somos irmãs e desde o momento da seleção pro mestrado, estávamos juntas. Estar com você do início ao fim e além, que benção! Muito obrigada, mana!

Junto à Flávia, meus pais Eloisa e Joaquim sempre abraçaram essa aventura do mestrado se dispondo a dar abraço e colo sempre! Eles e meus tios Vani, Juninho, Gleice e Carlos, me derem abrigo ao longo destes dois anos. Nossa família está entre São Paulo e Recife e fazer esta pesquisa foi uma oportunidade de poder ficar mais próxima deles que estão em São Paulo, mais especificamente em Rio das Pedras. É lá que está a real razão desta pesquisa: meu vô Zé do Joca. Como foi bom poder ficar mais próxima e passar uns dias com você.

Estando em São Paulo, era sempre bom conversar com aqueles amigos que ficaram em Recife. A distância não impedia nosso contato. Falar com vocês, suavizava os dias em campo. Mônica, Rafael, Francisco, Ka, Enio, João, Ju, Clarinha, Cadu, Camila, Silvana. Déa, como

foi bom ter a tua visita! Franzé, como foi bom sentir a tua cumplicidade e parceria, em Recife, de São Paulo, na sala ao lado de onde escrevo. Obrigada!

Alguns professores muito contribuíram para a construção desta pesquisa. Meus agradecimentos a Scott, por todas as conversas e orientações e a Alex Vailati, Marion Quadros e Ana Claudia Rodrigues! Irina e Melissa, muito obrigada pelos preciosos ensinamentos de espanhol. Todos os integrantes do grupo de estudos CEM LABUR e Clara sempre estiveram dispostos a debater comigo sobre a pesquisa, muito obrigada!

*

Esta pesquisa foi financiada pela Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)

“alteridade – não é fingimento
é olhar de fora
e sentir por dentro”.
(CAJU, 2018)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as estratégias articuladas por mulheres bolivianas imigrantes na cidade de São Paulo para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Para refletir sobre estas estratégias, debateremos quais pessoas e instituições participam e eventuais especificidades nestas estratégias relacionadas ao fato de as interlocutoras serem bolivianas e imigrantes. Todas estas questões estão pautadas na discussão de gênero feita por Joan Scott e Sherry Ortner, assim como no debate sobre trabalho doméstico e divisão sexual do trabalho travado por autoras como Betânia Ávila, Gláucia Assis, Helena Hirata e Danièle Kergoat. Além destas teóricas, Amaia Pérez Orozco e Nina Glick Schiller foram fundamentais para pensarmos como que as interlocutoras, enquanto transmigrantes, constroem relações entre a Bolívia e o Brasil. Para responder o objetivo da pesquisa, realizamos trabalho de campo por cerca de cinco meses na cidade de São Paulo, onde fizemos tanto entrevistas semiestruturadas como vivenciamos a observação participante. As experiências em campo envolveram a convivência com 10 mulheres. Elas são as interlocutoras desta pesquisa. Todas elas são mulheres adultas, muitas delas com filhos, algumas casadas e várias trabalhando no ramo da costura que emprega grande maioria da comunidade boliviana na cidade de São Paulo. Movidos pela discussão sobre possíveis influências da imigração no trabalho doméstico, investigamos as implicações da imigração na organização do trabalho doméstico articulada por estas mulheres. Pudemos averiguar, que ainda que alguns estudos apontem para maior participação dos homens no trabalho doméstico a partir da imigração, a mesma conclusão não se faz presente nesta pesquisa. As interlocutoras, em sua grande maioria, são as responsáveis pelo trabalho doméstico. Para garantir a realização deste trabalho, elas articulam uma diversidade de estratégias, algumas delas com especificidades relacionadas ao fato de as interlocutoras serem imigrantes e bolivianas. Dentre as estratégias articuladas estão redes de mulheres, cadeias globais de cuidado, creches e dupla jornada de trabalho. Fora isso, pudemos observar que, ainda que a imigração não tenha implicado em uma maior participação dos homens no trabalho doméstico, as interlocutoras se empenham em articular a participação deles dado que elas discordam que o trabalho doméstico seja uma obrigação exclusivamente feminina. Sendo assim, também pudemos perceber a agência das mulheres, como comenta Sherry Ortner, apesar da dominância masculina. A partir da articulação de algumas interlocutoras, pudemos observar a participação pontual de alguns de seus maridos e pais de seus filhos. Além disso,

algumas das interlocutoras também ensinam a seus filhos e netos homens as atividades de trabalho doméstico. Dessa forma, esta pesquisa foi uma oportunidade de analisar a relação das interlocutoras com diferentes atores a partir do trabalho doméstico.

Palavras-chave: Trabalho Doméstico. Migrações. Bolivianas. São Paulo.

ABSTRACT

This thesis aims to analyse the strategies articulated by bolivians women in São Paulo to do the housework in their houses and families. We will analyse which persons and institutions participate in these strategies and possible particularities related to the fact that our interlocutors are bolivians immigrants women in São Paulo. All these points are based in the debate about gender by Joan Scott and Sherry Ortner, as well about housework and sexual division of work by Betania Ávila, Gláucia Assis, Helena Hirata and Danièle Kergoat. Beside these authors, Amaia Pérez Orozco and Nina Glick Schiller were indispensable to our thesis. Based on them, we could think about the interlocutors, as transmigrantes, and then, study the relations that they construct between Bolivia and Brazil. To achieve the goal of this research, we did fieldwork during approximately five months in the city of São Paulo. There we did semi-structured interviews and participant observation. During this fieldwork, we knew 10 women, who are our interlocutors. All of them are adult women, many of them have children, some are married and many of them work with sewing. Thinking in the discussion about possible influences of immigration in the housework, we studied the consequences of immigration in the organization of housework articulated by these women. We concluded that the immigration did not influence in a bigger participation of man in the housework. The women are the main responsible by this work. To organize it, they articulate a diversity of strategies. Some of these strategies have specificities connected to the fact that these women are bolivians and immigrants. Among the strategies are networks of women, global care chain, nurseries and double working day. Besides that, we noticed that the women articulate the participation of men in the housework. Some interlocutors also teach the activities of housework to their sons and grandsons. Therefore, we could analyse the agency of women, commented by Sherry Ortner.

Keywords: Housework. Migrations. Women. Bolivian. São Paulo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E TRABALHO DOMÉSTICO.....	14
2.1	Refletindo sobre gênero e desigualdades.....	14
2.2	Trabalho doméstico.....	17
3	A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	28
3.1	Mapeando o campo e estabelecendo os primeiros contatos	28
3.2	Perfil das interlocutoras.....	30
3.3	Passos em campo: acompanhando as interlocutoras, entrevistando, observando e participando do trabalho doméstico.....	36
4	“A CASA NÃO É MINHA, A CASA NÃO É TUA, A CASA É NOSSA, O TRABALHO É NOSSO”.....	51
4.1	A participação dos homens	62
4.2	A participação dos filhos, filhas e netos	69
5	ESTRATÉGIAS PARA A EXECUÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO A PARTIR DA IMIGRAÇÃO.....	75
5.1	Tecendo nós entre a costura e o trabalho doméstico na comunidade boliviana em São Paulo	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A – TÓPICO GUIA	109
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – versão português	110
	APÊNDICE C- TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO INFORMADO – versão espanhol.....	112

1 INTRODUÇÃO

Na Bolívia, a migração é expressiva tanto internamente como para outros países. Antes da emigração para o Brasil, a migração interna do campo para a cidade e a emigração de cidades bolivianas para outros países como a Argentina já era forte na Bolívia, havendo períodos em que 30% da população boliviana residia fora do país (SILVA, 1997; 2006). Além de problemas econômicos, os baixos índices educacionais, as dificuldades de acesso à terra e a instabilidade política, como golpes de Estado sucessivos nas décadas de 60 a 80, motivaram a migração e emigração de bolivianos (SILVA, 1997; 2006), sendo o Brasil um dos destinos.

Os movimentos migratórios de pessoas vindas de outros países da América Latina para o Brasil são intensos. Em 2010, bolivianos, paraguaios e peruanos foram os que tiveram maior crescimento dentre os imigrantes provenientes de outros países latino americanos para o Brasil (OLIVEIRA, 2012). Na cidade de São Paulo, estima-se que a comunidade boliviana corresponda a 300 mil pessoas (FIORAVANTI, 2015). Sendo assim, bolivianos estão entre os grupos de latino americanos em maior número no Brasil (BAENINGER, 2012) e, dada sua expressividade numérica, têm atraído a atenção de pesquisas como a que aqui apresentamos.

Por volta de 1950 alguns bolivianos já moravam em São Paulo. Estes eram, principalmente, estudantes que participaram de um intercâmbio cultural Brasil-Bolívia e, acabados os estudos, continuaram no Brasil (SILVA, 1997; 2006). Desde então, cresceu o movimento de bolivianos para o Brasil. Em 1980, mesmo diante da recessão da economia brasileira, houve uma grande busca por mão de obra barata para trabalhar nas confecções têxteis de São Paulo. Muitos bolivianos chegaram neste período à cidade de São Paulo (SILVA, 1997). Após isso, desde a criação do MERCOSUL, pode-se observar um aumento na migração entre os países do bloco, o que inclui a Bolívia, ainda que este seja apenas um país associado (OLIVEIRA, 2012). Entre estes países, há um acordo de livre residência (BRASIL, 2009), o qual não sofreu alterações mesmo depois da aprovação da lei das migrações (BRASIL, 2017).

No Brasil, ainda que tenha existido uma predominância da imigração boliviana na fronteira Brasil-Bolívia (BAENINGER, 2012), atualmente, São Paulo é a cidade brasileira com maior número de imigrantes bolivianos (SILVA, 2006). Além de São Paulo ser a cidade que tem a maior quantidade de imigrantes bolivianos, este grupo é o maior entre os hispano-americanos moradores da cidade (SILVA, 2006). Sendo assim, atualmente, a imigração de bolivianos no Brasil tem grande expressividade em São Paulo (BAENINGER, 2012).

Na cidade de São Paulo, a grande concentração de bolivianos no ramo da costura se mantém até hoje (ILLES, TIMÓTEO, PEREIRA, 2008). Além desta ocupação, pode-se encontrar bolivianos trabalhando em outras atividades como artesanato, indústria e comércio (FREITAS, 2012). Sobre as experiências de bolivianos, existem vários estudos (RIBEIRO, 2018; SILVA, 1997) e muitos deles comentam sobre a condição de trabalho análogo ao escravo nas oficinas de costura. Isto porque acontece dos trabalhadores terem jornada exaustiva, apreensão de seus documentos, insalubridade no local de trabalho, ou até mesmo não receberem nos primeiros meses de serviço em função das cobranças pelos gastos com a vinda para o Brasil (RIBEIRO, 2018). A legislação brasileira caracteriza como “trabalho análogo ao de escravo”: jornada exaustiva; condições degradantes de trabalho; e, dentre outros fatores, restrição da locomoção em razão de dívida (BRASIL, 1940). Diante disso, várias instituições da sociedade civil em São Paulo fazem campanhas e ações pelo trabalho digno, como pudemos acompanhar em campo.

Quando falamos sobre migração, além de pensarmos de onde vêm, para onde vão e no que trabalham os migrantes, também é importante pensarmos quem são estes migrantes. As mulheres correspondem a uma grande parcela dos/as migrantes internacionais. Dentre as mulheres bolivianas que migram para a cidade de São Paulo, as suas idades, nível educacional e estado civil variam bastante (RIBEIRO, 2018). Fora isso, tanto pudemos conhecer mulheres que imigraram sozinhas como mulheres que imigraram acompanhadas por seus filhos, irmãs, amigas, pais, mães e maridos.

Segundo Ribeiro (2016), é na década de 1990 que a presença feminina na comunidade boliviana em São Paulo começa a chamar atenção. Atualmente, dentre os bolivianos que emigram da Bolívia, as mulheres representam 56% (DUTRA, 2012). Já entre os bolivianos que residem na Região Metropolitana de São Paulo, as mulheres correspondem a 44,1% (XAVIER, 2012). Ainda segundo a Ribeiro (2016), seria difícil afirmarmos que o número de bolivianas em São Paulo cresceu, pois existem poucos dados sobre a migração feminina em décadas e séculos passados. Esta autora destaca que mais do que afirmar este aumento, pode-se dizer que houve um acirramento das contradições de gênero e uma maior atenção teórica para o tema. Assim como Ribeiro (2016), Assis (2007) afirma que os estudos sobre migrações não estavam atentos às diferenças de gênero até o início dos anos 70. Sendo assim, a presente dissertação pretende ser uma contribuição aos recentes estudos que refletem sobre as experiências das mulheres imigrantes a partir da perspectiva de gênero.

Alguns destes recentes estudos consideram que as concepções de gênero podem ser reconfiguradas na migração (GLICK SCHILLER, 2000), o que pode incluir mudanças na execução do trabalho doméstico (PARELLA, 2012), como uma maior participação dos homens (ALENCAR-RODRIGUES, STREY e ESPINOSA CANTERA, 2009; ASSIS, 2004; 2007). Considerando que a imigração pode reestruturar as formas de organização do trabalho doméstico, temos o objetivo de, nesta dissertação, analisar as estratégias articuladas pelas mulheres bolivianas em São Paulo para a execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Nesta análise, discutiremos quais as estratégias articuladas pelas mulheres bolivianas em São Paulo para execução deste trabalho. Ao estudarmos quais as estratégias articuladas, estaremos atentos à participação de outras pessoas, além das mulheres, assim como de instituições. Por fim, analisaremos se a imigração implicou em especificidades nas estratégias articuladas por estas mulheres. Para abarcar todas estas questões teremos quatro capítulos.

No primeiro capítulo, vamos apresentar os conceitos que baseiam esta dissertação. Para isso, traremos discussões teóricas sobre gênero, divisão sexual do trabalho, trabalho doméstico e estratégias para execução deste trabalho, seguindo uma perspectiva feminista de gênero. Este capítulo teórico é seguido pelo capítulo metodológico. É no segundo capítulo que iremos apresentar as dez interlocutoras desta pesquisa, além de comentarmos sobre como foi desenvolvida a pesquisa, relatando os passos e desafios encontrados ao longo da observação participante, entrevistas e outras atividades do campo na cidade de São Paulo entre 2017 e 2018. Feito isso, analisaremos os dados nos dois últimos capítulos. Considerando que tanto no Brasil como na Bolívia o trabalho doméstico é tido como responsabilidade feminina (DURHAM, 1983; PARELLA, 2012), analisaremos, no terceiro capítulo, se as estratégias articuladas pelas mulheres para execução deste trabalho envolvem outras pessoas e instituições. Dado que as mulheres que estudamos são imigrantes e bolivianas, nos questionamos também se ser imigrante e boliviana implica em especificidades nas estratégias articuladas por estas mulheres em São Paulo, tema do quarto capítulo.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO E TRABALHO DOMÉSTICO

Antes de analisarmos os dados de nossa pesquisa, é necessário que expliquemos alguns dos conceitos que a baseiam. Para isso, apresentaremos, neste capítulo, definições e discussões teóricas que envolvem as temáticas trabalhadas nesta dissertação.

2.1 Refletindo sobre gênero e desigualdades

Algumas categorias trabalhadas nesta dissertação, como gênero, podem ser pensadas a partir de diferentes perspectivas dado que existem vários estudos que o conceituam e analisam (ORTNER, 2007a; SCOTT, 1990; MOORE, 1997; RUBIN 1993). O pensamento feminista, assim como o movimento feminista são bastante diversos. No que tange ao pensamento feminista, podemos falar em diferentes correntes que se formaram ao longo do tempo e/ou que coexistem em certas épocas (SCOTT, 1990; COSTA, 1998; PISCITELLI, 2002). Dada esta diversidade do pensamento e sua relação com o movimento, o debate sobre as categorias utilizadas pelo pensamento feminista é constante e, como coloca Harding (1993): “As categorias analíticas feministas devem ser instáveis – teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais” (p. 11). É preciso que, como coloca Harding (1993), assumamos que as categorias analíticas feministas são instáveis e que não consideremos esta instabilidade como algo negativo mas como parte do processo de construção da perspectiva crítica feminista, pois a própria instabilidade pode ser utilizada como recurso do pensamento e da prática.

Quando nos referimos a gênero nesta dissertação, estamos considerando que este “é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1990, p. 14). Seguindo esta definição, Joan Scott (1990) enfatiza que gênero se refere à dimensão social ainda que se baseie nas diferenças entre os sexos. A partir de Scott (1990), nos opomos ao determinismo biológico e às relações causais entre sexo biológico e comportamentos femininos ou masculinos. Analisamos, portanto, gênero enquanto dimensão sociocultural. Ao expormos isto, não queremos dizer que o sexo deve ser analisado apenas biologicamente ou em oposição a gênero, mas também como construção social (MOORE, 1997). O debate sobre as relações entre sexo e gênero não será o foco desta dissertação. Mesmo assim, consideramos interessante pontuar que a relação entre estas categorias vem

mudando ao longo do tempo. Segundo Piscitelli (2002), já se pensou gênero tendo como base a diferenciação com sexo. Por outro lado, esta autora mostra que na atualidade já se problematiza a relação dual entre sexo e gênero assim como se questiona a distinção entre natureza e cultura enquanto explicação universal.

Segundo Scott (1990), pensar a categoria gênero implica em considerar elementos como símbolos e conceitos normativos. Para se referir aos símbolos como elementos de gênero, Scott (1990) exemplifica que símbolos como Eva e Maria remetem à mulher. Ao mesmo tempo, estes símbolos teriam as suas possibilidades de interpretação limitadas por conceitos normativos expressos por doutrinas que afirmam o sentido do feminino e do masculino, reforçando uma oposição binária, e, assim, limitando as possibilidades de metáfora. Estas doutrinas seriam tanto religiosas como educativas, científicas, políticas ou jurídicas.

Além disso, pensar sobre gênero, segundo Joan Scott (1990), implica em pensarmos de forma abrangente. A autora defende que parentesco, mercado de trabalho, educação e sistema político são dimensões que poderiam ajudar a explicar como que a representação binária é construída como única e imutável. Outro aspecto de gênero para Joan Scott (1990) é a identidade subjetiva, a qual ela defende que deve ser contextualizada. Sobre isto Scott (1990) afirma ser necessário: “examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situados” (p. 15).

Além de afirmar gênero como uma questão social, Joan Scott (1990) defende que gênero “é o primeiro campo do meio social no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado” (p. 16). Isto porque, Scott (1990) considera que são feitas referências ao masculino e ao feminino como forma de legitimar ou deslegitimar, respectivamente, outras relações de poder como o domínio político. Um poder político, por exemplo, seria associado ao feminino como forma de ser menosprezado, assim como, um poder demonstraria sua força através do controle das mulheres. As referências feitas ao masculino e ao feminino como estratégia de poder são explicitadas pela autora no seguinte trecho:

Os dirigentes que se afirmam legitimam a dominação, a força, a autoridade central e o poder soberano identificando-os com o masculino (os inimigos, os forasteiros, os subversivos e a fraqueza são identificados com o feminino) e literalmente traduziriam este código em leis que põe as mulheres em seu lugar. (SCOTT, 1990, p. 17)

Dessa forma, a autora mostra que todo um sistema se basearia nos conceitos de gênero e, conseqüentemente, pensar sobre gênero implicaria em pensar todo este sistema e suas relações de poder. Dado que gênero serve de referência para relações de poder, problematizar gênero colocaria em risco todo sistema de poder. Para se proteger este poder, a autora mostra que há esforços de diferentes instâncias para que gênero pareça fixo, natural e imutável. Para a manutenção das relações de poder desiguais, o conceito de gênero seria apenas reatualizado. Ainda que gênero possa parecer imutável, Scott (1990) argumenta que esta é uma categoria que tem várias possibilidades e que deve ser contestada. Esta contestação caberia, segundo a autora, às teorias. Sendo assim, Scott (1990) defende que sejam feitas teorias a partir de gênero, considerando as relações de poder e contestando-as. Pensando a categoria gênero a partir das contribuições de Joan Scott (1990), podemos pensar relações desiguais, como muitas vezes são as relações que envolvem o trabalho doméstico. Além disso, seguindo esta teoria, podemos refletir sobre como relações sociais, como a organização do trabalho doméstico, se baseiam em conceitos normativos de gênero.

Segundo Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008, p.819): “deve-se adotar a perspectiva de gênero, buscando compreender como diferenças se constituem como desigualdades”. Dessa forma, entendemos que as atividades não apenas são diferenciadas entre homens e mulheres, como também hierarquizadas (HIRATA; KERGOAT, 2007), uma vez que as relações de gênero se constituem como relações de poder (ORTNER, 2007a; SCOTT, 1990).

Outra autora que também reflete sobre gênero é a antropóloga feminista Sherry Ortner. Esta antropóloga considera gênero como um sistema cultural fundado nas práticas sociais, que por sua vez constroem e reconstroem as relações de gênero. Segundo Ortner (2007a) existem:

articulações entre as práticas de atores sociais ‘na vida concreta’ e as grandes ‘estruturas’ e ‘sistemas’ que exercem coerção sobre essas práticas e que, ao mesmo tempo, e em última instância, podem ser transformadas por elas (ORTNER, 2007a, p. 20).

Para Ortner (2007b), se exerce poder tanto na forma de dominação, como na forma de resistência à dominação. Esta antropóloga feminista analisa que há espaço para resistências, pois a estrutura tem fissuras e “os subordinados nunca são completamente destituídos de agência” (ORTNER, 2007b, p. 71). Como bem coloca Ortner (1996), devemos considerar a agência e eventuais poderes das mulheres, mas não os equiparar à dominância masculina. Bourdieu (2002) também considera que as mulheres, assim como os homens e instituições,

são agentes nos processos de reprodução e eventuais mudanças da dominação masculina.

Segundo Ortner (2007a; 2007b), as formas de dominação, como a dominância masculina, não seriam totais e únicas, seriam divididas por ambiguidades, contradições e lacunas. Dessa forma, Ortner (2007a) advoga que a reprodução social nunca é total, estando sempre vulnerável às pressões e às instabilidades inerentes a toda situação de poder desigual. Como argumenta Ortner (2007a; 2007b), as normas hegemônicas não são totais, de forma que coexistem com outros modelos, havendo tensão entre eles. Portanto, ainda que as mulheres sejam tradicionalmente responsabilizadas pelo trabalho doméstico (HIRATA e KERGOAT, 2007), podemos pensar como se dão as práticas deste trabalho, havendo a possibilidade de existirem práticas diferentes da hegemônica. Isto porque as estratégias articuladas para organização do trabalho doméstico poderiam contestar, além de reproduzir, formas de dominação.

Tendo como referência os debates sobre a categoria gênero aqui apresentados, seguimos para a discussão sobre trabalho doméstico e estratégias de sua organização. Estas serão as referências para nossa análise das estratégias articuladas por mulheres bolivianas imigrantes em São Paulo para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias.

2.2 Trabalho doméstico

O trabalho doméstico, como comenta Bruschini (2006), envolve uma série de atividades como: “limpar a casa, lavar e passar roupa, cozinhar (...), cuidar dos filhos, dos idosos, administrar a casa, o cotidiano, fazer compras” (BRUSCHINI, 2006, p. 332). Assim como Bruschini (2006), a antropóloga Jurema Brites (2007) considera que o trabalho doméstico englobaria atividades de limpeza, cuidado da casa, das crianças e dos idosos. Dada a diversidade de tarefas inclusas neste trabalho, Bruschini (2006) defende a necessidade de pesquisas específicas sobre o tema.

Foi a partir do feminismo que as atividades de limpeza, cozinha e cuidado executadas no privado foram compreendidas como trabalho e, por sua vez, o trabalho doméstico passou a ser entendido como uma relação de poder e, assim, passou a ser um objeto de estudo e discussão (HIRATA e KERGOAT, 2007). O feminismo, segundo Albernaz e Longhi (2009), não apenas debate a divisão desigual de atividades entre homens e mulheres, como também

reivindica que o privado também é político uma vez que é perpassado por relações desiguais e de poder.

Sobre o debate entre privado e público, vale destacar que o trabalho doméstico nos permite discutir o privado e pensar além dele. Pombo (2010; 2011) coloca que ações para a garantia dos cuidados dos integrantes da casa podem acontecer para além do espaço doméstico. Com base nisso, incluímos na discussão ações como, por exemplo, levar à escola, à creche e a postos de saúde. Assim, pensar o trabalho doméstico, nos permite também pensar pontes entre privado e público para além de dicotomizações.

Além do conceito de trabalho doméstico existem outros, como cuidado e *care*. Autoras como Molinier (2012) consideram que *care* inclui atividades de “dar atenção a”. O que, para esta autora, diz respeito não apenas às atividades de cuidado para com outras pessoas, como também o cuidado com a casa. Já Guimarães, Hirata e Sugita (2012) debatem as fronteiras entre o trabalho doméstico e o trabalho profissional de cuidado. Segundo estas autoras, existem diferentes “campos do *care*: o das tarefas domésticas, o do cuidado das crianças e o dos cuidados das pessoas dependentes” (GUIMARÃES, HIRATA e SUGITA, 2012, p. 85). Para estas autoras, o trabalho doméstico seria apenas um campo do *care*.

Em alguns estudos sobre migrações se utiliza cuidado, como categoria, ao se falar de mulheres imigrantes que são trabalhadoras domésticas no país destino (HIRATA e GUIMARÃES, 2012; DUTRA, 2012; MAGLIANO, PERISSINOTTI e ZENKLUSEN, 2016). Entretanto, escolhemos usar a categoria trabalho doméstico. Isto porque nosso estudo não tem como foco as experiências de mulheres que migram e trabalham como trabalhadoras domésticas na indústria do cuidado, mas sim analisar o trabalho doméstico que acontece nas casas e famílias das mulheres bolivianas em São Paulo e não nas casas ou famílias de terceiros. Nesta pesquisa, as mulheres analisadas podem ser ou não trabalhadoras domésticas. Portanto, nesta dissertação, quando falamos em estratégias para execução do trabalho doméstico, estamos interessados em analisar como que as mulheres bolivianas em São Paulo se organizam para a realização das atividades elencadas por Bruschini (2006) e Brites (2007) em suas casas e famílias.

Na literatura sobre trabalho doméstico, destaca-se que muitas vezes as mulheres são responsabilizadas por este trabalho (DURHAM, 1983; PARELLA, 2012). A divisão de atividades entre homens e mulheres é nomeada por Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007)

como divisão sexual do trabalho¹. Os trabalhos, segundo estas autoras, são não apenas separados entre trabalhos “de homem” e “de mulher”, como também hierarquizados. De forma que os trabalhos tidos como masculinos seriam mais valorizados. Assim, como comenta Scott (1990), são feitas referências ao feminino ou ao masculino como forma de deslegitimação ou legitimação, respectivamente.

Prioritariamente e tradicionalmente, os homens seriam provedores, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelo trabalho doméstico, incluindo o cuidado com os membros da família (HIRATA; KERGOAT, 2007). Dada esta divisão, é recorrente que se considere o trabalho doméstico como um trabalho reprodutivo, sem com isso negar que este também é um trabalho.

Os estudos feministas não atribuem o fato de as mulheres serem maioria na execução do trabalho doméstico a questões biológicas; mas sim ao fato de as atividades serem culturalmente e hierarquicamente distribuídas entre homens e mulheres, atribuindo-se comumente o trabalho doméstico às mulheres (BRITES, 2013; DURHAM, 1983). Dessa forma, abarcamos questões de gênero neste estudo, não por termos como sujeitas as mulheres, uma vez que gênero não se reduz a mulheres (SCOTT, 1990), mas por refletirmos sobre dinâmicas do trabalho doméstico que são culturalmente estabelecidas com base em concepções sobre ser homem e ser mulher. Portanto, refletir a partir de uma perspectiva antropológica sobre as formas como as bolivianas imigrantes em São Paulo se organizam para que seja realizado o trabalho doméstico em suas casas e famílias envolve relações não só familiares como de gênero. Nesse sentido, a antropologia é basilar para as reflexões desta dissertação uma vez que propomos investigar como indivíduos agem e se articulam diante de mudanças e construções culturais como a migração e as relações de gênero, respectivamente.

Alguns estudos apontam para a quantidade de horas dispendidas no trabalho doméstico. No caso do Brasil, as mulheres gastam em média mais de 20 horas por semana executando atividades de trabalho doméstico, enquanto que os homens despendem menos de 12 horas em média (IBGE, 2015). No caso da Bolívia, estudos mostram que as mulheres também gastam mais horas do que os homens neste trabalho (RAMOS, 2009; ZAMORRA, 2011). Além disso, tanto no Brasil como na Bolívia, enquanto quase a totalidade de mulheres

1 Em francês as relações socioculturais relacionadas ao masculino e ao feminino são nomeadas como relações sociais de sexo, mas o significado se refere ao que chamamos, em português, de relações de gênero, ou seja, remetem à dimensão sociocultural referente ao masculino e ao feminino. Só recentemente, começou-se a utilizar gênero em francês. Por isso, nesta obra, Hirata e Kergoat (2007), enquanto pesquisadoras de universidades francesas, falam em divisão *sexual* do trabalho.

alegam participar do trabalho doméstico, apenas pouco mais da metade dos homens alega participar (RAMOS, 2009). Considerando a grande parcela de tempo que este trabalho representa na vida destas mulheres e as desigualdades envolvidas, destacamos a importância e pertinência em estudá-lo.

Autoras como Cecília Sardenberg (1997), Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007) alegam que, mesmo diante de mudanças nas famílias e nas atividades desempenhadas por mulheres e homens, o cuidado com os filhos continua a ser um trabalho executado pelas mulheres. Consideramos, portanto, nesta dissertação, que realizar sozinha o trabalho doméstico é uma das formas de se executar este trabalho. Quando o trabalho doméstico em suas casas é executado apenas ou majoritariamente pelas mulheres, há grandes impactos em suas vidas. Como o trabalho doméstico é intermitente e equivale a grande parte do dia destas mulheres (POMBO, 2010; ÁVILA, 2009), diminuem as chances das mesmas terem tempo para executar outras atividades e a sua qualidade de vida é impactada (POMBO, 2010).

A mulher, segundo Bruschini (1987), seria socialmente tida como a responsável central pelo trabalho doméstico, mesmo quando assume um trabalho no mercado de trabalho. A realização concomitante de atividades remuneradas e de trabalho doméstico é nomeada por Bruschini (1987) como dupla jornada de trabalho. Consideramos ser esta outra possibilidade de estratégia para realização do trabalho doméstico nas casas e famílias das interlocutoras. Ribeiro (2016) mostra que nas oficinas de costura, onde muitas bolivianas trabalham, o trabalho de costura é intercalado com o trabalho doméstico da oficina, com o cuidado de filhos e com limpeza do próprio quarto.

Quando são mulheres solteiras ou divorciadas com filhos, a mulher precisa sozinha conjugar trabalho produtivo, limpeza do próprio quarto (...) e cuidado com as crianças (...). Vale ressaltar que essa é uma condição ocupada apenas pelas mulheres, que sempre ficam com os filhos após a separação do casal. Acaba colocando as mulheres em situação ainda mais precarizada, já que têm que sustentar a si e aos filhos, lidar com a sobrecarga de trabalho produtivo e atividades de reprodução também de si e das crianças. (RIBEIRO, 2016, p.112)

Na tentativa de associar o trabalho doméstico com o mercado de trabalho, muitas das mulheres podem ter que negociar com seus empregadores, como comentam Ávila (2009) e Ribeiro (2016). Estas autoras mostram que os empregadores costumam não gostar que as trabalhadoras tenham filhos, pois isso significaria uma menor disponibilidade de tempo para o trabalho remunerado. Além disso, Ribeiro (2016) analisa que nas oficinas de costura, os donos

veem os filhos dos empregados como mais gastos pois eles teriam que garantir comida assim como um quarto privado para a mãe e seu filho.

Dado que nem todos os donos de oficina aceitam trabalhadoras com filhos (RIBEIRO, 2016), acreditamos que a presença dessas crianças nas oficinas e o trabalho doméstico de cuidado para com elas ocorre mediante tensão e negociação com os empregadores. Essas negociações são apresentadas por Ávila (2009) ao estudar mulheres que trabalham nas casas de terceiros. Segundo a autora, as trabalhadoras domésticas têm que negociar com suas patroas a possibilidade, por exemplo, de acompanhar seus filhos em serviços de saúde. Segundo Ávila (2009):

Quando os/as filhos/as são pequenos/as, são elas que os/as levam para o serviço de saúde, e esse é um motivo de problema na relação com as patroas, pois os horários de atendimento nos serviços de saúde são pela manhã, concorrendo com o horário do trabalho remunerado. São dois usos do tempo em disputa, para o cuidado com os/as filhos/as e para o trabalho remunerado. Muitas vezes, para isso, as (...) participantes da pesquisa afirmam que é necessário recorrer à ajuda de outras mulheres. (p.208)

Aqui percebemos que para além da negociação com os empregadores, aparece a rede de mulheres como uma estratégia para a organização do trabalho doméstico nas casas e famílias das mulheres. Sendo assim, a organização deste trabalho pode envolver negociação com companheiros e outras mulheres, como também, com os empregadores, de forma que várias estratégias podem ser articuladas concomitantemente.

Na tentativa de associar a responsabilidades no mercado de trabalho e na família, as mulheres procuram uma inserção no mercado de trabalho que se adeque às suas obrigações com o trabalho doméstico (MARCONDES, 2014). Segundo Machado (2014) e Marcondes (2014), as mulheres acabam assumindo trabalhos de meio período, menos remunerados e mais precarizados, visando um horário de trabalho mais flexível e a manutenção do trabalho doméstico por elas realizado. Enquanto isso, segundo Marcondes (2014), para os homens “as tarefas domésticas ajustam-se à dedicação ao trabalho principal, e não o contrário” (p. 87) como para as mulheres. Assim, para continuar executando o trabalho doméstico, uma mulher que se insere no mercado de trabalho teria que buscar um posto de trabalho possível de ser associado ao trabalho doméstico. É neste sentido que Abreu (1986; 1993) aponta a preferência de algumas mulheres pela costura a domicílio. Segundo a autora, este seria um trabalho que permite a sua associação ao trabalho doméstico dado que também é desempenhado em casa. Assim, a costura a domicílio permitiria a manutenção da divisão sexual do trabalho. Dessa

forma, trabalhando em casa, a costureira a domicílio não deixaria de desempenhar o trabalho doméstico, pelo contrário, teria uma dupla jornada.

Segundo Hirata e Kergoat (2007) caberia quase exclusivamente às mulheres a responsabilidade de ajustar vida familiar e vida profissional. Para as autoras, não deveríamos considerar que há uma “conciliação” entre estas esferas dada à “natureza fundamentalmente conflituosa da incumbência simultânea de responsabilidades profissionais e familiares às mulheres” (p.604). A relação entre o trabalho doméstico e o mercado de trabalho pode ser conflituosa ao ponto de não ser possível associá-los. A não confluência destas responsabilidades leva à não inserção no mercado de trabalho por parte de algumas mulheres no Brasil (MARCONDES, 2014). Este pode ser o caso de mulheres bolivianas uma vez que alguns donos de oficinas, como dissemos anteriormente, podem não aceitar mulheres com filhos como trabalhadoras de suas oficinas (RIBEIRO, 2016). Neste sentido, Hirata e Kergoat (2007) comentam sobre o caso japonês, onde seria recorrente a interrupção da atividade produtiva da mãe no primeiro ano de seu filho. A impossibilidade de associar trabalho doméstico com o mercado de trabalho é relacionada por Hirata e Kergoat (2007) e Marcondes (2014) com a ausência de equipamentos coletivos, políticas públicas e normas sociais que estimulem a ocupação de postos no mercado de trabalho pelas mulheres. Assim, quando pensamos a relação entre mercado de trabalho e trabalho doméstico, podemos pensar em diferentes estratégias como a dupla jornada de trabalho ou a saída do mercado de trabalho.

Ávila (2009) reforça que a dupla jornada de trabalho é assumida pelas mulheres diante da nula participação masculina nas atividades domésticas e crescente participação feminina no mercado de trabalho. Além disso, segundo esta autora, a dupla jornada também seria agravada pela ausência do Estado. Este não assumiria sua responsabilidade familiar, não promovendo, por exemplo, uma ampliação massiva do número de creches. Sobre isto, a autora comenta que, no Brasil, em apenas menos da metade de domicílios com crianças de até 6 anos, estas estão em creches ou na pré-escola.

Além de não ser dividida com os homens a sobrecarga com o trabalho doméstico, sua presença já na infância e a dupla jornada devem-se também à insuficiência de políticas públicas voltadas para a reprodução social, como é o caso das políticas de creches. (Ávila, 2009 p.151)

Em Bruschini et all (2008), a autora comenta sobre rotinas de mulheres que organizam seu tempo entre trabalho doméstico e mercado de trabalho através de duplas e até triplas

jornadas compostas por: levar filhos na escola, trabalhar no mercado de trabalho, dar banho e alimentar seus filhos ao chegar em casa. A partir de Bruschini et al (2008), Ávila (2009), Hirata e Kergoat (2007) consideramos que o acesso a instituições como creches e escolas pode ser portanto uma possibilidade de estratégia do trabalho doméstico no que se refere ao cuidado para com os filhos. Segundo Ávila (2009) e Hirata e Kergoat (2007), entretanto, o Estado assumiria de forma deficitária esta sua responsabilidade. Mesmo assim, ao longo do campo, nos mantivemos atentas a observar o acesso a instituições como uma estratégia para a realização do trabalho doméstico. Esta seria uma forma de analisar o trabalho doméstico para além do espaço doméstico.

Na literatura atual, defende-se que quando há algum tipo de divisão do trabalho doméstico é mais comum que esta ocorra com outras mulheres e não envolva homens, reforçando a divisão sexual do trabalho (ÁVILA, 2009; HIRATA e KERGOAT, 2007). Segundo Ávila (2009), mesmo quando os maridos coabitam com as mulheres e estão desempregados, eles não executam o trabalho doméstico em suas casas. Apenas encontramos em Assis (2004; 2007), Alencar-Rodrigues, Strey e Espinosa Cantera (2009) e Pombo (2010) dados afirmativos sobre a participação de homens imigrantes na execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Pombo (2010), ao estudar mulheres bolivianas imigrantes na Argentina, destaca que em algumas tarefas do trabalho doméstico, como consertos na casa, seriam mais comuns a participação de homens.

Ao estudar dados sobre homens e mulheres bolivianas que vivem nas capitais da Bolívia, Zamorra (2011) também mostra que os homens tendem a assumir tarefas não cotidianas como consertos de encanamentos e eletricidade. Outras atividades mais comumente assumidas pelos homens bolivianos seriam: auxiliar nos deveres escolares dos filhos, levá-los para a escola e participar dos cuidados destes quando estão enfermos.

Assis (2004; 2007) destaca alguns casos de homens brasileiros imigrantes nos Estados Unidos que executavam o trabalho doméstico em suas casas. Segundo a autora, isto se deveria ao fato de eles trabalharem como trabalhadores domésticos junto com suas esposas em casas de terceiros. A partir deste trabalho, estes homens passaram a reconhecer o trabalho doméstico como um trabalho e começaram a participar da sua execução em suas casas. Além disso, Assis (2004; 2007) também identifica que esta mudança se deve ao fato de os Estados Unidos terem um outro padrão de relações de gênero, com uma maior divisão das tarefas. Ainda assim, a autora destaca que esta maior divisão não é unanimidade entre os imigrantes e, quando ocorre,

não se dá sem conflitos ou dificuldades. Considerando que estas autoras (Assis, 2004, 2007; Alencar-Rodrigues, Strey e Espinosa Cantera, 2009; Pombo, 2010; Zamorra 2011) não estudaram os bolivianos em São Paulo, questionamos se a participação de homens seria uma possibilidade de estratégia de execução do trabalho doméstico nas casas e famílias de mulheres bolivianas em São Paulo.

Na literatura sobre trabalho doméstico, também se comenta que muitas vezes a participação dos homens é compreendida como ajuda. Para Marcondes (2014), o uso desta palavra mostraria como que a participação masculina seria pontual e entendida não como uma responsabilidade compartilhada, mas como uma benevolência. Em contraposição à ajuda masculina, o trabalho doméstico seria um dever das mulheres (HIRATA e KERGOAT, 2007). Em consonância com este argumento, Pombo (2010) e Nanes e Quadros (2010) mostram que mesmo diante da participação de outras pessoas, como homens, no trabalho doméstico, a responsabilidade por este trabalho ainda continuaria sobre as mulheres.

Diante da pouca ou inexistente participação de homens no trabalho doméstico, autoras como Vasconcelos (2013), Hirata e Kergoat (2007), Ávila (2009) e Assis (2004) comentam ser mais comum a divisão deste trabalho acontecer entre mulheres. A partir das experiências de imigrantes brasileiras na Venezuela, Vasconcelos (2013) pontua que as imigrantes que compõem famílias nucleares de classe média contratam outras mulheres para executar o trabalho doméstico em suas casas e famílias no país destino, enquanto que demais mulheres imigrantes não teriam esta condição financeira. Para se referir ao trabalho doméstico contratado e pago, autoras como Ávila (2009), usam o termo ‘trabalho doméstico remunerado’. Aqui, analisaremos este trabalho apenas se ele aparecer como uma estratégia para a organização do trabalho nas casas e famílias das interlocutoras. No mais, majoritariamente, estaremos nos referindo ao trabalho doméstico não remunerado (ÁVILA, 2009; POMBO, 2010;2011; BRITES, 2013).

Ao refletir sobre a divisão sexual do trabalho, Hirata e Kergoat (2007) consideram que mulheres de classes sociais privilegiadas, para ocupar postos no mercado de trabalho, externalizam o trabalho doméstico de suas casas e famílias para outras mulheres em situação de classe mais precária. Esta externalização do trabalho doméstico é nomeada por Hirata e Kergoat (2007) como “delegação”. Através da delegação, mulheres burguesas externalizariam o trabalho doméstico para outra mulher e não o dividiriam com seus maridos. Sendo assim, segundo Hirata e Kergoat (2007), uma divisão igualitária entre casais burgueses não seria

pautada, tanto que mesmo as mulheres burguesas deleguem este trabalho, seriam elas, e não os homens, responsáveis por gerir este serviço.

Para estas autoras, enquanto esta delegação é feita por mulheres burguesas, outras mulheres se organizariam através de uma rede de mulheres para gerir as demandas de trabalho doméstico em suas próprias casas e famílias. Assim como Hirata e Kergoat (2007), Ávila (2009) comenta sobre a formação de redes de mulheres para a execução do trabalho doméstico. Segundo esta autora: “De uma maneira geral, quando da existência de filhos/as pequenos/as, a ausência da mãe durante o tempo de trabalho remunerado é sustentada por uma rede entre mulheres. Mãe, sogra, vizinha, ou até a filha mais velha” (p. 205). Bruschini et al (2008) também comenta que muitas mulheres, além de experienciarem a dupla jornada, recorrem a redes formadas com outras mulheres, como as avós de seus filhos, para o auxílio na execução do trabalho doméstico. O que nos faz refletir novamente sobre a possibilidade de associação de mais de uma estratégia para a execução do trabalho doméstico.

Na sua pesquisa sobre brasileiras nos Estados Unidos, Assis (2004) comenta que algumas delas, quando têm filhos pequenos, recebem a visita de suas mães e irmãs para auxílio no cuidado de seus filhos. Além disso, Assis (2004) também destaca casos de amigas imigrantes que auxiliam imigrantes brasileiras neste trabalho. Sendo assim, estas mulheres comporiam redes no país destino como estratégia de articulação para a execução do trabalho doméstico em suas famílias.

A partir destas autoras (ASSIS, 2004, 2007; VASCONCELOS, 2013; ÁVILA, 2009; HIRATA e KERGOAT, 2007; BRUSCHINI et al 2008) consideramos, então, mais duas possibilidades de estratégia para a realização do trabalho doméstico: a contratação de uma trabalhadora doméstica e a articulação de uma rede de mulheres para a execução deste trabalho. Sendo assim, podemos pensar que mesmo que sejam as mulheres aquelas que articulam a execução do trabalho doméstico, há uma variedade de estratégias para a execução deste trabalho.

Também destacamos que a formação de redes e organização do trabalho doméstico pode se dar de forma específica a partir da experiência de mulheres imigrantes. Recentes estudos consideram que a execução do trabalho doméstico pode mudar a partir da migração (GLICK SCHILLER, 2000; PARELLA, 2012) pois o país destino pode apresentar novas relações de gênero. As mudanças no trabalho doméstico em função da migração podem variar de acordo com a composição domiciliar e familiar dos migrantes. Alencar-Rodrigues, Strey e

Espinosa Cantera (2009) e Assis (2004; 2007) comentam, por exemplo, casos de homens que passam a participar mais do trabalho doméstico em suas casas depois da migração.

Ainda que, tanto no Brasil como na Bolívia, o trabalho doméstico seja culturalmente associado às mulheres (DURHAM, 1983; PARELLA, 2012), a imigração de bolivianas para São Paulo pode significar o contato destas imigrantes com diferentes modos de organização deste trabalho ou a necessidade de reorganizá-lo em suas casas e famílias.

Como coloca Assis (2004), há a possibilidade de visita de mulheres parentes vindas do país de origem para o auxílio na execução do trabalho doméstico. Isto reafirmaria o trabalho doméstico como uma atribuição tradicionalmente feminina, e, além disso, mostraria como que estratégias de organização do trabalho doméstico podem envolver relações familiares e transnacionais. Para pensar sobre isto a partir das experiências das mulheres bolivianas, refletiremos sobre as bolivianas como transmigrantes (GLICK SCHILLER, 2000) uma vez que elas podem manter vínculos com o país de origem ainda que tenham migrado para o Brasil e, a partir destes vínculos, articular redes para a execução do trabalho doméstico.

Até então problematizamos estratégias que as mulheres articulam quando elas e eventuais filhos moram no país destino. Porém, nas trajetórias de migrantes, pode acontecer de as mulheres migrarem para outro país e seus filhos ou outros parentes permanecerem no país de origem. Para o cuidado destes, algumas mulheres imigrantes articulam redes compostas por principalmente avós, mas também: tias, sogras, irmãs e cunhadas que moram no país de origem (HIRATA e KERGOAT, 2007; ASSIS, 2004; 2007; PARELLA, 2012; VASCONCELOS, 2013; SCOTT et al, 2015), formando cadeias globais de cuidado (PÉREZ OROZCO, 2010). Sobre isto, Carpenedo e Nardi (2017) destacam que ainda que existam casos envolvendo mulheres da família paterna, continuam sendo mulheres as responsáveis pelo trabalho doméstico. Assim, as normas de gênero que organizam este trabalho se manteriam mesmo em contextos transnacionais (CARPENEDO e NARDI, 2017).

Sobre as mulheres que ficaram no país de origem, Scott et al (2015) destacam a importância da atuação destas mulheres que executam o trabalho doméstico como o cuidado dos filhos/netos que não puderam imigrar dada alguma insegurança ou irregularidade no processo migratório. Seria a partir destas articulações que a migração de algumas mulheres conseguiria ser concretizada (SCOTT et al, 2015) tanto que, segundo Carpenedo e Nardi (2017), algumas mulheres não migrariam se não tivessem confiança nas mulheres que ficaram no país de origem executando o trabalho de cuidado de seus filhos.

Sobre as relações entre mulheres no país destino e os parentes no país de origem, Vasconcelos (2013) destaca que as mulheres imigrantes participam do cuidado de filhos e familiares idosos mesmo à distância. A autora evidencia que, mesmo separadas de seus filhos, as mulheres acompanham o crescimento e a educação deles, fazendo uso de estratégias de comunicação como ligações telefônicas ou contatos pela internet. No caso de parentes mais idosos, pode haver um membro mais novo da família que faria o papel de “mediador/a tecnológico”, assistindo no acesso a tecnologias de comunicação (CARPENEDO e NARDI, 2017). Dessa forma, as mulheres imigrantes manteriam o contato e monitorariam o cuidado de seus filhos, assim como de familiares idosos. Além disso, segundo Carpenedo e Nardi (2017), as remessas de dinheiro também seriam vistas pelas mulheres imigrantes como uma maneira de interagirem e manterem contatos com seus filhos. Dessa forma, as mulheres desempenhariam tanto obrigações maternas como de provedoras à distância (CARPENEDO e NARDI, 2017).

Estas experiências nos fazem refletir sobre a execução do trabalho doméstico através de cadeias globais de cuidado (PÉREZ OROZCO, 2010) pois o trabalho de cuidado que elas executavam no país de origem é rearticulado ao mesmo tempo que elas, como transmigrantes, mantêm os vínculos com o país de origem e seus residentes. Sendo assim, as estratégias para realização do trabalho doméstico após a migração de mulheres bolivianas podem envolver não só suas casas e famílias em São Paulo como suas eventuais casas e famílias na Bolívia, nos permitindo pensar sobre relações transnacionais. Assim, analisar estratégias articuladas por mulheres bolivianas em São Paulo nos possibilita refletir sobre relações que elas estabelecem com diferentes atores, como: seus maridos, empregadores, familiares e amigos tanto no país destino como no país de origem; o que indica a complexidade e amplitude do tema em análise. Considerando todas estas relações, ao analisar os dados da pesquisa, refletimos sobre uma ampla gama de possíveis estratégias para execução do trabalho doméstico como: dupla jornada de trabalho, saída do mercado de trabalho, redes de mulheres, creches, visitas de parentes, participação de homens e cadeias globais de cuidado. Assim, poderemos analisar não só quais as estratégias articuladas pelas mulheres bolivianas em São Paulo como quem participa destas atividades e se existem eventuais especificidades nestas estratégias relacionadas ao fato de as interlocutoras desta pesquisa serem imigrantes e bolivianas. Todas estas questões foram feitas e problematizadas a partir do campo desta pesquisa, o qual é tema do próximo capítulo.

3 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Para construir a dissertação aqui apresentada, realizamos intensa pesquisa de campo, além de análise e revisões bibliográficas. Durante o mestrado, algumas estadias na cidade de São Paulo nos permitiram construir a pesquisa. Neste capítulo, debateremos a construção deste campo.

3.1 Mapeando o campo e estabelecendo os primeiros contatos

O primeiro passo da pesquisa de campo foi um mapeamento do mesmo. Em fevereiro de 2017, eu, Eloah, estive em São Paulo durante 15 dias com o objetivo de estabelecer os primeiros contatos com o campo. Foi neste período que conheci pessoalmente algumas instituições que organizam atividades e cursos voltados para os imigrantes. Assim, nesta primeira ida à cidade em função da pesquisa, já pude ir estabelecendo alguns contatos. Foi em fevereiro que conheci umas das interlocutoras desta pesquisa, Vera², pois ela participa de um grupo de imigrantes que eu havia entrado em contato inicialmente pela internet e, em fevereiro, pude conhecê-la pessoalmente.

Esta primeira ida a São Paulo foi um momento de mapear o campo, conhecer alguns pesquisadores do assunto e alguns espaços frequentados pela comunidade boliviana na cidade como: a praça Kantuta, postos de saúde e escolas. A Kantuta é uma praça no bairro do Pari frequentada pela população boliviana em São Paulo, onde acontece uma feira nos finais de semana com venda de comidas, roupas, brinquedos, cortes de cabelo, além de barracas com informações para os imigrantes e serviços como o envio de remessas. Em fevereiro, conheci não só a Kantuta, como também a rua Coimbra, que fica no bairro do Brás, e é outro local na cidade onde tem vários comércios e serviços com foco na população boliviana. Nestes espaços, também acontecem apresentações culturais de danças típicas bolivianas como *Caporales*, *Tinkus*, *Salay*. As remessas, as danças e as comidas me fizeram refletir sobre o fato de que muitos dos imigrantes em São Paulo não romperam relações com a Bolívia, mas, como transmigrantes, estabeleceram novas relações com o país de origem.

Em julho de 2017, retornei para São Paulo. Esta segunda ida a campo já foi uma estadia mais longa, quase um mês. Neste período, frequentei várias vezes a praça Kantuta e

2 Como acordado com as interlocutoras através do TCLE serão utilizados nomes fictícios ao longo de toda a dissertação para garantir o anonimato.

trabalhei como colaboradora de um coletivo de imigrantes³ que divulga informações na praça. Esta foi uma oportunidade de conhecer mais a dinâmica da praça, do coletivo, além de assim poder conhecer e conversar com mais pessoas, dentre elas bolivianos e bolivianas. Através de organizações como este coletivo que me aproximei em julho, conheci Paloma e Bete, que mais tarde viriam a participar da pesquisa. Todas estas experiências e conversas foram essenciais para que eu fosse repensando e aperfeiçoando a pesquisa, assim como estabelecendo relações de confiança.

Desde o mapeamento do campo, todas as observações e interações foram registradas em caderno de campo e, posteriormente, passadas a limpo em diário de campo (MALINOWSKI, 1978). Inicialmente escrevi o diário de campo à mão, mas depois comecei a construir um diário escrito digitalmente por acreditar que os recursos do computador me ajudariam depois a, por exemplo, encontrar palavras e termos chave no momento de análise.

Com as disciplinas do mestrado findadas ao final de 2017, fui para São Paulo em fevereiro de 2018 com o intuito de realizar o processo mais intenso de campo: observações, convivências e entrevistas. E, assim, em fevereiro, embarquei para São Paulo, onde fiquei até julho, realizando atividades da pesquisa. Um pouco antes de viajar, já tinha avisado algumas das mulheres que tinha conhecido, que eu estava voltando para cidade. Assim, chegando na cidade, já comecei a ir em atividades e eventos sobre migrações para encontrar estas mulheres e estabelecer novos contatos. Nos meses em campo, fiquei hospedada em quatro casas de familiares e amigas. De início, planejava ficar também na casa de algumas das interlocutoras, mas este convite não aconteceu.

Durante estes meses na cidade, foram várias as atividades que participei. Atividades como: idas a seminários e palestras, visitas a organizações que trabalham com a questão migratória, apresentações de músicas andinas, campanhas pelo trabalho digno, ato pelo acesso ao mar⁴, visitas à Praça Kantuta, à rua Coimbra e idas a missas católicas da comunidade latina

3 Não informarei o nome do coletivo, dado que através dele que conheci algumas das mulheres entrevistadas, podendo comprometer o anonimato com elas acordado.

4 No calendário boliviano, o dia 23 de março é o dia de celebração ao mar e marcha pelo acesso a este. Em 2018, pude ir ao ato pelo acesso ao mar que aconteceu no Memorial da América Latina, com discurso do Cônsul e desfile de uma série de associações da comunidade (vídeo deste ato disponível online em MARCHA, 2018). Esta data é uma referência aos resultados da Guerra do Pacífico (1879 -1883). Nesta guerra, a Bolívia, aliada ao Peru, perdeu do Chile e, como consequência, este país teve acesso a uma parte do território boliviano, o que incluiu o acesso ao mar. Desde então, a Bolívia segue reivindicando este acesso. A reivindicação inclui atos como o de São Paulo e negociações em cortes institucionais como o tribunal das Nações Unidas. Em 2013, a Bolívia apresentou um pedido que visava obrigar o Chile a negociar sobre a saída ao mar, mas em outubro de 2018, a Corte Internacional de Haia rejeitou o pedido. Mesmo assim, o

em São Paulo. Ir nestes lugares e atividades foram, muitas vezes, estratégias para encontrar com as interlocutoras sem um agendamento prévio. A partir de algumas destas atividades pude reencontrar algumas mulheres, como Vera, Paloma e Bete, e conhecer outras. Foi, por exemplo, em um seminário em função do dia 8 de março que conheci Fernanda e Flora. Espaços institucionais me proporcionaram mais alguns encontros com futuras interlocutoras. Em campo, pude conhecer alguns coletivos que atuam na questão migratória e se disponibilizaram a dialogar comigo. Coletivos como o Coletivo Sí, yo puedo⁵; assim como a ONG CAMI. Foi através do CAMI⁶, que se propôs a me auxiliar com contatos para a pesquisa, que conheci outras interlocutoras. Outra instituição presente no campo foi o Sindicato de Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo, do qual Dalva é uma das diretoras. Eu a vi pela primeira vez através de um seminário transmitido pela internet e depois, sabendo que a mesma era uma das diretoras do Sindicato, fui atrás desta organização para poder conhecê-la e entrevistá-la.

Tendo conhecido algumas interlocutoras, elas, por sua vez, me apresentaram a outras mulheres. Bete, por exemplo, me apresentou Joana, que participa do mesmo grupo de música que ela. Fernanda me apresentou Margarida, que, na época, participava da mesma associação de mulheres bolivianas que Fernanda. E Vera, sabendo da minha pesquisa, me indicou conversar com Laura. Sendo assim, conheci as interlocutoras através de organizações e grupos que trabalham com a questão migratória e também através de redes que as interlocutoras possuem. As sugestões das interlocutoras não se limitaram a novos contatos. Muitas delas me indicaram atividades e eventos para ir, assim como sugeririam como eu deveria me relacionar com algumas instituições presentes em campo. Sempre que questionada, comentava com as interlocutoras como estava a pesquisa e me mantive atenta a suas sugestões sobre o campo.

3.2 Perfil das interlocutoras

presidente boliviano Evo Morales diz que o país seguirá na tentativa de negociação sobre o acesso ao mar (PASEIRO, 2018; BOLÍVIA, 2018).

- 5 O Sí, yo puedo é um coletivo que organiza uma série de atividades com foco na democratização do conhecimento e da informação para jovens imigrantes. Dentre as suas atividades estão: aulas de português e cursinho preparatório para as provas de ingresso em cursos técnicos e superiores.
- 6 CAMI é o Centro de Apoio e Pastoral do Migrante. Esta é uma ONG que atua na defesa de direitos, na discussão e proposição de políticas migratórias que garantam o respeito aos direitos dos imigrantes. Oferece: orientação jurídica especializada; auxílio para regularização migratória; além de atividades de formação para a cidadania, inclusão social e digital.

Durante a pesquisa de campo, pude conhecer várias mulheres bolivianas e com dez delas estabeleci relações de maior proximidade. Estas dez mulheres são as interlocutoras desta pesquisa, são elas: Joana, Margarida, Fernanda, Flora, Janete, Paloma, Bete, Vera, Laura e Dalva. Todas bolivianas, mas nem todas com a mesma história. Consideramos, portanto, mulheres em situações semelhantes e diferentes que nos propiciaram compreender as homogeneidades, diferenciações, reincidências e complementariedades do campo (MINAYO, 2017). Além disso, baseados em Gaskell (2002), consideramos que realizar entrevistas qualitativas com pessoas de diferentes perfis foi uma possibilidade de ter acesso a uma variedade de pontos de vista, sem o objetivo de realizar grandes generalizações, tratando-se de uma pesquisa qualitativa.

Como poderá ser visto a seguir e ao longo dos próximos capítulos, as histórias delas são diversas, ainda que com pontos de confluência. Todas elas são mulheres adultas, com documentação migratória regularizada, residentes da cidade de São Paulo, local de delimitação da pesquisa. Dentre elas, algumas casadas, a maioria com filhos, muitas, mas nem todas, trabalhando no ramo da costura. Para conhecer um pouco mais delas, apresentarei a seguir um pouco sobre cada uma, além de um quadro com informações das interlocutoras.

Quadro 01 – As interlocutoras

Nome	Idade	Local de origem	Ano de imigração	Filhos	Estado Civil	Profissão/ ocupação
Bete	54	Oruro	1993	3 filhos	Casada	Costureira
Dalva	56	Santa Cruz	1996	1 filha	Casada	Diretora em sindicato / Vendedora
Fernanda	50	La Paz	2015	1 filha	Solteira	Psicóloga/ Desempregada
Flora	46	La Paz	1985	4 filhos	Casada	Costureira
Janete	37	La Paz	2006	5 filhos	Solteira	Costureira
Joana	41	Pacajes	1993/1994	5 filhos	Casada	Costureira
Laura	37	Cochabamba	2011	2 filhas	Casada	Psicóloga/ Babá/ Doutoranda
Margarida	42	La Paz	2006	1 filho	Solteira	Pedagoga / Costureira
Paloma	34	Sucre	1987	1 filha	Solteira	Advogada
Vera	35	La Paz	1992	Não	Solteira	Dentista / Doutoranda

Fernanda, 50 anos, psicóloga nascida na cidade de La Paz. Segundo ela mesma, é uma “mãe *sola*” (Diário de Campo, 10/03/2018), pois é solteira e tem uma filha de 15 anos. As duas moram com uma outra mulher, ex-babá da filha de Fernanda. Esta mulher, por sua vez, é, segundo Fernanda, a “segunda mãe” de sua filha (Diário de Campo, 10/03/2018). Em 2015, as três imigraram juntas para São Paulo. Quando imigraram, chegaram de ônibus pela rodoviária da Barra Funda, foram morar com a irmã da “segunda mãe” e começaram a trabalhar na costura. Mas, acabaram ocorrendo desentendimentos, e elas foram morar só as três, como acontece hoje. Depois de passar por outros empregos em organizações que trabalham com a questão migratória, Fernanda está atualmente desempregada.

Bete, 54 anos, nasceu na cidade de Oruro. Iniciou a faculdade de secretariado ainda na Bolívia mas parou porque era caro e ela tinha que trabalhar. Atualmente ela é casada com um boliviano. Com ele, teve um filho no Brasil. Mas, antes de imigrar já tinha dois filhos de outro relacionamento na Bolívia. Bete imigrou em 1993 sozinha, seus dois primeiros filhos ficaram na Bolívia. Quando imigrou, Bete trabalhava como trabalhadora doméstica na casa de um boliviano que apreendeu seus documentos, além de ter a ameaçado. Depois de um tempo, ela conseguiu sair desta casa e passou a trabalhar como costureira, com o que trabalha hoje em dia. Em São Paulo, reencontrou seu atual marido, um antigo conhecido boliviano, e os dois se casaram. Em 1994, Bete retornou à Bolívia para buscar seus filhos. O seu segundo filho veio com ela, mas o filho mais velho veio há apenas oito anos. Atualmente, Bete mora com seu filho mais novo, seu marido e seus netos passam bastante tempo em sua casa. É nesta casa que Bete tem algumas máquinas e costura junto com seu marido e o filho mais novo.

Margarida, 42 anos, pedagoga, nasceu na cidade de La Paz e se coloca como “mãe solteira” (Diário de Campo, 08/05/2018). Ela estava grávida de seu único filho quando veio para São Paulo sozinha em 2006 depois de alguns problemas que teve com o pai de seu filho, que ela se refere como um homem violento. Seu filho nasceu no Brasil em 2007. Em 2008, ela decidiu voltar para Bolívia, e em 2011 retornou para São Paulo. Onde, atualmente trabalha como costureira em uma fábrica, por ela chamada de “firma” (Entrevista, 08/05/2018). Antes disso, já trabalhou como cozinheira e costureira em uma oficina de costura em São Paulo.

Dalva, 56 anos, nasceu no interior do departamento de Santa Cruz. Imigrou para São Paulo em 1996 quando sua irmã, que já estava em São Paulo, a enviou dinheiro para que ela migrasse. Sua filha ficou na Bolívia com a avó. Quando imigrou, Dalva foi trabalhar como

*niñera*⁷ da filha de uma boliviana, dona da oficina onde sua irmã era cozinheira. Depois de um tempo, se casou com um brasileiro e, passado dois anos, foi até a Bolívia buscar sua filha. Atualmente mora com seu marido, sua filha e seu neto e faz peças em crochê para vender aos domingos na Avenida Paulista. Além disso, Dalva é uma das diretoras do Sindicato de Trabalhadores Domésticos do município de São Paulo. Há alguns anos, Dalva conhece e frequenta este sindicato, entretanto, ela só pôde se associar e assumir o cargo de diretora a partir da aprovação da nova Lei de Migração (BRASIL, 2017) que permite a associação de imigrantes a sindicatos diferentemente do anterior Estatuto do Estrangeiro (BRASIL, 1980), que datava da ditadura militar e esteve em vigor até 2017.

Laura, 37 anos, psicóloga nascida em Cochabamba. Imigrou em 2011 com suas duas filhas (11 e 12 anos atualmente) e seu marido. Ele já havia imigrado para São Paulo de 2008 a 2010 e, em 2011, retornou com a família. Logo que imigrou, Laura ajudava seu marido no ateliê de costura que ele montou. Depois de um tempo, começou a trabalhar como babá na casa de uma família brasileira. Hoje em dia trabalha em outra casa como babá de uma criança brasileira. Além disso, está fazendo seu doutorado na área de psiquiatria e tenta revalidar seu diploma de psicóloga. Seu marido continua trabalhando no ateliê com a ajuda de um sobrinho. Este e mais duas sobrinhas de seu marido moram com Laura, suas duas filhas e seu marido em uma casa.

Paloma, 34 anos, advogada nascida em Sucre. A sua história de imigração foi iniciada por seus pais. Eles, então residentes de medicina, imigraram para São Paulo. Passado um tempo, veio Paloma, com três anos, e suas duas irmãs. Depois, seus pais tiveram mais cinco filhos no Brasil. Atualmente, Paloma mora com sua filha de 15 anos e advoga na área cível.

Flora, 46 anos, imigrou de La Paz para São Paulo. Antes dela, seu pai já tinha imigrado para São Paulo. Depois de um tempo, ele foi para Bolívia e retornou para o Brasil com a esposa e os seis filhos que tinham na época. Isto foi em 1985, quando Flora tinha 13 anos. Aos 16 anos, casou-se com seu marido, também boliviano. Com ele teve quatro filhos, que atualmente têm entre 23 e 30 anos. Depois de adulta, Flora terminou seus estudos no Brasil. Atualmente, mora com seus filhos e seu marido. Desde nova, a costura esteve presente em sua vida. Ela já trabalhou na oficina de seu pai, já teve máquinas em sua casa para costurar com seu marido, e, hoje em dia, esporadicamente trabalha com seu irmão, o auxiliando na costura.

7 *Niñera*, em espanhol, significa babá. Nas nossas conversas, Dalva recorrentemente usava esta palavra para se referir ao seu trabalho quando chegou a São Paulo.

Joana, 41 anos, é da província de Pacajes, no departamento de La Paz. Imigrou para o Brasil quando tinha entre 16 e 17 anos para trabalhar cuidando dos filhos de uma prima. Depois de um tempo, começou a trabalhar com costura. Se casou com um boliviano e teve 5 filhos: duas gêmeas de 16 anos, um menino de 15 anos, outro de 10 anos e o mais novo de 6 anos. Mora com eles e seu marido na mesma casa onde tem máquinas e costura com seu marido.

Assim, como Joana, Janete trabalha costurando nas máquinas que tem em sua casa. Nesta, ela mora com seus cinco filhos (3 anos, 8 anos, 10 anos, 12 anos e 17 anos). Quando migrou de La Paz, em 2006, migrou sozinha. Nesta época tinha apenas um filho e este ficou na Bolívia com a avó. Janete veio porque queria conseguir dinheiro para a sua faculdade. Ela cursava pedagogia na Bolívia e agora deseja cursar serviço social. Quando chegou, trabalhava e morava em uma oficina. Nesta oficina, seus documentos ficaram apreendidos e ela teve que trabalhar por 5 meses para pagar os gastos com a sua vinda. Depois de um tempo no Brasil, se casou com um boliviano e foi até a Bolívia buscar seu filho. Mas, depois de uma série de violências, se separou.

Vera, 35 anos, dentista da cidade de La Paz. Imigrou para São Paulo, em 1992. Ela veio com sua mãe e suas duas irmãs ao encontro do seu pai que já estava em São Paulo há cerca de três anos. Seus pais montaram uma oficina, onde Vera trabalhava após a escola. Por ser filha de donos de oficina, Vera se coloca como um “ponto fora da curva” (Diário de Campo, 08/04/2018). Aos 15 anos, Vera foi para Argentina, trabalhar em oficinas de costura. Passados seis meses, voltou para São Paulo, fez supletivo e ingressou em um curso técnico de enfermagem. Neste período, os pais de Vera já tinham fechado a oficina e ela os ajudava trabalhando no restaurante que montaram. Depois do curso técnico, fez faculdade em odontologia, mestrado e, atualmente, está finalizando o seu doutorado. Hoje, além do doutorado, trabalha como dentista em consultório. Vera, entre as interlocutoras, é a única que mora sozinha e não tem filhos. Assim como as demais interlocutoras, Vera tem a sua trajetória entrecortada por experiências no ramo têxtil. De todas as interlocutoras, apenas Paloma não fez menções à costura em sua experiência migratória. O que reafirma, por esta pesquisa, a forte presença da comunidade boliviana na costura (SILVA, 2006; ILLES, TIMÓTEO, PEREIRA, 2008), ainda que tenhamos conhecido mulheres com diferentes profissões e formações entre as interlocutoras, como babás, dentistas, psicólogas, advogadas e pedagogas.

Dentre as interlocutoras também destacamos a confluência dos lugares de origem. Todas elas, com exceção de Dalva, nasceram no Altiplano Boliviano. Ainda que Dalva não tenha nascido no Altiplano, ela cresceu e emigrou para São Paulo vinda de Sucre, que fica no Altiplano Boliviano (vide Mapa 01). Esta maioria percebida na pesquisa confirma a literatura que afirma que é do Altiplano Boliviano, com destaque para a cidade de La Paz, que mais emigram pessoas para São Paulo (SILVA, 1997). Sobre isto, também vale destacar que há uma rivalidade regional entre os bolivianos do Oriente (os *cambas*) e os do Altiplano (os *collas*) (SILVA, 1997). Pude perceber em alguns momentos esta rivalidade, quando Laura, por exemplo, comentou que os *cambas* são mais preguiçosos porque em Santa Cruz é mais quente, então eles teriam preguiça de trabalhar.

Mapa 01 – Bolívia



COTOPIA

Estas não são as únicas tensões entre os *patrícios*⁸. Em São Paulo, pude observar e conversar sobre relações de exploração entre conterrâneos. Como destaquei anteriormente, Bete teve seus documentos apreendidos por um boliviano para quem prestava trabalho doméstico. Dalva também comentou sobre trabalhadoras domésticas bolivianas que são exploradas por seus *patrícios*, não sendo raros também os comentários sobre tensões entre donos de oficina e costureiros bolivianos. Tensões estas vividas por Janete. Estas situações compõem o cenário a partir do qual várias organizações da sociedade civil lutam pelo trabalho digno e contra o trabalho análogo ao escravo. A partir das trajetórias das interlocutoras, pudemos perceber que, como coloca Assis (2004) ao estudar brasileiros nos Estados Unidos, as redes entre conterrâneos são permeadas por tensões.

Ao mesmo tempo, segundo Assis (2004), no processo migratório, há relações de solidariedade que os migrantes constroem com conterrâneos entre a sociedade de origem e de destino. Muitas vezes estas redes foram fundamentais para a efetivação do processo migratório das interlocutoras. Como coloca Silva (2006), uma vez que bolivianos se estabeleceram no Brasil, houve o estímulo à reunificação familiar e à vinda de parentes. É o que podemos perceber nas experiências de Laura, Vera, Flora, Paloma, Fernanda, Joana e Dalva. Assis (2004) ainda destaca a ativa participação das mulheres na integração e articulação destas redes de migração, o que também podemos perceber nas histórias de Fernanda, Joana e Dalva, cujas irmãs e primas tiveram participação ativa nas suas migrações. As mulheres também aparecem nas trajetórias das interlocutoras como avós e tias que ficaram no país de origem cuidando dos seus filhos, possibilitando que algumas interlocutoras migrassem. Assim, como poderemos ver nos capítulos seguintes, por estas redes de solidariedade entre país de origem e país destino também pode perpassar o trabalho doméstico.

3.3 Passos em campo: acompanhando as interlocutoras, entrevistando, observando e participando do trabalho doméstico

De início, encontrar e conhecer mulheres bolivianas era o meu maior objetivo, pois eu queria ir estabelecendo relações de confiança até conhecer suas casas e poder realizar as observações do trabalho doméstico nas suas próprias casas. Entretanto, o convite para ida à

8 *Patrício* é a palavra em espanhol utilizada pelos bolivianos para se referir aos seus conterrâneos.

casa das mulheres foi demorando mais do que eu imaginava e, diante disso, fui percebendo que acompanhá-las na maior diversidade de atividades possíveis também me permitia conhecê-las mais e conviver com elas. Foi assim que conversas informais sobre o trabalho doméstico foram surgindo. Por isso, seguir e acompanhar as mulheres em suas atividades do dia a dia também se tornou uma estratégia em campo. Dessa forma, mais uma gama de atividades surgiram em campo: reuniões de grupos de imigrantes, aniversários, ensaios de grupos musicais, idas ao supermercado, a marchas, a parques, a peças de teatro, a museus, ao cinema, a órgãos públicos para resolver pendências, à feirinha da madrugada⁹, além de cerimônias como o Ano Novo Aymara¹⁰ e um casamento. Segundo Vera, eu estava em todas as atividades da comunidade boliviana em São Paulo. Uma vez ela me disse algo como “Você tá em tudo” (Diário de campo, 20/05/2018). Já Joana, me questionou, quando eu estava no campeonato de futebol, “isso (aqui) te ajuda em algo?” (Diário de campo, 01/05/2018). Sim, me ajudou, tudo foi fundamental.

Nestas diversas atividades, pude conversar com as mulheres e, muitas vezes, o trabalho doméstico, sem que eu perguntasse, surgia como um assunto. Estas conversas se deram muitas vezes nas atividades ou nos deslocamentos para as atividades, no metrô de São Paulo. Uma vez, por exemplo, no carro de Vera, ela comentou sobre o cuidado com seus pais e sua casa. Joana, no supermercado, comentou sobre o cuidado com seus filhos e, no ensaio do grupo de música que seu marido toca e ela dança, ela falou sobre o acompanhamento que faz na escola dos seus filhos. O trabalho doméstico também surgiu como tema de conversa no museu com Flora e na quermesse com Laura. Nestas conversas, pude perceber como que o trabalho doméstico perpassa a vida destas mulheres em diferentes espaços e momentos de suas vidas. Assim, seguir as mulheres foi uma oportunidade de conversar informalmente sobre

9 Esta feira funciona nas madrugadas, antes das lojas do bairro do Brás abrirem. Nesta feira se comercializa uma série de produtos, mas, principalmente vestuários. Muitos deles costurados e comercializados por bolivianos. Muitos dos compradores são pessoas que vem até a feira dos mais variados lugares do Brasil e depois revendem as peças. Tanto que próximo à feirinha há rodoviárias com ônibus de diferentes origens. É uma feira muito movimentada. Vera, quando nos arrumávamos para ir para a feirinha, se referia a ela como “a Índia”, como “ir para guerra” (Diário de Campo, 13/06/2018). Durante o campo, um galpão onde funcionavam boxes desta feira foi demolido em função de uma reintegração de posse. Diante desta demolição, algumas interlocutoras comentaram que seu ritmo de trabalho diminuiu. Mesmo assim, Vera reforçou que a feira é muito mais do que este galpão, se estendendo por mais de 20 ruas no Brás. Em campo fui à feirinha junto com Vera. Ela mora em uma das ruas onde acontece a feirinha. Como a feirinha é de madrugada, dormi em sua casa para irmos. Quando fomos à feirinha já tinha se passado mais de um mês da demolição e o comércio se estendia por várias ruas.

10 Celebração do solstício de inverno na madrugada de 20 para 21 de junho. Neste ano, celebrou-se o 5526º Ano Novo Andino-Amazônico. Em São Paulo, pude ir na celebração que aconteceu na Praça Miguel Francelino no bairro do Pari. Em campo, as interlocutoras se referiam a esta celebração como o Ano Novo Aymara, mas em convites formais do consulado se usou o nome Ano Novo Andino-Amazônico.

o trabalho doméstico, mas, mais do que isso, foi uma forma de poder observar e participar do trabalho doméstico.

Nesta pesquisa de mestrado, utilizei a observação participante (MALINOWSKI, 1978; ANGROSINO, 2009) como parte da metodologia. Planejei, desde o projeto de pesquisa, observar as dinâmicas de trabalho doméstico nas casas e seguir com estas observações em outros espaços ocupados por estas mulheres. Em campo, estes outros lugares para observações do trabalho doméstico foram surgindo. Assim, acompanhando as mulheres nos mais variados espaços, pude observar o trabalho doméstico para além do espaço da casa. Nos momentos que nos encontrávamos, não eram raras as ligações de seus filhos, seguidas por ordens dadas por elas ao telefone. Nas reuniões de articulações de imigrantes, comumente crianças estavam presentes e suas mães e avós alternavam a presença na reunião com o cuidado com seus filhos e netos. Nos ensaios de músicas, as mulheres sempre estavam organizando os lanches a serem servidos para as pessoas. Os ensaios, também foram um espaço onde pude ver o cuidado com os filhos, como mães amamentando e trocando seus filhos bebês.

Andar pelos bairros onde residem também foi uma oportunidade de ver mães e crianças indo às escolas e aos postos de saúde. Na praça Kantuta e na rua Coimbra, não foi raro, ver famílias de bolivianos com adultos e crianças, sendo comum que as crianças menores e os bebês estivessem em carrinhos de bebês, carregadores de bebê ou nos *aguayos*¹¹, o que também pude observar na feira da madrugada, como comento no diário de campo:

Vi crianças dormindo em carrinhos nos boxes de vendas de roupa, crianças sendo carregadas nos braços por pais vendedores ou no *aguayo* de uma mãe que comprava. (Diário de Campo, 13/06/2018)

Assim, observar as atividades de trabalho doméstico, acabou estando presente nos mais variados espaços em campo. Como comenta Pombo (2010; 2011), ações para a garantia dos cuidados dos integrantes da casa, como parte do trabalho doméstico, podem acontecer em locais para além do espaço doméstico.

Mais do que observar, eu planejava também poder participar do trabalho doméstico como forma de interagir em campo. Esta participação foi possível, para além das casas das interlocutoras, nos espaços das mais diversas atividades que elas participaram e eu as

11 Tecidos andinos super coloridos utilizados pelas mulheres para carregar mercadorias ou crianças (SILVA, 1997; YUJRA, 2016).

acompanhei. Nas idas às reuniões de grupos de imigrantes, não raramente fiquei brincando com as crianças enquanto as mães se reuniam. Assim como, participei da organização e distribuição de lanches e almoços nos ensaios de música que fui com Joana e Bete, além de ajudar com a comida e limpeza no aniversário da sobrinha de Margarida. Foi com Margarida, um dos momentos que mais recordo a minha participação no trabalho doméstico. Por ser feriado, Margarida combinou de ir no parque com algumas de suas amigas e seus filhos para fazer um *aphtapi*¹² e me convidou para ir. Sobre a nossa ida ao parque escrevi no diário de campo:

Depois de um tempo, Margarida comenta que seu filho queria jogar futebol. Margarida me pergunta se eu vou jogar, digo que não vou jogar (...). E ela diz que eu fico de babá das crianças (gostei que ela usou esse termo). As outras mulheres riem quando Margarida diz isso. Elas vão jogar. E eu fico de babá. Brinco bastante com o filho de uma delas, ele ri bastante comigo (...). Ele fica em meu colo, tranquilo. O outro fica entretido comendo salgadinho (...). Depois de um tempo, a filha de uma delas, que estava brincando distante de nós, volta e eu brinco com ela de jogar bola de uma pra outra entre nossas pernas. Ela se distrai um pouco, mas antes estava achando ruim, querendo ir jogar com a mãe. (Diário de Campo. 31/05).

Além da possibilidade de observar e participar do trabalho doméstico em espaços públicos, seguir e acompanhar as mulheres nas mais variadas atividades de seus cotidianos me permitiu o acesso à casa de algumas delas. Enquanto algumas brasileiras, esposas de bolivianos, me convidaram para ir em suas casas assim que nos conhecemos, as interlocutoras bolivianas demoraram alguns meses para me fazer este convite. Acredito que a relação de confiança que foi sendo construída nos mais variados espaços com estas mulheres, contribuiu para que os convites surgissem. Outra estratégia que também facilitou o acesso às casas de algumas delas foi meu pedido para que elas me apresentassem seus bairros. Assim, acabei chegando na casa de algumas interlocutoras.

Dentre as interlocutoras que dialoguei ao longo da pesquisa, cada uma mora em um bairro, mas nove delas moram nas áreas de maior concentração da população boliviana: zonas norte, leste e central da cidade (XAVIER, 2012). Apenas Laura mora fora destas áreas, pois mora na zona sul, no bairro de Vila Mariana. As demais moram em bairros das zonas destacadas por Xavier (Ibidem). Na zona norte moram Janete no bairro de Casa Verde e Bete na Vila Nova Mazei. Na zona central moram Paloma na República, Vera no Pari e Joana no Bom Retiro. Na zona leste, moram Margarida no Belém, Fernanda em Guaianazes, Flora em São

12 Momento de reunião, quando cada pessoa leva alguma comida e se come coletivamente. A comida pode ser colocada sobre um *aguayo* no chão para que todos comam.

Miguel e Dalva na Vila Carrão. Em muitos destes bairros, estas mulheres não são as únicas imigrantes. Andando em Casa Verde, por exemplo, pude ver vários casais e famílias bolivianas, além de lugares vendendo, por exemplo, *salchipapas*¹³. Outros bairros, como o Bom Retiro, se caracterizam pela presença não só de bolivianos como de imigrantes de outras nacionalidades (MAGALHÃES, BÓGUS e BAENINGER, 2018). Tanto que caminhando pelas ruas do Bom Retiro ou em outras áreas centrais, ao longo do campo, não foram raros os momentos de escutar outras línguas além do espanhol como: quéchua, aymara¹⁴, crioulo, coreano, chinês e árabe.

Andando por alguns desses bairros também pude escutar comentários xenofóbicos. Caminhando pelo Brás, escutei: “Vem lá da Bolívia pra ser bandido aqui” (Diário de Campo, 22/03/2018). Na sala de espera do Posto de Saúde do Pari, alguns brasileiros disseram que estão “competindo com as bolivianas” (Diário de Campo, 22/03/2018). Para Vera, o preconceito sofrido pelos bolivianos é diferente do sofrido por argentinos e chilenos porque estes são brancos enquanto que os bolivianos têm traços andinos¹⁵. Para ela, o andino, o indígena é aquilo que “o brasileiro entende como tudo que não quer” (Diário de Campo, 03/05/2018). A xenofobia também foi relatada por algumas interlocutoras quando comentaram sobre a dificuldade para conseguir alugar suas moradias.

Dentre as interlocutoras, apenas Vera e Flora moram em casas próprias, todas as demais moram de aluguel. E apenas Vera mora sozinha. Os aluguéis se dão de diferentes formas. Janete, Bete, Laura, Fernanda e Paloma alugam casas/apartamentos inteiros, ou seja, só elas moram com seus respectivos filhos e eventuais maridos nos locais onde alugam. Entretanto, não foi sempre assim, Fernanda e Laura, por exemplo, já moraram com suas famílias em um ou alguns cômodos alugados de uma casa. Fernanda, quando chegou, alugava dois cômodos e um banheiro. Ela se queixa desta fase e diz: “Não sei como vocês chamam de cômodos, não são cômodos” (Diário de Campo, 10/03/2018).

A sublocação de cômodos perpassa a experiência de Margarida atualmente. Ela, assim como Fernanda, fez comentários sobre esta condição de moradia. Quando Margarida me convidou para tomar um café em sua casa, ela fez a ressalva que era um quarto só. Entendi como um pedido dela para que eu não reparasse na simplicidade. E ela seguiu dizendo que

13 *Salchipapas* é um prato com salsichas fritas, batatas fritas e molhos.

14 Quéchua e Aymara são algumas das línguas tradicionais faladas na Bolívia.

15 Expressão usada por Vera e outras pessoas em campo para comentar as características de aparência indígena dos bolivianos.

teria que arrumar o quarto para me chamar. Ela aluga um quarto dentro de uma casa. Neste quarto, ela mora com seu filho. Este quarto é não só o espaço onde dormem, como também o local onde cozinham.

Joana também divide a sua casa, mas de uma forma diferente de Margarida. Joana divide a casa onde mora com a irmã e os irmãos de seu marido, suas esposas e filhos. Nesta casa, Joana e seu marido têm, no primeiro andar, suas máquinas. É ali que trabalham costurando. A costura está presente na casa de muitas outras interlocutoras. Vera reforça que a casa é vista pelos bolivianos como um local de trabalho, o que, segundo ela, seria diferente dos brasileiros que teriam a casa como local de descanso. Vera e Flora comentaram que muitas vezes o espaço onde seria a sala é onde instalam suas máquinas de costura e trabalham. As pessoas que costuram em suas próprias casas se nomeiam como “independentes”. Elas recebem peças cortadas de um fornecedor, costuram nas máquinas que têm em suas casas e devolvem ao fornecedor. Quando fui na casa de algumas delas, como Janete e Bete, pude ver as máquinas de costura em alguns cômodos. Na casa de Bete, o cômodo ao lado da cozinha, tem várias máquinas de diferentes tipos e um dos quartos estava com a cama repleta de jaquetas costuradas por eles enquanto “independentes”. Além desta forma de trabalho na costura, pude escutar, em campo, sobre outras duas formas: em fábricas formais com carteira assinada e nas oficinas de costura informais onde, muitas vezes, donos e trabalhadores moram e trabalham. Muitas destas oficinas tem donos bolivianos.

No domingo que eu fui visitar Bete, as máquinas não estavam sendo usadas. Os filhos, marido e amigos de Bete estavam apoiados nas mesas das máquinas, ensaiando as composições do grupo de música que integram e do qual Bete faz parte. Não só as músicas bolivianas e andinas estavam presentes na casa, como também referências ao *Ekeko*, deus da prosperidade festejado no dia 24 de janeiro na festa das *Alasitas*. Esta festa também acontece em São Paulo no Memorial da América Latina, o que reforça que as relações dos transmigrantes com o país de origem são reestabelecidas desde a migração. Nesta festa, como comentou um amigo de Bete, são abençoadas as miniaturas que representam os desejos das pessoas e depois as pessoas penduram estas réplicas em suas casas. Na parede da cozinha de Bete, pude ver réplicas de cédulas de dinheiro em miniatura. Assim, as casas podem ser espaços não só de moradia, costura e trabalho doméstico, como também de tradição.

Nas idas às casas de algumas mulheres, pude observar e participar do trabalho doméstico. No domingo que fui na casa de Bete, por exemplo, enquanto os homens tocavam

no ensaio, eu e ela organizamos o almoço. Ela cozinhou arroz. Eu lavei a salada. Servimos juntamente com feijão e frango. Depois que todos comeram, lavei os pratos, com exceção do prato de seu filho, que ele mesmo lavou.

Além da casa de Bete, conheci a casa de Vera, Janete, Paloma e Joana. Na casa de Vera, pude dormir uma noite. Lá, comemos juntas e tomamos o chá que Vera preparou. Depois que comemos, lavei a louça. Assim como na casa de Vera, na casa de Janete, tomamos o chá que ela nos preparou. Ao longo de nossa conversa, nas horas que fiquei em sua casa, pude observar também Janete sendo solicitada por seu filho mais novo em vários momentos. Já nas casas de Paloma e Joana as minhas visitas foram mais curtas e se limitaram ao período de realização das entrevistas.

As entrevistas aconteceram não só nas casas, como em equipamentos públicos da cidade de São Paulo, sindicatos, bares e no metrô. Para realizar as entrevistas, me baseei em um tópico guia¹⁶ com as questões e temáticas a serem conversadas. Mas, se tratando de entrevistas semiestruturadas (GASKELL, 2002), algumas perguntas variaram de entrevista para entrevista. Para que as entrevistas acontecessem a partir de uma relação de maior intimidade e confiança entre mim e a interlocutora, só marquei as entrevistas depois de alguns encontros e momentos de interação com a interlocutora. Todos estes encontros foram fundamentais para que eu pudesse conhecer um pouco das mulheres antes das entrevistas e, assim, pude acrescentar ou alterar algumas questões. De forma que, antes de cada entrevista, elaborei roteiros com perguntas específicas para cada interlocutora. Levei cada um desses roteiros para as respectivas entrevistas e, em alguns momentos, recorria a eles para dar prosseguimento às perguntas e conferir se faltava conversar sobre alguma questão. Entretanto, evitei fazer isso para não perder o contato visual com as interlocutoras.

No início das entrevistas, indaguei às interlocutoras sobre suas histórias de vida. Fazer isto, me auxiliou a quebrar o gelo e conhecer mais sobre suas trajetórias. Assim, como comenta Almeida (2013), a entrevista semiestruturada foi utilizada como estratégia para reconstruir histórias de vida, mantendo a possibilidade de diálogo entre pesquisador e entrevistado. Questionar sobre suas histórias no início da entrevista fez com que o diálogo fosse por elas guiado. Conforme eu perguntei sobre as suas histórias, várias perguntas do tópico já foram sendo respondidas. Assim, na maior parte das entrevistas, elas conduziram a

16 Disponível como Apêndice A.

ordem dos assuntos, intercalados por questões que eu fazia para esclarecimento ou para adicionar alguma temática.

Além disso, nas entrevistas fiz uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do gravador. Antes de iniciar as entrevistas, explicava o que seria o TCLE, lendo o mesmo com a interlocutora. Para uma maior compreensão deste Termo, fiz uso de duas versões: português¹⁷ e espanhol¹⁸. Ademais, o gravador também foi uma ferramenta em campo. Em todas as entrevistas, perguntei às entrevistadas se seria possível a gravação. Todas permitiram e desde o início da conversa, informei às entrevistadas que estavam sendo gravadas. Durante a entrevista, eu olhava em alguns momentos para o gravador para ter certeza que a luz vermelha estava acesa, confirmando que o áudio estava sendo gravado. Às vezes também tentava, discretamente, posicionar melhor o gravador para a captação do som. Assim como eu, em alguns instantes, as entrevistadas olhavam para o gravador. Isto aconteceu na entrevista com Laura. Em um momento ela disse que o ambiente de trabalho de seu marido era uma bagunça, mas falou a palavra bagunça apenas com os lábios, não emitindo sons. Laura fez isso olhando para o gravador, fazendo parecer que não queria que esta palavra fosse gravada. Além de escolher o que seria gravado, algumas entrevistadas também comentaram que não gostariam de aprofundar alguns assuntos comentados na entrevista, como, por exemplo, a relação com seus maridos. Como acordado no início pelo TCLE, não prosseguimos com assuntos que elas não desejassem. O que não quis dizer que as entrevistas não fossem preenchidas pela emoção e silêncios. Houve choros, respiros e pausas entre algumas perguntas.

Com o uso do gravador, pude realizar posteriormente a transcrição das entrevistas. Dentre as entrevistas apenas uma foi feita sem gravar, pois ela aconteceu sem agendamento. Como comento em diário:

Seguimos até o metrô República, lá pegamos a linha vermelha do metrô para descer na estação Bresser Mooca e ir até a rua Coimbra para a reunião. No metrô Fernanda me disse: ‘Quais são suas perguntas? Vamos conversar. O que você quer saber?’ (...) ‘Vai, me diz o que tu tá pesquisando que eu te falo agora’. E, ali, em pé, no metrô tivemos uma entrevista desprogramada, que me pegou de surpresa (...). Sem muitas interrupções minhas, ela foi me contando de sua vida. (Diário de Campo, 10/03/2018)

Como não gravei esta entrevista, me preocupei em anotar o máximo que pude no bloco de notas do celular quando eu e Fernanda chegamos na reunião que estávamos nos

17 Disponível como Apêndice B.

18 Disponível como Apêndice C.

dirigindo. O celular, não só neste momento, foi outra ferramenta fundamental em campo. Através dele pude fazer anotações em campo em vários momentos sem o uso de um bloco de notas de papel, que, a meu ver, seria mais intimidador. Optei pelas anotações no celular não só pela discrição, mas também porque conforme o tempo passava e as anotações se avolumavam, não quis mais arriscar sair com o caderno de campo. Assim, priorizei o uso do celular. Além de poder fazer anotações, o celular foi fundamental para que eu me localizasse em campo, acessando mapas, e para que pudesse me comunicar com as interlocutoras. Pude conversar e agendar encontros com elas através de aplicativos de comunicação como o WhatsApp e o Messenger. Através do WhatsApp, pude, por exemplo, marcar outros encontros com Fernanda e, durante conversas informais, esclareci aspectos da sua trajetória não abordados na entrevista no metrô. Até o atual momento, o WhatsApp vem sendo utilizado como uma ferramenta de comunicação com as interlocutoras. Esta tem sido a única forma de comunicação com elas, dado que, para escrever a dissertação, voltei para Recife.

Assim como nas entrevistas, em outros momentos as interlocutoras também escolhiam o que eu iria escutar ou observar em campo. Quando não me convidaram para ir em suas casas ou demoraram para fazer este convite, as interlocutoras estavam delimitando o que eu veria e onde iria. Esta não foi a única situação deste tipo. Comentar sobre mais um momento em campo pode ser elucidativo. Depois de um ensaio do grupo de música de Bete, a acompanhei com seu marido e amigos para beber um refresco na Kantuta. Quando estávamos bebendo, chegaram mais amigos e Bete me apresentou, dizendo que eu estava pesquisando sobre os bolivianos. De imediato, um dos amigos disse: “*saca la cerveza*”¹⁹, todos riram (Diário de Campo, 22/04/2018). Trago este exemplo para mostrar que não penso que a observação ou a entrevista transcorram de forma neutra, como se eu não estivesse ali. Como discute Clifford (1998), o pesquisador ocupa uma posição na teia de relações intersubjetivas da pesquisa e, portanto, não há posições neutras em campo.

A minha presença como pesquisadora afeta o espaço e não passa despercebida. Como comentam Hammersley e Atkinson (1994), precisamos reconhecer que estamos no mundo social que investigamos e não saímos dele ao longo da investigação. De forma que há reações a nossa presença. O pesquisador, como coloca Becker (2014), influencia a situação pesquisada. Para este autor: “A situação não é nunca exatamente como seria caso o pesquisador não estivesse lá” (p.192). Tanto que, as pessoas pesquisadas, como comentei

19 Em português, significa “Tire a cerveja”.

anteriormente, escolhem o que vemos, escutam e onde vamos em alguns momentos em campo. Sendo percebida, a nossa presença pode não ser desejada. Houve momentos, em que uma das interlocutoras me disse que estaria cansada de pesquisadores que aparecem para a pesquisa e depois somem. Dessa forma, também foi possível e necessário conversar em campo sobre a minha presença e o incômodo que ela poderia gerar.

Sempre me apresentei em campo como pesquisadora porque, por um posicionamento ético, acredito que a pesquisa deve ser construída de forma pública. Eu não só me coloquei como pesquisadora, como fui apresentada por algumas das interlocutoras a outras pessoas como “estudante”, “aquela que está fazendo pesquisa sobre bolivianos”, “antropóloga que está estudando/fazendo mestrado sobre a comunidade (boliviana)”, “moça da entrevista”. À característica de “pesquisadora”, foram sendo adicionadas outras a partir das relações construídas em campo.

Ademais, sempre fui “brasileira” em campo. Mesmo que, pelo meu sotaque pernambucano, eu fosse de outra parte do Brasil, eu era brasileira. Em campo, fui perguntada se eu era brasileira e não pude ir em algumas atividades por ser exclusiva a imigrantes. Um desses episódios, onde me perguntaram se eu era brasileira, foi o casamento que fui a convite de uma das interlocutoras, Margarida. Ela mesma não pôde ir, mas eu fui na companhia de sua cunhada brasileira, Iara. Logo que cheguei no casamento, perguntei pelo noivo e o entreguei o conjunto de toalhas que havia comprado de presente. Só depois percebi que não era este o momento de entrega dos presentes. Sobre isto escrevi:

Fico me sentindo como “a outra”, a única estranha, não boliviana, que não conhecia ninguém ali, mas continuo sentada observando o que acontece (...). Várias pessoas chegavam com sacolas de plástico e caixas embaladas com papéis de presente. Mas ninguém entregava o presente, como fiz, ficavam sentados com os presentes (...). Depois da cerimônia, os noivos ficaram sentados em duas cadeiras enquanto recebiam as pessoas pra dar os presentes. Se formou uma fila pra entregar os presentes. Iara vai me ajudando nas interações. Me chama pra ir com ela entregar presentes e cumprimentar os noivos. Foi nessa hora que algumas pessoas, que não levaram presente, foram prendendo dinheiro na roupa dos noivos – com alfinete de segurança – enquanto outros dão presentes. São notas de 100,00 e 50,00 reais. Eu não sabia disso e já tinha dado o presente quando cheguei. (Diário de Campo, 19/05/2018)

Como brasileira, eu desconhecia alguns dos costumes bolivianos, como ficou evidente no casamento. Ser brasileira também significava dominar o português, o que foi oportuno para algumas interlocutoras, pois pude ajudá-las a resolver problemas burocráticos no Brasil. Numa dessas situações, acompanhei Fernanda para resolver pendências do passe livre para

transporte público de sua filha. Ao mesmo tempo, sendo brasileira, eu me via como diferente. Me percebi como diferente não só no casamento, mas também, quando algumas pessoas quiseram tirar fotos comigo ou quando as pessoas não chegavam na barraca de informações do coletivo na praça Kantuta quando era eu que estava sentada para dar informações e não mulheres bolivianas com traços andinos.

Tiveram outros momentos que eu não só me senti como a outra, como estranhei o campo. Como comentam Bonetti e Fleischer (2006), acontecem duplos estranhamentos em campo. Eu estranhei e também me estranharam. Os estranhamentos são parte do trabalho antropológico (DA MATTA, 1974) e não foi diferente nesta pesquisa. Estranhei o outro, que alguns chamam de exótico (Ibidem). Escutar o espanhol em alguns momentos ou por muito tempo se tornava algo estranho e nem sempre de fácil compreensão. Tanto que, em São Paulo, dei continuidade a aulas de espanhol como forma de minimizar este estranhamento e me predispunha a estar cada vez mais tempo com as pessoas, ouvindo espanhol. As interações comigo, incluindo as entrevistas, se davam, majoritariamente, em português com o uso de palavras em espanhol. Mas as interações que pude observar entre bolivianos se davam majoritariamente em espanhol, gerando estranhamento e por vezes não compreensão da minha parte. Não só a língua como o clima e os cheiros faziam eu me sentir em um lugar que não era o meu, o familiar. Conforme se aproximava o meio do ano, a temperatura baixava e eu sentia fisicamente que estava distante do meu lugar. Os cheiros também me mostravam isso. A chegada na Kantuta ou na Coimbra sempre era acompanhada pelo cheiro de empanadas ou de *pollo*²⁰ sendo frito. Ir nestes lugares era uma oportunidade de ver comidas que não me eram familiares como *salchipapas*, *lechon*, *sopa de maní* e *chuños*²¹, além de vários tipos de milho. Comento sobre esses estranhamentos no diário de campo:

Desci na estação Bresser Mooca e fui andando até a rua Costa Valente. Para isso, passei pela rua Coimbra. De fato parece outro lugar, não parece o Brasil. As pessoas têm traços andinos, se fala espanhol, os produtos à venda são anunciados em espanhol. Tem igreja com a fachada escrita *Iglesia*. Tem *peluquerias*²², além de

20 Frango em espanhol.

21 *Lechon* é um prato com carne de porco acompanhada de batata doce, banana da terra e batata inglesa assadas no forno, servido junto com salada. *Sopa de maní* é sopa de amendoim e *chuño* é uma batata desidratada.

22 Cabeleireiro em espanhol. Tanto na Kantuta como na Coimbra existem várias barracas e lojas com o serviço de corte de cabelo. Em campo, indaguei às interlocutoras sobre o porquê da oferta deste serviço e me disseram que se devia a dois fatos. Primeiro, pelo preço do corte de cabelo no Brasil, que seria muito caro. E também pela comunicação. Nestas *peluquerias* se fala espanhol. Uma das interlocutoras comentou que em um cabeleireiro brasileiro cortaram o seu cabelo completamente diferente do que ela pediu porque não a compreenderam.

vários restaurantes. Sinto muito cheiro de churrasco. Pela rua, muitas mulheres com tranças, cabelos compridos e saias. (Diário de Campo. 12/05/2018)

Ir a alguns espaços como a Coimbra e a Kantuta no início do campo era mais desafiador. Eu pouco conhecia pessoas e menos ainda sobre a dinâmica desses espaços. Houve em vários momentos, como comenta Da Matta (1974), o sentimento de solidão, além da saudade do conhecido. Eu me questionava: o que que eu inventei? O que estou fazendo aqui? Entretanto, com o tempo, comecei a ir conhecendo mais pessoas e fui me inserindo mais em campo, o que fez com que alguns espaços, como a Coimbra e a Kantuta, fossem se tornando mais familiares e, neles, eu fui ficando mais à vontade. Lembro de uma vez na Kantuta, quando me surpreendi com a quantidade de pessoas que eu cumprimentava e conversava. Fui percebendo também minha maior inserção em campo pelas associações inconscientes que eu fazia. Depois de um tempo em campo, aconteceu de receber mensagens com figuras em verde, amarelo e vermelho e, de imediato, associar à bandeira da Bolívia. Até que um dia escrevi: “Você percebe que tá imersa em campo quando vê de relance um vídeo de quadrilha de São João e acha que é uma *morenada*²³. Saias rodando.” (Diário, 13/06/2018). Fui ficando mais familiarizada também com o espanhol, tanto que aconteceu, em vários momentos no final do campo, que quando eu queria falar “sério?”, vinha na minha cabeça a expressão que tanto escutei em campo: “*en serio?*”. E assim, percebi uma das transformações antropológicas comentadas por Da Matta (1974), quando o exótico é transformado em familiar. Da Matta (Ibidem) reforça, entretanto, que estas transformações não são totais.

Outra transformação que Da Matta (Ibidem) comenta é a transformação do familiar em exótico, sendo comum quando se pesquisa a sua própria cultura. Eu estava pesquisando bolivianas e não brasileiras, mas elas estavam no Brasil, em São Paulo, o que me permitiu também rever o familiar, o conhecido e o desenhar com novos contornos. Estar em São Paulo, fez com que eu fosse me sentindo cada dia mais distante do meu lugar mais familiar, Recife. Vale destacar que São Paulo não era uma cidade completamente estranha a mim porque já

23 Estilo de dança típica boliviana. Nesta dança, homens costumam usar ternos e as mulheres usam saias armadas. Segundo Laura, as saias variam de comprimento dependendo de onde é o grupo que dança. As *morenadas* de La Paz costumam usar saias longas, enquanto que as saias de Oruru, por exemplo, costumam ser mais curtas. Tanto os homens como as mulheres carregam chocalhos nas suas mãos, os quais tocam enquanto dançam. Estes chocalhos são as *matracas*. Elas, segundo Bete, fazem o barulho das correntes dos escravos arrastando no chão uma vez que esta dança faz referência aos capatazes do período da escravidão. Pude ver *morenadas* mais de uma vez em campo. Uma das vezes foi no dia 09/06 quando aconteceu uma missa em homenagem às virgens de Copacabana e Urcupiña (padroeiras da Bolívia) na igreja Nossa Senhora da Paz no bairro do Glicério; seguida por recepção e dança da Fraternidad Morenada Señorial Illimani São Paulo - Brasil no pátio da Missão Paz. Eventos registrados em vídeo disponível online (MISSA, 2018).

tinha ido várias vezes. Como nasci em Santo André/SP e sempre fiz visitas à grande São Paulo, estar nesta cidade, em si, não era algo estranho. Mas, com o campo, pude conhecer uma São Paulo que até então eu não conhecia. Sempre que visitava São Paulo, passava pela Avenida do Estado para ir da capital a Santo André, mas nunca imaginei que ali por trás estava a Kantuta, por exemplo. O caminho que eu passava sem olhar quando ia visitar familiares, ganhou novos contornos ao longo do campo. Ali passou a ser também o caminho para Kantuta. Por isso, penso que, com o campo, pude preencher o meu referencial da cidade de São Paulo, outrora conhecida, com novas relações e imagens.

Segundo Da Matta (1974), estas descobertas do campo, ainda que permeado pela solidão, são feitas na relação com o outro. Segundo ele, é na relação com o outro que o trabalho antropológico é construído. Em campo, não só as minhas percepções foram mudando, como as relações também. Cada dia que o campo avançava, as relações em campo mudavam e eu percebia que não era mais apenas uma desconhecida, ou a outra. A relação com o outro foi super importante para que eu fosse percebendo que estava ficando familiarizada. Conforme fui interagindo e construindo relações com as mulheres, me foram sendo atribuídas outras características além de “pesquisadora”. Estas características talvez sejam os diversos papéis assumidos em campo que fala Da Matta (Ibidem). Além de pesquisadora, fui nomeada como: “fã” de um dos grupos de música andina que eu acompanhava; “colaboradora” e “tapa buraco” de um dos coletivos de imigrantes que auxiliei em várias atividades; “amiga” por ir em atividades da comunidade; “informante ética e representante” em uma reunião que eu ia, mas algumas mulheres não iam; além de “terapeuta” por conversar com as interlocutoras sobre suas vidas e escutá-las. Vejo que a forma como me chamavam e como me pediam que as chamasse também foi demonstrando avanço na intimidade com as interlocutoras. Por vezes, fui chamada de “Elô” e me pediram que não as chamassem de “*señora*”, mas de “*señorita*”. Percebo estes nomes e características que me foram sendo dados como símbolos da confiança que foi se construindo em campo e permitindo o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, pontuo que além ser vista como outra, como diferente, ou qualquer uma das características ditas acima, em campo também fui vista como mulher. Ser uma antropóloga mulher em campo pode implicar em vantagens e desvantagens como argumentam Bonetti e Fleischer (2006). Estas autoras defendem que deve se considerar as questões de gênero inerentes ao processo de trabalho de campo. Segundo elas:

(...) muito embora antropólogos (corpos sexualmente marcados, homens) vivenciem situações semelhantes (vê, acreditamos que sejam semelhantes e não as mesmas) de obstáculos e saias justas em campo, há uma diferença em relação àquelas que antropólogas (corpos sexualmente marcados, mulheres) experimentam. E é sobre as implicações desta diferença, na própria reprodução da disciplina tal como é feita no Brasil, que queremos refletir porque sentimos que há uma certa invisibilidade acerca dela (p.14).

Dessa forma, Bonetti e Fleischer (2006) argumentam que ser mulher implica na forma como a antropóloga é definida e recebida em campo. Na tentativa de visibilizar esta experiência, abordo algumas interações que tive, como mulher, na pesquisa. Em campo, dentre as várias características que me foram dadas, mulher foi uma delas. Percebi isto em campo, quando em diferentes momentos as interlocutoras deram conselhos sobre minha vida, enquanto mulher, a partir de suas experiências como mulheres. Nesse sentido, ser mulher nos aproximava. Na reunião de uma associação de mulheres, estavam presentes várias mulheres e alguns de seus filhos. Em diferentes momentos da reunião, as mulheres chamavam a atenção de seus filhos, os entretinham, alimentavam e amamentavam ao mesmo tempo que se reuniam politicamente. Logo que cheguei nesta reunião, uma das mulheres que estava com um filho e uma filha me perguntou: “Tem filho?”, eu disse que não. E ela logo respondeu “*Mira lo que te espera*”²⁴ (Diário de Campo, 14/04/2018), como se projetasse em mim, enquanto mulher, sua trajetória de mulher e mãe.

Esta não foi a única vez que isso aconteceu. Uma vez, logo que encontrei Flora, ela me perguntou se eu estava bem. Depois que eu disse que sim, ela falou: “Tudo bem porque é solteira”, seguindo com o conselho que eu deveria pensar bem “em que cavalo vou me amarrar” (Diário de Campo, 14/04/2018). Seguimos conversando e ela comentou sobre uma discussão que tinha tido com seu marido. Ele, no dia seguinte à discussão, estava lavando a louça porque fez algo de errado. Dessa vez percebi novamente que as mulheres em campo projetavam em mim um pouco de suas trajetórias. E, a partir disso, me davam conselhos como mulher. Ainda que eu não tivesse filhos, ou não fosse casada, elas pareciam ver estas possibilidades em mim por ser mulher. E, por esta identificação, também surgiu a possibilidade de conversar mais sobre trabalho doméstico.

A percepção de ser mulher em campo também aflorou na interação com alguns homens. Houve momentos em que fiquei na dúvida sobre a intenção de alguns deles ao conversarem comigo. Por isso, cheguei a não ir em uma atividade que tinha sido convidada

24 Em português significa: Veja o que te espera.

por um homem e, em alguns momentos, optei por colocar um anel como aliança de casamento. Como se esta pudesse ser uma estratégia para que eles percebessem o limite de nossa interação.

A antropóloga Daniela Cordovil (2006) relata “saia justa” semelhante na interação com um homem em campo. Como eu, ela era uma mulher viajando sozinha. Segundo Cordovil (2006), esta imagem dificilmente não é associada à idade de uma mulher disponível. Assédios aconteceram em seu campo ainda que ela, assim como eu, usasse o artifício de uma aliança para se passar por casada em campo. Dessa forma, as interações com os homens apresentam outras facetas do ser mulher em campo.

Não só fui vista como mulher, mas me senti mulher quando percebia a atenção que tinha que ter em alguns momentos em campo. Isso se deu de diferentes formas. Os deslocamentos em campo, as esperas em paradas de ônibus ou as caminhadas sozinha na rua foram acompanhadas pelo medo. Alguns momentos, não sabia o que poderia me acontecer ali, como mulher. Às vezes acelerava o passo ou pensava melhores caminhos e meios de transporte para usar. Estas sensações de medo, estranhamento, identificação e saudade perpassaram todo o campo nas mais diversas experiências que aconteceram.

Todos os momentos em campo foram passados a limpo no diário de campo. Terminado o campo, reli o diário e identifiquei as temáticas mais recorrentes para prosseguir com uma análise temática (MINAYO, 2013; e GASKELL, 2002). Categorizei o diário e criei um arquivo com as temáticas, identificando as datas e páginas do diário em que foram feitas menções a cada temática. Assim, para discorrer sobre cada temática, eu pude retornar ao diário e analisar as informações ali contidas. Fora isso, também agrupei as referências que foram feitas às estratégias e desafios metodológicos ao longo do diário de campo. Com as entrevistas, a análise se iniciou nas transcrições como comenta Gaskell (2002). Escutei todas as entrevistas e transcrevi as partes relacionadas às temáticas da pesquisa. Também categorizei as entrevistas para realizar uma análise temática (MINAYO, 2013; e GASKELL, 2002). Assim, adicionei, ao corpo da transcrição, comentários com as temáticas identificadas em cada trecho. Isso me permitiu retornar a cada entrevista, identificar e analisar os temas conversados. Com estes passos, construí a análise de dados desta pesquisa. E, a partir desta análise, escrevi os dois capítulos que estão na sequência.

4 “A CASA NÃO É MINHA, A CASA NÃO É TUA, A CASA É NOSSA, O TRABALHO É NOSSO”²⁵

Neste capítulo, iremos discutir as estratégias articuladas pelas mulheres bolivianas para a execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias a partir dos dados do campo. Ao apresentarmos as estratégias por elas articuladas, analisaremos se outras pessoas ou instituições participam na execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Neste sentido, iremos refletir também sobre a participação dos homens, divisão sexual do trabalho e eventuais possibilidades de mudanças na organização do trabalho doméstico.

Em campo, estávamos investigando o trabalho doméstico, tentando observá-lo nos mais variados espaços da vida de algumas mulheres bolivianas na cidade de São Paulo. Como elas organizam este trabalho? Quais as suas estratégias para, como disse Paloma, “limpar a sujeira dos outros pros outros trabalharem” (Diário de Campo, 20/06/2018)? Assim como dito por Paloma, a literatura sobre trabalho doméstico associa que o trabalho doméstico é um trabalho feito para outras pessoas (HIRATA e KERGOAT, 2007):

Uma enorme massa de trabalho é efetuada gratuitamente pelas mulheres, (...) esse trabalho é invisível, (...) é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno. (p. 597)

Pudemos observar e ouvir em campo sobre práticas de trabalho doméstico como a limpeza da casa, a lavagem das roupas, o preparo de alimentos e o cuidado de outras pessoas como filhos, e também, sobre o cuidado com pais idosos. E quem fazia este trabalho? Como está expresso no trecho acima de Hirata e Kergoat (2007), além de se discutir que o trabalho doméstico é um trabalho feito para outros, muito se discute sobre este ser um trabalho feito pelas mulheres e compreendido como responsabilidade feminina. Não foram raros os momentos de diálogo com as interlocutoras em que conversamos sobre o trabalho doméstico ser ou não uma responsabilidade feminina. Vera, ao nos contar sobre sua história, pontuou que o trabalho doméstico perpassou a infância dela e de suas irmãs no Brasil por serem mulheres.

Eloah: E essa parte da limpeza da oficina, sua mãe que fazia?

Vera: Sim (...). No começo era ela, a gente. A gente. Como a gente era mulher né? Ela sempre pegava a gente pra fazer o trabalho. Mas, por exemplo, banheiro, nossa, por muitos anos éramos nós e ela que limpávamos tudo. (Entrevista, 30/04/2018)

²⁵ Fala de Flora ao longo da entrevista no dia 29/05/2018. Neste capítulo, discutiremos o trecho da sua entrevista onde tem esta frase.

Como pontua Ávila (2009), a vida de muitas mulheres é permeada pelo trabalho doméstico desde a infância por serem mulheres. Em campo, pudemos observar como que este trabalho permanece como responsabilidade delas também na vida adulta. Dentre as dez interlocutoras da pesquisa, três afirmaram que realizam todo o trabalho doméstico de suas casas e famílias sozinhas, são elas: Bete, Dalva e Janete. Janete atualmente mora apenas com seus filhos. Mas diz que mesmo quando morava com seu marido, era ela a responsável por todas as atividades de trabalho doméstico. Os maridos de Bete e Dalva se negam a participar do trabalho doméstico. Sendo assim, elas o executam sozinhas. Além delas, Laura e Margarida já tiveram momentos no passado onde eram as únicas que executavam o trabalho doméstico em suas casas e famílias. Todas elas têm filhos e moram com eles, além de morarem com seus maridos nos casos de Dalva, Bete e Laura. Laura comenta que, assim que imigrou, apenas ela executava todas as atividades de trabalho doméstico, incluindo o cuidado de suas filhas. Foi a possibilidade de não trabalhar no mercado de trabalho e ficar mais com suas filhas que a estimulou a migrar. Com o tempo, Laura destaca que começou a ficar cansada com a rotina de única responsável pelo trabalho doméstico. Tanto que, no transcorrer da entrevista, ela complementou que “você uma hora se cansa também, só cuidar da família, da casa. Chega a ser muito pesado pra você. Precisa sair, fazer outras coisas” (Entrevista, 02/05/2018). Assim como Laura, Dalva também comenta que quando trouxe sua filha para o Brasil, não recebia ajuda de ninguém na execução do trabalho de cuidado para com ela, e, então, não conseguia trabalhar no mercado de trabalho. Dalva só voltou para o mercado quando sua filha ficou mais velha e já podia ficar meio período em casa sozinha. A partir das experiências de Laura e Dalva reforçamos que, como comentam Marcondes (2014) e Hirata e Kergoat (2007), na experiência de algumas mulheres pode ser que não se consiga associar o mercado de trabalho com o trabalho doméstico, sendo a saída do mercado de trabalho uma estratégia articulada por mulheres, que, como Laura e Dalva, eram as únicas responsáveis pelo cuidado com seus filhos. A experiência delas também nos mostra, como argumenta Pombo (2010), que o trabalho doméstico chega a comprometer o desempenho de outras atividades executadas pelas mulheres.

As interlocutoras que atualmente são as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico executam sozinhas atividades como: lavar roupa, lavar louça, cozinhar, limpar a casa e cuidar de seus filhos ou netos nos casos de Dalva e Bete. Tanto Bete como Dalva afirmam que gostariam que seus maridos participassem mais mas eles se negam. É assim, em suas casas, se

mantém a organização tradicional do trabalho doméstico (DURHAM, 1983; PARELLA, 2012), onde as mulheres são exclusivamente responsabilizadas por este trabalho.

Diante desta responsabilidade exclusiva, Bete comenta que se sente cansada. Laura também chegou a comentar que quando realizava tudo sozinha se sentia cansada como destacamos anteriormente. No caso de Bete, ela nos disse que pensa até em viajar, passar um tempo na Bolívia, para ver se seu marido e seus filhos dão valor ao trabalho doméstico que ela executa sozinha e passam a participar mais. Mas, por enquanto, esses são apenas planos. Ela continua executando todas as tarefas de trabalho doméstico sozinha.

Como mostramos, ao apresentar as interlocutoras, todas elas ocupam postos no mercado de trabalho para além do trabalho doméstico atualmente. Sendo assim, aquelas que executam sozinhas o trabalho doméstico, têm que lançar mão de estratégias para associar o trabalho doméstico aos seus trabalhos no mercado de trabalho, configurando a dupla jornada de trabalho (BRUSCHINI, 1987) como uma estratégia. Suas rotinas são intercaladas pelos trabalhos que desempenham, o que fica explícito no relato de Bete sobre um dia de sua rotina:

Bete: Tomamos um café da manhã bem caprichado. Aí 8:00 horas eu começo a trabalhar. Alguma coisa eu adianto da comida. Vamos supor, feijão. Alguma coisa dura, eu coloco no fogo. Aí eu vou sentar na máquina 8:00 horas. Aí 10:00 horas da manhã, eu levanto pra dar alguma coisa pra todo mundo né? A barriguinha reclama né? Alguma coisa pra comer, eu faço um lanchinho, alguma coisa assim. Aí demora mais ou menos 20 minutos, por aí. Aí eu volto. Aí em esse lapso eu já faço o meu arroz, alguma coisa vou adiantando já. As verduras.

Eloah: Pro almoço?

B: Pro almoço. Aí eu vou sentar, acabar minhas coisas. Eles ainda tão trabalhando normal. Minha neta acorda mais ou menos 10:00 horas, 11:00 horas por aí. Aí eu, então, eu dou alguma coisa pra ela comer (...). Então é assim. Sabe, aquela rotina. Então 11:00 horas, 11:15, eu levanto (da máquina) já pra fazer o almoço (...). Meu marido que fala com os donos da firma, faz o negócio. Essas coisas, ele que faz. E eu sou da casa, que administro, que vejo o que tá faltando, dos netos, as roupas. Eu faço o almoço até meio-dia. Meio-dia em ponto tem que estar o almoço. O almoço até meio-dia e meia no máximo.

E: É sempre a senhora que faz o almoço?

B: Sempre porque eles tem que fazer o serviço (costura). Aí eu lavo a louça, tudo. Depois já eu lavo. Às vezes eu lavo, eu não descanso, pouco descanso. Todo dia sempre estou em atividade. Quem descansa é o meu marido porque ele dorme (risadas). Às vezes ele entra pra ver algum esporte no sofá ou na cama, deita e já dorme. Eu não, eu não consigo dormir rápido. Eu sempre to pensando o que vou fazer. Eu sou escrava da hora, brigo com o tempo. Então aí to lavando as coisas do neto, roupinha, ou adiantando, se tem sol, aproveitando.

E: Depois do almoço?

B: Depois do almoço, de lavar louça. Aí até colocar tudo na ordem, lavar tudo, já é duas horas. Aí já entro pra trabalhar (...). E aí a gente trabalha até 17:20 mais ou menos 17:15 (...). E 17:20 já faço o café da tarde já bem caprichado. Ovo, alguma coisa, ou salada e alguma coisa. Ou um lanche bem caprichado. E pra mais ou menos 9:00 horas, por aí, a gente come uma fruta ou uma vitamina.

E: Que a senhora prepara também?

B: Isso, eu preparo também. Tudo eu faço. Sempre sou atenciosa porque eu sou assim. (Entrevista, 17/05/2018)

Como comenta Bete, ela intercala ao longo de seu dia a costura com as atividades de trabalho doméstico. Apenas ela é responsável por estas atividades, havendo momentos em que ela executa o trabalho doméstico enquanto seu marido descansa. Diante de tantas atividades a serem feitas em um dia, Bete não descansa e se coloca como “escrava da hora”.

Mais do que intercalar o trabalho doméstico com o trabalho de costura como comenta Bete, pudemos observar momentos em que as interlocutoras desempenham mais de um trabalho simultaneamente. Quando nos encontramos com Bete e Dalva, não foram raros os momentos em que Bete estava organizando lanche ou almoço e participando de ensaio de música ao mesmo tempo, ou, no caso de Dalva pudemos observar a interação dela com seu neto no sindicato, onde negociava com ele o uso do celular ao mesmo tempo que desempenhava outras atividades. Assim, refletimos sobre a forma como o trabalho doméstico pode impactar e até comprometer o desempenho de outras atividades como argumenta Pombo (2010). Este impacto pode chegar ao ponto de as mulheres não participarem de outras atividades em função do trabalho doméstico, como aconteceu com Bete. Uma vez, conversando pelo WhatsApp com ela, a perguntei se ela iria para uma reunião de um grupo de imigrantes e ela me disse: “No²⁶ dá, estou muito ocupada com o trabalho e os netinhos, só na próxima(...). Eu fico com eles, tem que levar na escola de manhã e de tarde, (...) mas na próxima *ya* estarei indo pra reunião” (Diário de Campo, 09/05/2018). Sendo assim, pode acontecer de as mulheres não conseguirem conciliar o trabalho doméstico por elas realizado com postos no mercado de trabalho e atividades políticas. É o que percebemos a partir das experiências de Dalva e Laura ou no caso de Bete, respectivamente.

Mesmo assim, realizar o trabalho doméstico junto com outros trabalhos e atividades é uma estratégia articulada por algumas interlocutoras que executam sozinhas o trabalho doméstico em suas casas e famílias tanto atualmente como em experiências passadas. Sobre o passado, Bete e Margarida nos compartilharam suas estratégias para conseguir cuidar de seus filhos pequenos e ao mesmo tempo trabalhar como costureira ou cozinheira. Bete relata sobre os momentos em que segurava seu filho mais novo ainda bebê amarrado em um pano em suas costas. Ao mesmo tempo em que costurava na máquina, ela ia balançando seu filho amarrado às suas costas:

26 No transcorrer das entrevistas e conversas informais, as interlocutoras frequentemente usavam palavras em espanhol.

Eloah: E como era pra amamentar?

Bete: Ah, *yo* amamentava na cama, carregava né? E trabalhava também. *Cargava* e fazia assim, mexia um pouquinho e trabalhava.

E: No *aguayo*?

B: Trabalhava, dava jeito. Sempre foi assim. No começo não tinha *aguayo* mas o lençol, o lençol de cama. Aí fazia um negócio e amarrava. Então sempre me virei assim. Dava banho na hora do descanso. Depois de lavar louça, tudo, dava banhinho nele, dava peito. Tudo tinha seu horário. Era assim. A gente sempre dava jeito. (Entrevista, 17/05/2018)

Destacamos que para realizar o cuidado de seu filho e continuar com o seu trabalho na costura, Bete fazia uso de seu horário de descanso, o que impacta sua rotina e sua possibilidade de relaxar. Margarida também comentou sobre a estratégia de almoçar mais rápido para dar conta das demandas de costura e trabalho doméstico. Margarida, como a única responsável pelo seu filho, afirma que não sabe como conseguiu fazer tudo sozinha. Segundo ela, era cansativo. Nesta época ela morava e trabalhava na oficina de costura.

Eloah: E aí quando seu filho era menor, pra levar ele na escola, você levava?

Margarida: É.

E: Era você que ia?

M: Eu levava. Eu recolhia. Eu fazia de tudo. Só eu a responsável, então eu fazia. Eu não sei como fazia, mas eu fazia.

E: Porque é muita coisa né?

M: É. É muito. Muito ruim. Você vai, tem que trabalhar. Às vezes na hora do almoço tinha que ir e voltar e eu não conseguia almoçar direito.

E: Ir e voltar pra aonde?

M: *Iba* a escola, voltava também. *No* é tão pertinho também da minha casa, a escola. Era cansativo. Era assim.

E: É, e eu imagino com ele pequeno, pra amamentar. Era bastante coisa. Né?

M: É, é muito. É demais na verdade. Porque você tem que estar, tem que dar o peito, tem que correr, também a trabalhar. É muito complicado. Quando ele era pequeno, eu estava *cocinando*. Eu trabalhei de cozinheira. Então, deixava ele no quarto dormindo. Mas, aí estava preparando rápido, mas, *iba* também no quarto a olhar como estava ele. Já ficou acordado, então eu levava meu filho no braço. Ele era pequeno também, desse tamanho. Aí eu agarrava ele e estava cozinhando. Era assim minha rotina. Eu trabalhava (...). Tinha que trabalhar e também de cozinhar. Porque eu não só cozinhava, também trabalhava na oficina. Fazia alguma coisa que me falava a dona. E aí tinha que fazer. Sempre foi assim com meu filho. Quando *no* estava no quarto, tinha que levar na oficina trabalhar junto comigo.

E: Isso quando ele era menor?

M: Quando ele era menor.

E: Mas aí ser cozinheira, era cozinheira na oficina?

M: Na oficina mesmo.

E: E aí às vezes você também costurava?

M: Isso.

E: Mais constante era cozinhar?

M: Quando ele era pequeno sim. Mais cozinheira.

E: E aí você começou a ser cozinheira e não só costurar porque estava grávida?

M: Não, porque como ele era pequeno então a minha patroa disse: “Ele é pequeno, então tem que também cuidar. É melhor que você cozinhe, que tem mais tempo pra

olhar também seu filho”. Porque às vezes na oficina como é pequeno, a dona era boa. E depois, mas também cozinhava, também tinha que trabalhar.

E: E aí ele começou a ir pra creche depois?

M: É. (Entrevista, 08/05/2018)

Como relatado acima, com seu filho pequeno, Margarida intercalava o trabalho de cuidado com seu filho com os trabalhos de cozinheira e costureira. Havendo momentos em que mais do intercalar, ela executava esses trabalhos simultaneamente: ou quando seu filho ficava com ela na máquina de costura ou quando ela segurava seu filho ao mesmo tempo em que cozinhava. Nos momentos em que seu filho estava no quarto, ela fala que procurava cozinhar mais rápido. Sobre a associação entre mais de um tipo de trabalho, refletimos que, como comenta Marcondes (2014), é necessário escolher estrategicamente postos no mercado de trabalho que permitam a associação com o trabalho doméstico. Sendo este o destaque que Margarida faz ao falar que escolheu cozinhar porque, por sugestão de sua patroa, seria um trabalho que lhe daria mais tempo para cuidar de seu filho. Ainda que este seja um trabalho de remuneração menor (RIBEIRO, 2016) e diferente da sua formação como pedagoga. Sendo assim, Margarida acaba por escolher por um trabalho mais precário pela possibilidade de associá-lo ao trabalho doméstico.

No final da fala de Margarida, está a menção à creche. As creches, assim como as escolas, apareceram em campo como instituições às quais as mulheres recorrem para auxiliar com o trabalho doméstico principalmente no que se refere ao cuidado com seus filhos. O uso destas instituições não é exclusivo às mulheres que executam o trabalho doméstico sozinhas, tanto que também comentaram sobre creches e escolas: Laura, Flora e Joana, além de Bete e Dalva. Sobre as escolas, Margarida, Joana e Laura reforçam que seus filhos tomam café da manhã e almoçam nestes espaços. Mesmo assim, Laura sempre prepara algum complemento para suas filhas levarem para o almoço, como uma salada. E Joana prepara o almoço de alguns de seus filhos já que não são todos que frequentam a escola em período integral. O período integral não é a melhor opção segundo Laura. Ela preferiria ficar com suas filhas em casa à tarde, mas diante dos seus horários de trabalho como babá, ela acha melhor que suas filhas fiquem no período integral do que em casa assistindo televisão. Nesse sentido, percebemos como que a partir de suas rotinas de trabalho, a escola ou a creche aparecem como uma estratégia para o trabalho de cuidado com seus filhos. Tanto que Margarida reforça como foi difícil um período em que não conseguiu creche e por isso saiu do trabalho onde estava.

Eloah: E no período que você tava nas oficinas, seu filho tava na creche?

Margarida: Sim. Tava na creche. Teve um tempo que eu fui trabalhar lá na Parnaíba, aí eu não consegui creche pro meu filho. Porque eu trabalhei aqui por Belenzinho também, aí tinha creche. *Pero* quando eu trabalhei lá na Parnaíba, não tinha creche. Aí foi muito ruim trabalhar. E eu trabalhava até as uma da madrugada e acordava sete da manhã a trabalhar, era muito ruim. Meu filho, quase não atendia. Aí não gostei de trabalhar. Eu trabalhei um, dois meses aí e fui embora. (Entrevista, 08/05/2018)

O que percebemos até então é que, ainda que sejam na maioria as mulheres que desempenham o trabalho doméstico, elas lançam mão de uma série de estratégias para articular o trabalho doméstico em suas casas e famílias. Dentre estas estratégias estão não apenas a saída do mercado de trabalho, a dupla jornada, creches e escolas, como já comentamos, como também a rede com outras mulheres e o trabalho doméstico remunerado.

A participação de outras mulheres, muitas vezes parentes, é mais uma estratégia para a execução do trabalho doméstico. Para nós, isto reforça a possibilidade de se associar diferentes estratégias para a execução do trabalho doméstico. Muitas interlocutoras comentaram sobre a participação de outras mulheres na execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Por isso, destacamos que, como comentam Ávila (2009), Bruschini et al (2008), Hirata e Kergoat (2007), acionar uma rede de mulheres é uma estratégia de muitas mulheres para a execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias.

Laura, por exemplo, aciona a participação das sobrinhas de seu marido. Elas são as responsáveis pelo almoço e janta da casa. Já o sobrinho do marido de Laura não participa. Segundo ela:

Ele (sobrinho) não faz nada, ele (marido) nunca cobrou dele. São famílias machistas também, né (...). Eu falei ‘você manda minhas filhas arrumar e não manda o seu sobrinho arrumar’ (...). Ele *no* gasta em nada em casa, nada. Tem tudo, tem comida, tem internet, tem água, tem luz, tem tudo. Por que que ele não manda pelo menos ele arrumar alguma coisa? E esse é meu estresse atual, de que tenho a família dele morando e *no* contribui em nada em casa. Mas ele também *no* fala nada, aí, tô cansada, sinceramente, de ficar reclamando pra ele toda vez e ele não assumir nenhuma conduta, né, nenhuma atitude pra conversar com as sobrinhas, pra conversar com o sobrinho. (Entrevista, 02/05/2018)

Depois de algumas discussões como esta que Laura menciona no trecho acima, suas sobrinhas começaram a participar, mas seu sobrinho continua não fazendo nenhuma atividade do trabalho doméstico. O que para Laura é motivo de stress. Pudemos perceber que a divisão do trabalho doméstico com homens é permeada por tensões e conflitos como comenta Assis (2004; 2007). Além disso, no caso de Laura, a não participação de seu sobrinho e a divisão

com suas sobrinhas, acaba reforçando a divisão sexual do trabalho (HIRATA e KERGOAT, 2007).

No caso de Joana, ela compõe uma rede com suas cunhadas. É com elas que Joana divide a limpeza da casa onde moram “pra não ficar muito cansada” (Entrevista, 30/06/2018). Cada semana uma delas limpa e as demais pessoas que moram na casa “colaboram com a limpeza” (Entrevista, 30/06/2018). Aqui, percebemos que ainda que as mulheres contem com a participação de outras pessoas, muitas vezes essa participação se dá como ajuda ou colaboração, de forma que elas continuam como as principais responsáveis. Destacamos também que esta rede de mulheres para a execução do trabalho doméstico evidencia o trabalho doméstico enquanto obrigação feminina. Isto porque, no caso de Joana, as mulheres são acionadas para a limpeza mas os seus maridos não são mencionados ao se falar nesta divisão.

Aciona-se rede de mulheres não só quando se mora com outras mulheres adultas, como nos casos de Laura e Joana. Em campo, Vera comentou sobre a divisão de trabalho que faz com suas irmãs para o cuidado de seus pais que já são idosos. Ela com suas irmãs compõe uma rede. Entretanto, vale destacar que elas não só são acionadas para o cuidado de seus pais como acionam sua mãe para auxiliá-las com o trabalho doméstico. Sendo assim, pelo caso de Vera, apresentamos uma recorrente participante da rede de mulheres: a mãe das interlocutoras. No caso de Vera, ela comenta que, seguindo a sugestão de sua mãe, ela faz refeições na casa de seus pais. Assim come a comida que sua mãe prepara. E, quando precisa, leva esta comida como marmita. Vera também comenta sobre momentos em que sua mãe foi acionada por sua irmã mais nova para o cuidado de sua neta. Esta não foi a única menção à participação das avós como estratégia para a execução do trabalho doméstico.

Paloma, em vários momentos em campo, comentou que teria que buscar sua filha na casa de sua mãe antes de voltar pra casa. A sua mãe mora bem próximo dela e, assim, participa do trabalho doméstico no que se refere ao cuidado com sua filha. Esta às vezes come na casa de sua avó e também fica períodos lá enquanto sua mãe não está em casa. Percebemos, entretanto, que os avós não são mencionados como uma estratégia para a realização do trabalho doméstico, sendo as avós e demais mulheres adultas mais recorrentes na composição de redes articuladas como estratégias pelas interlocutoras, reforçando a divisão sexual do trabalho.

Pudemos observar a estratégia de compor redes de mulheres com as avós sob dois ângulos diferentes. Conhecemos mulheres, como Vera e Paloma, que acionam suas mães em suas redes. Mas também conhecemos avós, como Dalva e Bete, que são acionadas por outras mulheres para o cuidado de seus netos. Nestes casos, mais uma vez, os maridos delas, os avôs, não são acionados. Cabendo a elas, como avós, dividirem o cuidado de seus netos com suas respectivas mães. Assim, em campo, pudemos observar que as interlocutoras não só acionam suas mães como são acionadas enquanto mães e avós.

A rede de mulheres também apareceu em campo como uma estratégia para que algumas das interlocutoras conseguissem migrar. Estamos falando aqui das cadeias globais de cuidado. Comentaremos sobre elas no próximo capítulo, quando vamos debater sobre algumas especificidades nas estratégias das interlocutoras relacionadas com o fato de elas serem imigrantes. Antes de partirmos para este debate, destacamos uma outra estratégia articulada pelas mulheres em campo: o trabalho doméstico remunerado.

A contratação de trabalhadoras domésticas foi a estratégia menos recorrente em campo. Esta foi uma estratégia mencionada por: Joana, Fernanda e Paloma. Entretanto, no caso de Fernanda, ela se referiu à sua experiência na Bolívia, quando ela contratou babás para ficarem com sua filha enquanto ela executava outros trabalhos. Segundo Fernanda, ela contratou estas outras mulheres por conta do seu trabalho como psicóloga. Este seria um caso de “delegação” nas palavras de Hirata e Kergoat (2007). Ainda que esta delegação tenha acontecido na Bolívia, influenciou as estratégias para articulação do trabalho doméstico de Fernanda no Brasil. Isto porque, depois de um tempo morando juntas na Bolívia, Fernanda e a então babá de sua filha decidiram migrar juntas para o Brasil. Quando imigraram eram apenas amigas e não mais patroa e babá. Atualmente, moram juntas. E é com esta mulher, a “segunda mãe” de sua filha, que Fernanda divide o trabalho doméstico de sua casa e família, compondo uma rede.

Fora Fernanda, os dois outros relatos sobre contratação de trabalhadoras domésticas são referentes ao Brasil. Paloma comentou que quando era pequena lembra que seus pais contrataram outras mulheres para cozinhar e cuidar dela e de seus irmãos. Já, no caso de Joana, ela tentou por duas vezes contratar brasileiras para cuidarem de suas filhas gêmeas, mas não obteve sucesso. Segundo ela, contratar alguém seria uma estratégia para voltar a trabalhar como costureira, o que poderia ser considerado “delegação” (HIRATA e KEGOAT, 2007), mas não chegou a acontecer. Isto porque ela relata que não gostou do trabalho das

trabalhadoras domésticas e acabou decidindo que ela mesma ficaria responsável por este trabalho. Joana, portanto, não chegou a usufruir por muito tempo desta estratégia.

No caso de Joana é interessante destacar que ela foi trabalhadora doméstica antes de ser costureira, quando trabalhava cuidando dos filhos de sua prima. Entre as interlocutoras, várias delas já foram, são ou tentaram ser trabalhadoras domésticas no Brasil. Fernanda já foi para uma entrevista de emprego para ser babá. Ela comenta que diante do desemprego, esta seria uma opção ainda que ela seja psicóloga. Ela deseja trabalhar na sua área, mas, assim como Laura, não tem o seu diploma revalidado.

Bete, Dalva e Margarida já foram trabalhadoras domésticas em São Paulo. Atualmente, dentre as interlocutoras, apenas Laura é trabalhadora doméstica. Sendo assim, o trabalho doméstico remunerado, enquanto emprego, já perpassou a vida de seis das interlocutoras. Esta recorrência não se restringe ao nosso campo de pesquisa. Segundo algumas autoras (DUTRA, 2013; HIRATA e KERGOAT, 2007), a mulher imigrante executa trabalhos tradicionalmente femininos, como as atividades em confecção, comércio e trabalho doméstico remunerado. Dessa forma, relaciona-se a migração feminina com a divisão sexual do trabalho (HIRATA e KERGOAT, 2007) e constata-se que muitas mulheres imigrantes se inserem no setor de serviços domésticos (ASSIS, 2007), fazendo com que o trabalho doméstico remunerado ocupe posição central na experiência migratória de muitas mulheres.

Trabalhadoras domésticas bolivianas em São Paulo não é uma realidade apenas contemporânea. Em 1950 já havia bolivianas em São Paulo trabalhando como trabalhadoras domésticas (XAVIER, 2012). Sobre as bolivianas em São Paulo, destacamos que elas podem ser trabalhadoras domésticas nas casas de terceiros, assim como nas oficinas de costura. Como esclarece Dalva, enquanto diretora do Sindicato de Trabalhadores Domésticos do município de São Paulo, as pessoas responsáveis pelo trabalho doméstico nas oficinas são trabalhadoras domésticas porque a oficina é também moradia. Em conversa com Dalva, pudemos debater sobre o quanto que estas trabalhadoras domésticas nas oficinas de costura estão invisibilizadas pois não são reconhecidas nem pelos outros nem por elas mesmas como pertencentes a esta categoria, tanto que não estão sindicalizadas. Considerando que a maioria da população boliviana em São Paulo trabalha nas oficinas de costura (ILLES, TIMÓTEO, PEREIRA, 2008), acreditamos que o trabalho doméstico remunerado pode estar presente na vida de muitas bolivianas nestas confecções, mas invisibilizado por ser realizado de forma associada ao trabalho de costura.

Margarida, quando era cozinheira na oficina de costura, era, portando, trabalhadora doméstica. Como dissemos anteriormente²⁷, ser trabalhadora doméstica, no caso, como cozinheira, foi uma estratégia para poder cuidar de seu filho. Margarida não foi a única das interlocutoras que optou por ser trabalhadora doméstica para poder cuidar de seus filhos. Esta justificativa também está presente no relato de Laura²⁸. Segundo ela, o fato de trabalhar 24 horas semanais como babá faz com que possa cuidar de suas filhas.

Então, são menos horas, pra mim ajuda porque tenho a bolsa, posso cuidar das minhas filhas, posso estudar, é tranquilo (...). Eu gosto porque me permite ganhar um dinheiro, né, enquanto eu faço meu doutorado, me permite cuidar das minhas filhas (...). Eu trabalho agora na tarde, né. E também sexta-feira eu não trabalho, sábado eu não trabalho, domingo eu não trabalho. Eu tenho três dias pra curtir minhas filhas, então é tranquilo pra mim. (Entrevista, 02/05/2018)

Portanto, tanto no caso de Margarida, como no caso de Laura, há a escolha por trabalhos com horários mais flexíveis ou trabalhos mais precários e com menor remuneração pela possibilidade de associação com o trabalho doméstico de suas casas e famílias. Associando estes trabalhos, Laura executa e Margarida executou dupla jornada de trabalho. Elas são ou foram trabalhadoras domésticas além de executarem o trabalho doméstico em suas casas e famílias. Como diz Laura, ela é trabalhadora doméstica mas não tem condições de contratar uma. Laura, ao não delegar o trabalho doméstico de sua família, como fazem seus patrões, realiza dupla jornada.

Eloah: E a casa que você trabalha assim, a organização do trabalho doméstico é muito diferente da sua casa?

Laura: Eu acho que eles têm mais condições, né. Eles podem pagar um alguém que limpe a casa, tem alguém pra cuidar dos filhos. Então eles vão ter que trabalhar e curtir o filho, digamos, né. Na minha situação é diferente, porque eu tenho que cuidar das minhas filhas, tenho que arrumar a casa, tenho que fazer as compras, não tem ninguém pra me ajudar. Bom, agora já facilita, pelo menos já facilita porque as sobrinhas dele (marido) já ajudam na cozinha, pra mim isso ainda é muito bom, né. Mas se *no* estivessem elas, eu teria que fazer isso. (Entrevista, 02/05/2018)

Como comenta Laura, pagar por uma trabalhadora doméstica não é uma opção para todos. Delegar para uma trabalhadora é diferente de associar trabalho doméstico remunerado e não remunerado. Portanto, a partir do campo, percebermos que o trabalho doméstico

27 Para maior compreensão, pode-se voltar para as páginas 54 e 55 e rever o trecho onde Margarida fala sobre isto seguido de nossos comentários.

28 Laura, assim como Margarida, não está associada ao Sindicato de Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo. Ela foi conosco na primeira visita ao sindicato, sendo este seu primeiro contato com esta organização.

remunerado pode aparecer como estratégia para a execução do trabalho doméstico de mais de uma forma: pode se contratar uma trabalhadora doméstica assim como pode se ser trabalhadora doméstica como um trabalho a se associar com a execução do trabalho doméstico de suas próprias casas e famílias. Ainda que estas duas estratégias estejam relacionadas ao trabalho doméstico remunerado, elas são diferentes.

Entretanto, vale destacar que não necessariamente ser trabalhadora doméstica facilita a realização do trabalho doméstico da sua própria casa e família. Os casos de Laura e Margarida apontam nesse sentido de uma associação entre estes dois trabalhos domésticos, mas esta não costuma ser a experiência de muitas mulheres trabalhadoras domésticas como pontua Ávila (2009). Hirata e Kergoat (2007) analisam como que para muitas trabalhadoras domésticas imigrantes trabalhar em uma casa e em uma família significa se distanciar de sua própria família e filhos que ficaram no país de origem. Este é o caso de Bete e Dalva. Ambas imigraram para trabalhar como trabalhadoras domésticas enquanto seus filhos ficaram na Bolívia. Sendo assim, elas realizavam o trabalho doméstico da casa e família de outras pessoas enquanto tinham que rearticular o trabalho doméstico de sua casa e família outrora por elas realizado. A distância, como mostraremos no próximo capítulo, traz especificidades à forma como o trabalho doméstico é organizado na vida de algumas imigrantes.

Tendo analisado até o momento uma gama de estratégias articuladas pelas mulheres para a execução do trabalho doméstico, é inegável que a divisão sexual do trabalho é forte, sendo as mulheres as principais executoras do trabalho doméstico. Muitas vezes elas executam este trabalho sozinhas ou articulam a participação de outras mulheres, havendo alguns casos de contratação de trabalhadoras domésticas. Mas será que elas acham que este é um trabalho que deve ser apenas por elas executado? Pensando sobre isso, analisaremos estratégias por elas articuladas para a participação dos homens.

4.1 A participação dos homens

Além da grande variedade de estratégias articuladas pelas mulheres, percebemos que ainda que elas sejam a maioria na execução do trabalho doméstico, não necessariamente elas concordam que o trabalho doméstico deve ser apenas por elas desempenhado. Dada esta discordância, as mulheres lançam mão de estratégias para uma maior participação dos homens. Dentre estas estratégias estão os conflitos e tensões para a participação de seus

maridos ou pais de seus filhos e a iniciativa de ensinarem a seus filhos e netos, tanto meninas como meninos, as atividades de trabalho doméstico, vislumbrando mudanças futuras. Portanto, percebemos que, ainda que estas mulheres estejam em posição desigual e muitas vezes subordinada, quando avaliamos o trabalho doméstico, elas não deixam de ter agência. Como resistência à dominação, as interlocutoras articulam estratégias que se diferenciam da estratégia tradicional na qual apenas mulheres executam o trabalho doméstico.

Ao falar sobre a sua trajetória de vida, Laura reforça que sua história foi permeada pelo trabalho doméstico, mas não avalia isto positivamente. Laura, desde sua infância na Bolívia, executava o trabalho doméstico. Segundo ela, “isso tá na vida da mulher” (Diário de Campo, 23/04/2018); “cozinhei toda a minha vida, desde criança, pros meus irmãos, tô cansada!” (Entrevista, 02/05/2018). Destacamos que esta fala de Laura sobre estar cansada se deu em uma conversa com seu marido. Ela nos contou sobre este diálogo com ele, quando argumentava sobre a necessidade de ele participar mais das atividades de trabalho doméstico. A partir do cansaço afirmado por Laura, destacamos que as interlocutoras tenderam a discordar da associação do trabalho doméstico como um “trabalho de mulher”. Assim como também discordam que se reduza a mulher ao trabalho doméstico. Flora nos disse: “Parece que é só lavar, cozinhar, acabou. É mãe, é mulher, acabou” (Diário de Campo, 29/05/2018). Ela disse que briga com os filhos se eles a presenteiam com algo para a casa no aniversário dela porque seria aniversário dela e não da casa. Mesmo que as mulheres não concordem com a relação exclusiva entre mulheres e trabalho doméstico, outras pessoas continuam fazendo esta associação. Não foi diferente no dia das mães, na praça Kantuta, quando estava com Vera no momento que vimos os presentes que seriam dados naquela festa:

O palco estava cheio de presentes a serem distribuídos para as mulheres. As pessoas seriam sorteadas pelo papel que ganharam ao comprar na feira. Tinha como presente: eletrodoméstico, fralda, cesto de roupa suja. Vera disse que ia ficar puta se ganhasse um cesto de roupa suja. (Diário de Campo, 27/05/2018)

Ainda que as interlocutoras discordem da associação direta e exclusiva entre mulheres e trabalho doméstico, esta nem sempre é a opinião de seus maridos. Como diz Dalva:

Dalva: Meu marido especialmente não. Ele. É tipo aquele homem antigo machista que fala que homem não pode fazer, que homem não pode lavar prato, que homem não pode lavar a meia dele. Entendeu? Eu ensino meu neto a fazer tudo isso aí, ele fala que não pode. ‘Como você manda o menino fazer isso?’ (...). Eu gostaria que meu marido participasse mais. Mas do jeito que ele é, nunca. Ele fala ‘eu já trabalho fora, imagina que vou *venir* a limpar mais em casa’. (Entrevista, 29/06/2018)

E Dalva prossegue:

Dalva: Minha mãe criou dez filhos homens. Com dez anos minha mãe já mandava eles fazer comida, a lavar roupa, a limpar a casa, arrumar a cama. Ele não deixa. Ele não quer (...). Meu marido fala, ele mesmo fala “Aqui no Brasil não é assim não. Aqui no Brasil, homem não faz nada de cozinha, de limpeza. Isso é coisa de mulherzinha” (...). Eu acho que não devia ser assim não. Se todos moram na mesma casa, por que não compartilhar de tudo né? (Entrevista, 29/06/2018)

O marido de Dalva, assim como o marido de Bete, reforça que o trabalho doméstico é um trabalho a ser realizado pelas mulheres. Segundo Flora, esta também era a opinião de seu pai: “Ele falava que não era mulher pra cuidar das crianças. Não era mulher pra limpar a casa. Não era mulher pra arrumar” (Entrevista, 29/05/2018). Há, portanto, na fala destes homens a associação direta do trabalho doméstico como responsabilidade exclusiva das mulheres e, assim, uma reafirmação da tradicional divisão sexual do trabalho. Esta associação é tão forte que o marido de Dalva se opõe a ela ensinar seu neto as atividades de trabalho doméstico. A justificativa seria que este é um trabalho de “mulherzinha”. Dessa forma, o trabalho doméstico parece ser não apenas associado às mulheres, como receber um status menor. Como comentam Hirata e Kergoat (2007), os trabalhos são não só separados como também hierarquizados. E nessa hierarquia, como reforça Scott (1990), o feminino é deslegitimado. O trabalho doméstico também é deslegitimado pelo marido de Joana. Ele fica aborrecido em ir nas reuniões de escola porque só vai mulher, e se ele vai pareceria que ele não trabalha. A deslegitimação do trabalho doméstico ressurgiu em campo através de risos no ensaio do grupo de música. Neste ensaio, as mulheres deram a sugestão dos homens cozinharem para elas no dia das mães, mas esta sugestão foi recebida com risos.

Ao associarem o trabalho doméstico como responsabilidade exclusiva das mulheres, alguns homens em campo se negam a participar deste trabalho. Assim, as mulheres acabam trabalhando mais, como comentam Margarida e Flora. Para Flora, as mulheres fariam tantas coisas que não teriam tempo nem para ficar doente. Segundo Margarida, a mulher tem que acordar mais cedo, fazer café dos filhos e do marido, levar pra escola, trabalhar e buscar na escola. Seria, segundo ela, “trabalho em dobro” (Diário de Campo, 02/05/2018), o que para Bruschini (1987) pode ser considerado dupla jornada de trabalho.

É interessante perceber que Dalva identifica a postura de seu marido como machista. Se tratando de uma divisão desigual de trabalho doméstico, ele, como homem se esforçaria para manter seus privilégios. Segundo Bourdieu (2002), a dominação masculina se mantém e se empenha para parecer natural, a-histórica e normal. Alguns agentes e instituições atuam

para que essa dominação permanecesse, ou seja, agiriam para a sua reprodução. Dentre estes agentes estariam os homens (BOURDIEU, 2002). Pelos relatos aqui expostos, identificamos como que alguns homens têm práticas que reproduzem a dominação masculina através da manutenção do trabalho doméstico como responsabilidade exclusiva feminina. Bourdieu (2002), assim como Sardenberg (1997), Quadros (1996) e Hirata e Kergoat (2007) consideram que ainda que aconteçam mudanças na relação entre homens e mulheres, é rara uma maior participação masculina no trabalho doméstico. Em campo pudemos perceber que a participação dos homens no trabalho doméstico existe de forma pontual e como resultado da agência das mulheres.

Zamorra (2011) destaca que as creches e as escolas são um dos poucos campos do trabalho doméstico do qual os homens participam. Em campo, nos foi relatada a participação de apenas alguns pais e avôs nas atividades relacionadas às escolas de filhos e netos. No caso de Joana, por exemplo, como afirmamos anteriormente, seu marido não gosta de ir nas atividades da escola porque só iria mulher. Ele vai, segundo ela, quando ela tem que fazer outras atividades, como cozinhar o almoço. Já Flora destaca que ela sempre esteve ativa nas atividades escolares de seus filhos, chegando a participar do conselho escolar. Com relação ao seu marido, ela diz que preferia ir nas reuniões escolares no lugar dele pois ele não perguntava o que ela queria aos professores e repassava as informações de forma muito sucinta. Sendo assim, ainda que seu marido, assim como ela, levasse e buscasse seus filhos na escola, o acompanhamento escolar era feito por ela. Já com relação às idas aos médicos com seus filhos pequenos, Flora destaca que seu marido participava, dividindo o trabalho com ela. A divisão deste trabalho acontecia, segundo ela, de mais de uma forma. Ou os dois adultos iam com os quatro filhos ao médico para conseguirem carregar as crianças, ou ele ficava com dois filhos em casa e ela levava os outros dois.

Dentre as demais interlocutoras, apenas Bete e Laura comentaram sobre a relação de seus maridos com as escolas de seus netos e filhas, respectivamente. Cabendo a ressalva que a participação do marido de Bete se dá esporadicamente quando ele leva sua neta à escola, no mais ele não executa nenhuma outra atividade de trabalho doméstico. Já no caso de Laura, ela destaca a participação de seu marido no auxílio com as tarefas da escola de suas filhas. Ela diz ser esta uma incumbência exclusiva dele e não dela.

Ainda que poucos homens participem das atividades escolares de filhos ou netos, as interlocutoras comentaram sobre a participação de alguns deles em outras atividades de

trabalho doméstico, este foi o caso de Flora, Laura e Paloma. Estes casos mostram estratégias diferentes de uma organização tradicional do trabalho doméstico, quando apenas mulheres o executam. Nestes três casos, os pais de seus filhos desempenham algumas atividades como limpeza, cozinha e cuidado dos filhos. No caso de Laura, seu marido, além de auxiliar suas filhas com as atividades da escola, organiza a parte da casa onde trabalha e lava suas roupas. Já houve também períodos em que ele cozinhava. A participação de seu marido não foi fruto de um fluxo natural da relação, mas de discussões iniciadas por Laura. Como afirma Assis (2004; 2007), a participação dos homens no trabalho doméstico não se dá sem tensões e conflitos. No caso de Laura, estas discussões aconteceram tanto na Bolívia:

Laura: E em casa, né, no começo eu fazia, mas depois, você começa a ver que está *cargando* sozinha, podendo dividir, então fala, eu falei com ele ‘tá sendo muito pra *mi*, vai ter que me ajudar’.

Eloah: Lá na Bolívia?

L: Amham. ‘Eu limpo e você lava a roupa, ou você lava e eu ...’, a gente se revesava. A semana que ele lavava, eu limpava a casa. (Entrevista, 02/05/2018)

Como no Brasil:

Laura: Me comecei a estressar quando eram mais matérias (do mestrado), tinha mais pressão pra *escribir* artigos, fazer a pesquisa, entregar resultados pra faculdade, a fazer as coisas da casa, cuidar das crianças, comecei a me estressar muito. E aí que eu, pra começar, comecei a cobrar mais de meu marido, pra ele me ajudar mais, não só ajudar as crianças a fazer a lição, *sino* na arrumação da casa também.

Eloah: Porque antes só você que arrumava?

L: Só eu fazia. Então, tive algumas discussões por isso, mas depois ele ajudou, deu tudo certo. E até agora, né, cada um faz a sua parte. (Entrevista, 02/05/2018)

Também pudemos observar como que a tensão e o conflito permeiam a organização do trabalho doméstico através de um relato de Flora. Estávamos juntas em uma reunião e ela comentou que tinha brigado com seu marido porque ele não foi encontrá-la como tinham combinado e, depois dessa briga, no dia seguinte, seu marido estava lavando louça. Flora comentou que um de seus filhos, vendo seu pai lavar louça falou: “Pai fez cagada” (Diário de Campo, 14/04/2018). Nesta situação, o trabalho doméstico executado pelo marido pareceu ser uma estratégia para reconciliação após uma discussão. Entretanto esta não parece ser a regra na casa de Flora. Segundo ela, seu marido participa normalmente do trabalho doméstico. E sobre a sua participação, ela não reforçou a presença de discussões. Hoje em dia, ele faz atividades do trabalho doméstico no final de semana porque durante a semana trabalha numa oficina de costura. Nos sábados e domingos, seu marido lava os banheiros, limpa a casa, passa

pano ou costura algo pra seus filhos. Neste sentido, a participação do marido de Flora no trabalho doméstico se adequa às suas atividades de trabalho fora de casa e não o contrário, como acontece com as mulheres segundo Marcondes (2014). A participação de seu marido estaria presente na rotina deles desde que seus filhos são pequenos. Segundo ela nessa época:

Flora: O meu marido dava banho nos meninos enquanto eu pegava eles e trocava, colocava as roupinhas, tudo. Aí deixávamos eles deitadinhos, assistindo TV ou comendo alguma coisa enquanto nós íamos trabalhar, mas sempre era dividido o trabalho. Aí com meu marido as coisas eram diferentes, muito diferentes porque sempre dividimos o trabalho. Tinha vezes que ele fazia comida, eu lavava roupa. Por exemplo, de sábado, a gente parava de trabalhar meio-dia. Aí ele ia arrumar a casa, ia cozinhar. Eu ia lavar a roupa, eu ia arrumar as coisas, lavar o quintal, essas coisas. Então era sempre dividido o trabalho. (Entrevista 29/05/2018)

Neste período, mesmo com a participação de seu marido no trabalho doméstico, Flora parou de trabalhar. O que destacamos na trajetória de Flora é que, mesmo seu marido participando quando seus filhos eram pequenos, foi ela quem ficou sem trabalhar como costureira nesse período enquanto seu marido continuou trabalhando como costureiro. O que nos faz lembrar o argumento de Pombo (2010) e Nanes e Quadros (2010) de que, ainda que outras pessoas participem, a mulher continua como a responsável por esse trabalho. Enquanto responsável pelo trabalho doméstico, Flora passou a desempenhar dupla jornada de trabalho quando voltou a trabalhar como costureira.

Flora: Das 11 eu levantava (da máquina), já dava banho nos meninos, 11 e meia nós íamos pra escola. Então, eu voltava já fazia o almoço. Até isso, já tinha que deixar serviço pro meu marido. E enquanto ele tava fazendo os detalhes, essas coisas pequenas, eu ia fazendo a comida. Aí depois que eu já fiz a comida, aí já estava quase na hora dos meninos sair. Já tinha que ir a buscar. (Entrevista 29/05/2018)

Um dia acompanhando Paloma em suas atividades num grupo de imigrantes, também pudemos observar que ela continua como principal responsável pelo trabalho doméstico mesmo com a participação de outras pessoas. Era um domingo e sua filha estava na casa de seu pai na companhia dele e de sua avó paterna. Enquanto estávamos juntas, Paloma recebeu uma mensagem de sua filha dizendo que não estava se sentindo bem. Diante disso, Paloma comentou: “Cara, é foda, ela tem um pai e uma vó com ela” (Diário de Campo, 22/04/2018). Mesmo junto com eles, a filha de Paloma a procura. E ela, ao mesmo tempo que conversa com sua filha, tem que resolver assuntos do grupo que estava reunida.

As palavras utilizadas para se referir à participação dos homens no trabalho doméstico também podem reforçar a mulher como a principal responsável por este trabalho (MARCONDES, 2014). Foi o que percebemos com Joana e Laura:

Eloah: E o marido da senhora também participa?

Joana: É. Porque a gente é um parceiro com ele. Trabalhamos. Tem dias que tem reunião, eu não posso ir porque causa que tem que fazer almoço, ele vai. Às vezes ele busca. A gente divide. Se fosse sozinha, seria muito trabalho. Ele me **ajuda** também. Ele mais trabalha na máquina mas **ajuda**. (Entrevista, 30/06/2018. Grifo nosso)

Laura: A **mulher** que tem que fazer. Os homens **ajudam**, mas do jeito deles, né. Meu marido **ajuda**, mas **ajuda** que dá pena, né, dessa **ajuda**. (Entrevista, 02/05/2018. Grifo nosso)

“Ajuda” foi a palavra utilizada por Joana e Laura para se referirem à participação de seus maridos no trabalho doméstico. Considerando que eles “ajudam”, elas seriam as reais responsáveis pelo trabalho doméstico. Tanto que, assim como Flora, Joana e Laura deixaram de trabalhar quando seus filhos mais velhos eram pequenos mesmo que houvesse a participação de seus maridos. Sobre isso, Joana afirma:

Não dava pra trabalhar com duas meninas. Tem que estar de olho, né? Por isso né? Mas depois, não. Não trabalhei mais. Com dois anos que elas tiveram. Depois fiquei grávida de outro também. Aí, eram quase três. Então, não trabalhei. Depois de muito tempo comecei a trabalhar. Só meu marido trabalhava. (Entrevista, 30/06/2018)

Mesmo quando algumas mulheres conseguem articular a participação de homens como uma estratégia para a execução do trabalho doméstico, elas continuam como as principais responsáveis pelo trabalho doméstico em suas casas e famílias. Tanto que há casos de algumas mulheres que pararam de trabalhar ou passaram a executar dupla jornada, como estratégias para a realização do trabalho doméstico. O que podemos ir percebendo é que existem várias estratégias articuladas pelas mulheres, podendo acontecer de mais de uma estratégia ser articulada simultaneamente. Pode-se, como mostramos, articular a participação do pai de seus filhos e, ainda assim, executar dupla jornada de trabalho.

Além disso, a participação dos homens esteve muitas vezes permeada pela tensão. As interlocutoras que contam com a participação dos homens na execução do trabalho doméstico, puderam nos mostrar que esta participação é, muitas vezes, por elas articulada e permeada pelo conflito, stress e discussão. Houve casos em que a interlocutora discutiu mais de uma vez

com seu marido sobre a sua participação no trabalho doméstico. O que percebemos em campo são algumas participações de maridos e pais dos filhos das interlocutoras, mas não pareceram haver grandes mudanças. Por outro lado, observamos mudanças pontuais nos casos dos filhos e netos das interlocutoras que participam do trabalho doméstico. Talvez essa seja uma mudança a longo prazo pois elas comentam que ensinam a seus filhos mas os maridos de muitas delas parecem não estar de acordo e continuam a ter participações nulas ou pontuais.

4.2 A participação dos filhos, filhas e netos

As interlocutoras comentaram bastante sobre a participação de seus filhos e filhas. Na casa de Laura, além da participação de suas sobrinhas e marido, suas filhas arrumam seu próprio quarto e ajudam na organização da casa. Paloma, assim como Laura, comentou sobre a participação de sua filha e eventuais tensões em função da execução do trabalho doméstico. Paloma e sua filha moram em um apartamento, do qual dividem o trabalho doméstico. Em diversas conversas informais em campo, Paloma comentou sobre a participação de sua filha nas seguintes atividades: arrumar a casa, limpar a cozinha, regar as plantas, lavar e enxugar a louça. Mas sua filha nem sempre faz sua parte no combinado. Quando isso acontece, Paloma muda a senha da Wi-Fi e, segundo ela, sua filha já sabe que é por isso. Outras vezes, segundo Paloma, sua filha faz muito devagar e por isso Paloma reclama com ela. Já no caso de Dalva, ela não parece ter tensões com sua filha sobre a sua participação no trabalho doméstico. Entretanto, sua filha participa esporadicamente do trabalho doméstico por conta dos trabalhos que tem fora de casa. Segundo Dalva: “minha filha quando fica em casa também faz. Só não faz porque ela fica trabalhando né? Mas quando fica em casa, ela limpa, ela arruma. Eu lavo a roupa na lavadora, pego tudo e ponho em cima da cama pra ela guardar e passar” (Entrevista, 29/06/2018).

Outras três interlocutoras comentaram sobre a participação de seus filhos no trabalho doméstico, são elas: Joana, Margarida e Flora. Elas, diferentemente de Laura, Dalva e Paloma, tem filhos homens e não apenas mulheres. O filho de Margarida participa lavando louça e cozinhando quando ela está costurando e arrumando o quarto onde moram. Sobre esta última atividade, Margarida diz que faz mais do que ele e está sempre brigando com ele por conta da bagunça. Destaca que com o tempo ele está a aprendendo a ser mais responsável em sua vida.

Flora também ensinou seus filhos a participarem do trabalho doméstico. Desde quando eram pequenos, os mais velhos “ficavam de olho” (Entrevista, 29/05/2018) nos mais novos enquanto Flora trabalhava. A participação de seus filhos continua até hoje, já adultos. Atualmente, são seus filhos que lavam a louça. Fora isso, eles fazem o almoço quando ela sai para alguma atividade ou quando está lavando roupas. Quando ela lava roupa, eles a ajudam a estender. Os que mais participam no momento são seus dois filhos mais velhos, pois a sua filha e seu filho mais novo estão trabalhando fora de casa. Este seu filho é quem mais limpa o chão, segundo ela. Esta divisão do trabalho é tida, por Flora, como muito importante, o que ela destaca aqui:

E é assim, vamos dividindo o serviço. Porque eu falo, por exemplo, sempre falei pra eles ‘**a casa não é minha, a casa não é tua, a casa é nossa, o trabalho é nosso**’. Então, eu falo muitas vezes pro meu marido ‘você vai limpar ali, vai fazendo, vai vendo o que tem que fazer’. Então ele já vai vendo. Ele vai passando pano, vai limpando, vai lavando porque é assim que tem que ser. Porque eu falo ‘a casa não é minha’. E aí eu falo ‘quando eu morrer, vai ficar com vocês, então se virem porque não (há) outro jeito’. Eu falo pra eles se não me ajudarem, eu também não consigo. Não dá pra mim, já não tenho 15 anos. Estar subindo, descendo, lavando, limpando. Eu falo ‘não, não dá, não dá’. E não dá mesmo. (Entrevista, 29/05/2018. Grifo nosso)

Na entrevista, Flora continua dando importância à divisão. Ela destacou que, conversando com seus filhos, comenta que eles terão que participar do trabalho doméstico em suas casas com suas futuras esposas, pois “não é como antigamente”.

Flora: Eu falo: ‘tem que ajudar a mulher, tem que ajudar, tem. É pra lavar roupa, vai lavar roupa. É pra cozinhar, vai cozinhar porque não é assim’. Eu falo: ‘não é como antigamente, o homem mandava e a mulher escutava, não é mais assim, a vida mudou muito, muito’. Então eu falo porque hoje em dia a mulher sai pra fora trabalhar. (Entrevista, 29/05/2018).

Ainda que Flora destaque a participação dos seus filhos em sua casa atualmente e converse com eles sobre sua participação nas futuras casas deles com suas esposas, ela utiliza a palavra “ajuda” para se referir a participação deles em suas futuras casas e, fora isso, pondera que, quando eles estão trabalhando, eles não têm que participar tanto do trabalho doméstico.

Flora: Tinha vezes que trabalhavam sábado também. Então, eu falo ‘por que que eu vou dar todo esse trabalho pra eles? Eles já estão cansados no trabalho’. Porque eles estudavam e trabalhavam. Sempre estudaram e trabalharam. Aí, por exemplo, meu filho saía cinco horas da manhã, chegava meia-noite em casa. Como é que eu vou falar pra ele lavar a louça? Como é que vou falar pra ele ‘vai limpar, vai arrumar’.

Eu não achava justo porque isso fizeram sempre comigo. Então, eu falava, não posso fazer isso com eles. Eu tenho que dar uma colher de chá pra eles. Mas, assim, quando eles podiam, eles faziam, eles me ajudavam, sempre fizeram. Porém, quando eles estão trabalhando, não. Não dá pra você, por exemplo, estudando de manhã, trabalhando a tarde, chegar e lavar tuas meias, chegar e lavar tua roupa. É injusto, pra mim é injusto porque eu falo ‘cara, eles tão cansados’.

Eloah: E aí quem fazia?

F: Eu. Eu fazia mesmo eu trabalhando. Mesmo eu trabalhando (...). Eu falava ‘eu me dava meu jeito’, mas eu tinha que ajudar meus filhos (...). Mas só que eles estão sem trabalho, estão desempregados, então, eles fazem. Agora se começarem a trabalhar, aí eu vou ter que fazer tudo sozinha também. (Entrevista, 29/05/2018)

Flora pontua, portanto, que seus filhos adequam a sua participação no trabalho doméstico a partir do trabalho que desempenham fora de casa. Tanto que, se eles estiverem trabalhando fora, Flora diz que dá “uma colher de chá pra eles” e faz o trabalho doméstico. O que ressaltamos é que ela faz o trabalho doméstico mesmo se ela estiver trabalhando. Sendo assim, ela não altera sua participação no trabalho doméstico por estar costurando, ela “dá seu jeito” e realiza dupla jornada. Por isso, consideramos que ainda que ela dê importância à divisão, a participação dos seus filhos pode ser esporádica, enquanto que a dela deve ser permanente, parecendo estar associada à obrigatoriedade materna.

Sobre a participação de seus filhos, Joana afirma que suas filhas são responsáveis pela janta na maioria das vezes. Ela também ensina seus filhos a cozinhar. Eles lavam louça além de auxiliá-la na limpeza da casa, recolhendo o lixo. Assim como percebemos pelos relatos das demais interlocutoras com filhos e filhas, não parece haver divisão sexual do trabalho entre eles. Tanto meninos como meninas participam, podendo haver diferenças em função da idade e postos no mercado de trabalho.

Eloah: E lá, quando a senhora morava lá (Bolívia). A senhora também participava da cozinha, da limpeza?

Joana: Sempre, minha mãe me ensinou isso. A menina tem que saber fazer comida, sempre.

E: Os meninos também sabiam ou não?

J: Os meninos antigamente minha mãe tinha a mentalidade de que menina (...) tem que saber (...). O homem não. Minha mãe era assim. Mas hoje em dia não. Eu mudei tudo.

E: A senhora mudou como?

J: Assim, não existe isso. Todos somos iguais. Por isso que meu filho às vezes não quer arrumar, não quer limpar, *ni pegar basura*²⁹. Eu falo ‘não, você tem que limpar sim’. Então ele faz. Já tá acostumado. (Entrevista, 30/06/2018)

O fato de muitas das interlocutoras ensinarem para seus filhos as atividades de trabalho doméstico reforça que, para elas, este não seria de responsabilidade exclusiva das mulheres. Ensinar os filhos homens a realizar as atividades de trabalho doméstico seria, a

29 Lixo em espanhol.

partir da experiência de Joana, uma diferença entre gerações. Quando ela era pequena apenas mulheres aprendiam este trabalho, entretanto hoje, ela, já adulta, ensina seus filhos homens. A diferença entre gerações também foi percebida por Flora quando ela diz que pontua para seus filhos que “não é como antigamente”. Outra interlocutora que pontua esta diferença é Bete. Segundo ela, seu marido diz ser de “tempos antigos” (Entrevista, 17/05/208). E ela prossegue:

Bete: Tudo, tudo da casa, eu faço (...). Então, na minha época a educação foi assim. Então, minha mãe também às vezes me falava ‘O homem é a cabeça, a mulher o corpo e os membros são as crianças’. Então, o homem é a cabeça e a mulher tem que sustentar a cabeça. Então você tem que fazer as coisas. Tem que atender bem ao homem. O que o homem gosta comer, tem que fazer. Tem que agradar o homem. Sempre foi isso que me educaram. Sou daquela época, né? Agora já mudou, já é outra coisa. Então, por causa disso, *yo* ainda sou assim. Por isso que minhas noras já não são assim, já são mais igualdade, mais diferente.

Eloah: É diferente? Como é com elas?

B: É diferente porque eles se entendem. Por exemplo, ela, minha nora, faz suas coisas mas também o homem tem que ajudar. Tem que fazer, compartilhar. E eu também falo pra eles (filhos) fazerem isso, diferente. Não se acomodar. Porque antigamente, eu mesma acostumei ele (marido), como ele fala: ‘você me acostumou, eu já esqueci de fazer isso’.

E: O seu marido?

B: O meu marido, essas respostas. Porque às vezes quando eu saio, assim, tem que deixar tudo pronto, cozinhado. Se eu não deixo, eles vão a comer fora ou qualquer coisa.

E: E aí os filhos da senhora com as noras, como é que eles participam? Eles fazem o que?

B: Eles fazem as coisas, limpam, trocam fralda. Por exemplo, o caçula é atencioso. É diferente. Claro que eles dizem ‘quem não queria ter essas coisas de você porque você é super atenciosa? Porque meu pai vai. Ele estranha quando você sai, ele não quer que você saia, não quer que você saia’. E é verdade. Mas eu não me queixo, eu não falo assim porque eu sempre fui assim. Eles me educaram desde criança sempre trabalhando, sempre fazendo as coisas. Sempre, assim, desse jeito. (Entrevista, 17/05/208)

A partir das experiências de Bete e Joana, percebemos o que diz Sherry Ortner (2007a; 2007b); sobre a possibilidade das normas hegemônicas coexistirem com outros modelos. Nesse sentido, gerações mais velhas podem manter a responsabilidade do trabalho doméstico como exclusivamente feminina, enquanto que em gerações mais novas pode começar a haver uma maior partilha das atividades do trabalho doméstico entre homens e mulheres. Esta maior partilha seria resultado da agência das mulheres que, resistindo a normas tradicionais de divisão sexual do trabalho, ensinam seus filhos e netos homens as atividades de trabalho doméstico.

Como bem salienta Sherry Ortner (2007a; 2007b), a coexistência de modelos hegemônicos com outros modelos é permeada pela tensão. A experiência de Dalva³⁰ mostra um pouco desta tensão pois seu marido se nega a participar do trabalho doméstico e reclama que ela ensine a seu neto. Mesmo havendo casos de tensão, no geral, as interlocutoras que têm filhos, falaram sobre a participação deles nas atividades de trabalho doméstico, o que para nós, mostra uma outra estratégia para a execução deste trabalho que já está acontecendo e reforça a possibilidade de mudança em novas gerações a partir da agência destas mulheres.

Por outro lado, também pudemos perceber que muitas das mulheres, ainda que dividam com outras pessoas, continuam como as principais responsáveis pelo trabalho doméstico de suas casas e famílias e, como tais, acabam tendo que lançar mão de mais estratégias para conseguir ocupar postos no mercado de trabalho. Estes postos, por sua vez, são mais precários, com menor remuneração e horários mais flexíveis. Mesmo assim, ocupar uma posição no mercado de trabalho não foi possível para todas as interlocutoras em todos os momentos de suas vidas, mostrando outra forma como que o trabalho doméstico pode impactar a vida destas mulheres.

Destacamos que são várias as estratégias articuladas pelas interlocutoras para a execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Portanto, ainda que sejam as mulheres as principais responsáveis pela execução deste trabalho, elas articulam uma série de estratégias para a execução deste trabalho. Estas estratégias envolvem a participação em diferentes graus de seus maridos, pais de seus filhos, cunhadas, amigas, filhos, filhas e suas próprias mães. Muitas destas estratégias são permeadas pela tensão e por conflitos, como pudemos observar quando se trata da participação de homens adultos, filhos, sobrinhos ou netos. Existem conflitos entre pessoas em função do trabalho doméstico como também conflitos entre diferentes modelos de organização do trabalho doméstico, com disputa entre modelos mais e menos hegemônicos.

Por fim, fazemos a ressalva que as estratégias articuladas pelas mulheres bolivianas em campo e por nós analisadas até o momento não diferem do que a literatura sobre trabalho doméstico vem discutindo. Existem semelhanças entre estes casos apresentados e outros estudos como pontuamos ao longo do capítulo. Muito das semelhanças giram em torno da invisibilidade do trabalho doméstico, da desigualdade de sua organização, das tensões e conflitos com os homens, da sobrecarga para as mulheres e da articulação de redes. Havendo

30 Para maior compreensão, pode-se voltar para as páginas 62 e 63 e rever os trechos onde Dalva comenta sobre esta tensão seguido por nossa análise.

estas confluências, não podemos reduzir as formas de articulação do trabalho doméstico a uma ou outra opção de estratégia. Por isso, julgamos ser pertinente dissertar sobre a variedade de estratégias articuladas pelas mulheres em campo, ainda que sejam elas sempre as principais responsáveis pelo trabalho doméstico. E, dentre esta variedade, salientamos que elas se posicionam como agentes, discordando que o trabalho doméstico seja responsabilidade exclusiva das mulheres. Havendo esta discordância, como mostramos, elas resistem ensinando a seus filhos e netos homens as atividades de trabalho doméstico. É a partir disso que vislumbramos a possibilidade de mudanças futuras, mas que por hora, não é possível garantirmos. Tendo apresentado as semelhanças entre estratégias articuladas por mulheres bolivianas em campo e a literatura sobre trabalho doméstico, nos propomos a, no próximo capítulo, discutir sobre possíveis especificidades na organização do trabalho doméstico relacionadas ao fato de as interlocutoras serem imigrantes e bolivianas.

5 ESTRATÉGIAS PARA A EXECUÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO A PARTIR DA IMIGRAÇÃO

Neste capítulo, nos propomos a investigar as estratégias de organização do trabalho doméstico tendo em vista possíveis especificidades relacionadas ao fato de as interlocutoras serem imigrantes e bolivianas. Portanto, analisamos se a migração impactou na organização do trabalho doméstico. A investigação destes possíveis impactos envolve tanto estudar considerações das interlocutoras sobre o trabalho doméstico no Brasil e na Bolívia, como analisar as redes compostas por elas em um país e no outro e possíveis redes entre os dois países.

Dentre as interlocutoras, Laura imigrou com suas duas filhas; Margarida imigrou com seu filho e Fernanda imigrou com sua filha. Já Bete, Dalva, Janete imigraram enquanto seus filhos permaneceram na Bolívia assim como Paloma que ficou na Bolívia quando seus pais imigraram. Joana ainda não tinha filhos quando imigrou. Assim como ela, Flora ainda não tinha filhos e veio com seus pais como Vera. Muitas delas moravam com seus pais na Bolívia, o que mudou para algumas delas ao imigrar. Fernanda morava com a irmã de uma amiga quando chegou a São Paulo, Laura morava com seu marido e filhas, já Bete, Margarida, Dalva, Janete e Joana moravam em seus trabalhos. Veremos que onde se mora e com quem se mora terá implicações nas estratégias de trabalho doméstico, assim como imigrar ou não com seus filhos.

Em campo, algumas interlocutoras pontuaram brevemente sobre possíveis diferenças entre a organização do trabalho doméstico no Brasil e na Bolívia, nos fazendo refletir sobre a influência da migração no trabalho doméstico. Uma de nossas interlocutoras destacou que as brasileiras teriam mais tempo para si mesmas do que as bolivianas. Estas, segundo Laura, estariam muito presas à casa, aos filhos e ao marido.

Eloah: Você acha que é muito diferente, as brasileiras, as bolivianas?

Laura: Eu acho. Eu acho porque, no sentido assim, que eu acho que aqui vocês têm, estão mais adiantadas em questões de gênero. Digamos porque você vê as mulheres que se arrumam mais, se *dan* um tempo pra elas. As bolivianas você não vai ver tanto isso. Poucas pessoas fazem isso. A maioria, elas cuidam mais do marido, dos filhos, do que delas. Então elas não se dão presentes pra elas, tipo comprar um sapato. Compra pra o filho, compra pra o marido e esquecem delas. E as brasileiras não, pensam eu acho primeiro elas, depois o marido e os filhos (...). Então, a mulher boliviana é muito, aí é a mulher mais no cuidado da casa, lavar a roupa, cuidar das crianças, arrumar a casa, estar com as crianças. São poucos os homens que saem com os filhos pra passear, digamos. Ou a mulher está carregando um filho aqui, outro filho aqui, outro filho na mão, e o marido está só com as mãos no bolso. Então

é um machismo muito mais instaurado eu acho (...). A mãe fazia isso, a avó fazia isso, então ela faz isso. Então, por isso que é tão importante discutir as questões de gênero, mas não só com a mulher, *sino* também com o homem. Então eu *veo* essa diferença. E algumas mulheres também já *percibiran* isso, porque cobram dos maridos pra eles ajudarem. E eles *comenzan* a falar, né, “ai você tá querendo parecer brasileira”, né, “tá achando que vai ser igual que a mulher brasileira, não vai fazer nada, vai ficar no salão de beleza, né?” Então elas escutam isso. (Entrevista, 02/05/2018)

Considerando esta diferença entre Brasil e Bolívia, Laura comenta que algumas mulheres bolivianas ao imigrar começariam a se comportar de forma diferente, cobrando maior participação dos seus maridos no trabalho doméstico, o que geraria tensões. Entretanto, destacamos que apenas Laura pontuou a possibilidade de a imigração pro Brasil significar uma maior divisão do trabalho doméstico com os maridos. Nenhuma outra interlocutora fez menção a isso ou associou a imigração pro Brasil com uma maior participação dos seus maridos no trabalho doméstico em suas casas. Pelo contrário, algumas interlocutoras destacam que o Brasil é mais “machista” do que a Bolívia e percebem isso também através da desigualdade na divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres. Dalva reforça que na Bolívia atividades de trabalho doméstico são ensinadas a todas as crianças na escola, enquanto que no Brasil o ensino destas atividades aos meninos seria tido como negativo.

Eloah: A senhora acha que é diferente isso na Bolívia e aqui? A senhora acha?

Dalva: É muito diferente que aqui *son más*. Acho que são mais machistas. Eu vi várias pessoas que ‘porque menino não pode fazer’. ‘A que menina não pode brincar, assim, com menino’. Não sei o que. Ali não, ali. Todo mundo aprende tudo. Na escola mesmo *allá*, na Bolívia. Na escola que ensina a fazer tricô (...) pra menino e pra menina. Na escola, que os meninos aprendem eletricidade, *carpinteria* (...).

E: E cozinhar também?

D: Cozinhar também.

E: Os meninos também?

D: Também. E na escola que ensina culinária a partir da sexta, sétima série. E corte e costura também ensina na escola. Faz parte do calendário escolar. Coisa que aqui não tem (...).

E: E em casa, a senhora acha que os homens lá participam mais do que aqui? Nas suas casas.

D: É, a maioria. Tem sempre algum machista que não faz. Mas a maioria participa sim, participa muito.

E: E a senhora acha que divide igual lá? Cozinha, limpeza?

D: Eu acho que não. Eu acho que o homem ajuda, assim, um pouco, mas ajuda.

E: Ajuda, não divide?

D: *No* divide, só ajuda. Mas aqui não vejo muito isso não. Eu vejo que mais sobra mesmo. Meu marido fala, ele mesmo fala “Aqui no Brasil não é assim não. Aqui no Brasil, homem não faz nada de cozinha, de limpeza. Isso é coisa de mulherzinha” (...). Eu acho que não devia ser assim não. Se todos moram na mesma casa, por que não compartilhar de tudo né? (Entrevista, 30/06/2018)

O interessante é que na fala de Dalva temos um discurso oposto ao da fala de Laura. Dalva pontua que seu marido brasileiro reforça que “aqui (Brasil) não” há participação dos homens no trabalho doméstico e, portanto, as mulheres brasileiras fariam tudo. Enquanto que na fala de Laura, os homens bolivianos considerariam que as mulheres brasileiras fazem menos do que as bolivianas em casa. Ainda que sejam discursos opostos, eles corroboram uma mesma atitude: a não participação de homens no trabalho doméstico, sejam eles bolivianos ou brasileiros. Em consonância com isto, algumas das interlocutoras, como Bete, Margarida e Vera destacam que as desigualdades de divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres seria igual tanto na Bolívia como no Brasil.

O que pudemos perceber é que ainda que alguns autores (ASSIS 2004;2007; ALENCAR-RODRIGUES, STREY, ESPINOSA CANTERA, 2009) destaquem que a migração pode significar uma maior participação dos homens no trabalho doméstico, esta possibilidade não foi um grande destaque em campo. Na pesquisa, como dissemos no capítulo anterior, destacou-se a possibilidade de uma maior divisão do trabalho doméstico com homens a partir de gerações futuras, mas não como impacto da migração.

O fato de a imigração pro Brasil não implicar em uma maior divisão do trabalho doméstico com os homens na experiência de muitas das interlocutoras, não quer dizer que o ato de migrar não tenha impactado na forma como estas mulheres articulam a execução do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Em campo, percebemos a existência de especificidades nas estratégias articuladas por estas mulheres relacionadas ao fato de serem imigrantes e bolivianas.

Uma dessas especificidades é que, sendo migrantes, as mulheres podem acessar redes no Brasil diferentes daquelas que acessavam na Bolívia, podendo ser outra a forma como organizam o trabalho doméstico ao imigrar. Dalva, logo que imigrou, deixou sua filha na Bolívia com a sua mãe porque era a única pessoa em que ela confiava. Em contrapartida, quando Dalva trouxe sua filha para São Paulo, ela deixou de ter esta rede com sua mãe e passou a desempenhar sozinha o trabalho de cuidado para com sua filha. Ela fala que:

Dalva: Como **eu tinha confiança na minha mãe**, deixei com ela (...).

Eloah: E aí aqui quando a senhora veio a senhora não tinha ajuda da mãe da senhora?

D: Não porque ela estava *allá* (...).

E: Mas aí quando a filha da senhora veio aqui, a senhora ficou só a senhora cuidando dela? Sua mãe não tava. Porque quando a senhora tava lá a sua mãe ajudava a senhora. Mas quando a sua filha veio a senhora não tinha essa ajuda?

D: Não, **de ninguém** por isso que não podia trabalhar. Só comecei a trabalhar quando ela ficou mocinha, com uns catorze, quinze anos, que já dava pra ela ficar em casa por meio período. Não dá pra confiar nessa idade né? Graças a Deus ainda teve cabeça. Porque eu pensava, minha filha tá ficando mozinha, a prostituição, as drogas, pedia tanto a Deus pra me dar vida pra poder orientar ela. Aí eu falava, se eu morrer quero morrer quando ela tiver uns 20, 25 anos (...).

E: E nem vizinha não ajudava?

D: Não, não, não.

E: A senhora que.

D: Eu mesmo, **não confio a ninguém. Nunca confiei.** Ali na Bolívia também não. *Yo* ia no médico, digamos, com ela pequenininha. Quando entrava, entrava junto com ela, segurava ela aqui. Não deixava não. Só deixava com minha mãe mesmo. Não deixava com ninguém. **Aqui, pior, não conhecia ninguém.** Imagina eu entrar no banheiro e falar “segura ela aqui um pouquinho”. Sair e não tem mais. Aconteceu tantas vezes com outras pessoas que a gente vê na televisão. Você vê desgraça na televisão. (Entrevista, 29/06/2018. Grifo nosso)

Dalva afirma que só confiava em sua mãe pra dividir o cuidado de sua filha. Mas ao migrar com sua filha e sua mãe permanecer na Bolívia, Dalva não conhecia mais ninguém em quem confiasse pra dividir este trabalho. Então, a estratégia dela foi deixar de trabalhar fora de casa pra se dedicar exclusivamente à sua filha. Dalva não é única a comentar sobre as redes que tinha acesso na Bolívia. Assim como Dalva, demais interlocutoras acionavam outras mulheres de suas famílias para a execução do trabalho doméstico quando moravam na Bolívia. Margarida contava com sua mãe que buscava seu filho na creche enquanto ela ainda não tinha saído do trabalho. Assim como Margarida, Fernanda morava com seus pais e contava com o apoio deles para o cuidado de sua filha. Laura tinha o auxílio de suas irmãs para o cuidado de suas filhas enquanto elas eram pequenas. Ela também destaca que morava perto de seus pais. Aqui em São Paulo, ainda que Laura tenha irmãs que moram na mesma cidade, elas não moram próximo como moravam na Bolívia e Laura não tem a “facilidade” de poder acioná-las ainda que ela faça a ressalva que agora não é mais tão necessário dado que suas filhas estão maiores.

Laura: Minhas irmãs ajudavam com as crianças, então quando eu tinha que limpar, minhas irmãs vinham, pegavam minhas filhas, levavam pra casa delas e dos meus pais. Porque a gente morava aqui e na volta do *mismo* quarteirão moravam meus pais. Então as irmãs levavam minhas filhas.

Eloah: E aqui (em São Paulo) as suas irmãs...

L: **Elas moram muito longe, não tem essa facilidade.** Mas também minhas filhas já estão mais grandes, então no *hay* tanto esse problema de ficar levando as crianças pra outro lar pra gente arrumar. A gente arruma junto, minhas filhas me ajudam. Então não tem esse problema.

E: Mas logo que vocês chegaram, elas eram menores.

L: Elas eram mais pequenas. Elas arrumavam os brinquedos, né, do jeito que elas podiam, mas eu não carregava *labores* domésticas muito pesadas com elas, tipo lavar os *platos*, coisas assim. (Entrevista, 02/05/2018. Grifo nosso.)

Ainda que as interlocutoras não tenham rompido completamente suas relações e contatos com o país de origem, a distância pode impactar na rede que estas mulheres têm acesso para articular o trabalho doméstico de suas casas e famílias. Muitas delas deixaram de morar perto de parentes que as auxiliavam no trabalho doméstico, principalmente no que se refere ao cuidado com os filhos. Diante disso, é necessário que estas mulheres, sendo imigrantes, lancem mão de outras estratégias para organizar o trabalho doméstico, como: saída do mercado de trabalho, participação das filhas na divisão do trabalho, intensificação da dupla jornada, além do acesso a creches. Analisando o trabalho doméstico, percebemos que as pessoas que poderiam ser acionadas para participar deste trabalho estão bem mais longe do que estavam na Bolívia quando moravam juntas ou no quarteirão seguinte. A imigração, portanto, influencia nas possibilidades de estratégia para execução do trabalho doméstico dado que algumas pessoas não poderão mais ser acionadas como antes, o que não quer dizer que não hajam contatos entre o país de origem e o país destino.

Também percebemos a influência da migração na organização do trabalho doméstico quando algumas interlocutoras comentaram conosco sobre a decisão de não retornar à Bolívia ou não migrar para outra parte do Brasil em função dos impactos que estas migrações teriam sobre o trabalho doméstico que são responsáveis. Vera, por exemplo, passou um período de sua formação em outro estado do Brasil, mas quando foi fazer seu mestrado decidiu que não voltaria a este estado apesar de ter tido uma ótima experiência lá. Decidiu permanecer em São Paulo pelo cuidado que presta a seus pais. Segundo ela, seus pais “estão numa situação que não dá pra ficar mais sem estar por perto. Então não adianta, mesmo a vontade existindo. A curto prazo, assim, eu não posso me distanciar” (Entrevista, 30/04/2018). No caso de Bete, ela diz que pensava em voltar para a Bolívia quando seus filhos estivessem maiores. Agora, eles estão maiores e ela tem seus netos que “estão apegados” (Entrevista, 17/05/2018) e dos quais Bete realiza grande parte do cuidado. Portanto, reconhecendo que a distância impacta no trabalho doméstico, principalmente nas atividades de cuidado para com outras pessoas, algumas das interlocutoras decidem não migrar mais uma vez. O que não quer dizer que não houve momentos nas trajetórias destas e de outras interlocutoras que elas imigraram sem a companhia de outras pessoas pelas quais eram responsáveis pelos cuidados.

Quando analisamos, nesta pesquisa, as estratégias articuladas pelas mulheres bolivianas para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias, não foram raras às menções a casas e famílias não só no Brasil como também na Bolívia. Considerando que

estas mulheres estão no Brasil, mas suas histórias não começaram aqui, muitas, enquanto transmigrantes (GLICK SCHILLER, 2000) mantêm vínculos com o país de origem. E, por estes vínculos, perpassa o trabalho doméstico.

Na trajetória de quatro das interlocutoras, é marcante a presença do trabalho doméstico entre Brasil e Bolívia. Nem sempre mães imigraram com seus filhos, o que necessitou a articulação de redes para que o trabalho doméstico executado por esta mulher na Bolívia fosse reorganizado, agora que ela imigrou pro Brasil e passou a estabelecer novas relações com o país de origem. Este é um outro fator que nos faz pensar que as trajetórias das interlocutoras, enquanto imigrantes, podem ter algumas especificidades na forma como organizam o trabalho doméstico.

Paloma ficou na Bolívia, quando criança, enquanto seus pais imigraram pro Brasil. Assim como os pais de Paloma, Janete, Bete e Dalva imigraram sem seus filhos que permaneceram na Bolívia aos cuidados de outras pessoas. Nos casos de Dalva e Bete vale destacar que elas imigraram para trabalhar em São Paulo cuidando da filha ou da casa de outras pessoas, respectivamente, enquanto reorganizavam o trabalho doméstico outrora feito por elas em suas casas e famílias na Bolívia. Assim, foram sendo compostas cadeias globais de cuidado. Nestes casos, a imigração impactou diretamente as estratégias de organização do trabalho doméstico dado que as principais responsáveis pelo trabalho de cuidado com as crianças migraram, mas as crianças permaneceram no país de origem, tendo que se reorganizar as estratégias. Nos casos das interlocutoras em questão, cadeias globais de cuidado foram a estratégia articulada.

Além de Janete, Dalva, Bete e os pais de Paloma que estavam no Brasil, outras pessoas na Bolívia integraram estas cadeias para garantir o cuidado dos seus filhos que ficaram na Bolívia. A filha de Dalva ficou aos cuidados da avó materna. No caso de Janete, ela só tinha um filho quando imigrou para São Paulo e ele ficou com a avó materna. Os dois filhos mais velhos de Bete já tinham nascido quando ela imigrou, mas eles não imigraram. O filho mais velho ficou com a avó paterna. Já seu filho mais novo foi para um internato, aos cuidados de freiras. No caso de Paloma, foi ela quem ficou com sua avó materna. Destacamos que, em todos os casos, são mulheres, muitas vezes as avós, que se responsabilizaram pelo trabalho de cuidado com os filhos das interlocutoras que ficaram na Bolívia. Sendo mulheres, há um reforço à divisão sexual do trabalho agora em contextos transnacionais. As interlocutoras estabeleceram redes, portanto, com outras mulheres, principalmente suas mães,

para concretizarem seus projetos migratórios. Com relação às avós, vale destacar que a importância delas se mantém até hoje na vida das interlocutoras, mas agora de outra forma. Bete e Dalva, que acionaram avós de seus filhos para o cuidado deles enquanto imigravam pro Brasil, são agora acionadas, enquanto avós, para o cuidado de seus próprios netos nascidos no Brasil.

Sobre a participação das avós, também houve relatos em campo sobre avós que visitaram filhos e netos no Brasil pra auxiliar com o trabalho de cuidado das crianças pequenas. Este foi o caso de Paloma. Depois que ela e suas irmãs vieram pro Brasil para ficar com seus pais, receberam várias visitas de sua avó materna para auxiliar no cuidado com elas. Além desta avó, Paloma também comentou sobre a presença de uma tia, irmã de sua mãe. Ela, mais do que visitar, passou temporadas na casa de Paloma para auxiliar no trabalho de cuidado com as crianças, o que já fazia quando moravam na Bolívia. Apenas Paloma fez menção às visitas de parentes vindas do país de origem para auxiliar no trabalho doméstico das famílias no Brasil. Esta possibilidade nos faz refletir sobre como que as relações entre Brasil e Bolívia não se rompem plenamente em função da migração, mas são reestruturadas em novos formatos e a partir de novos lugares. Pensando as interlocutoras como transmigrantes, destacamos a importância de refletir sobre como a conexão entre os dois lugares permeiam as dinâmicas de trabalho doméstico. Esta conexão pode acontecer entre famílias no Brasil com parentes na Bolívia que fazem visitas, assim como entre mulheres imigrantes aqui no Brasil e seus filhos e familiares na Bolívia compondo as cadeias globais de cuidado. Se outrora analisamos como que a distância em função da migração impacta no trabalho doméstico, podemos agora pensar como que o contato entre os dois países também influencia neste trabalho.

Tendo imigrado sozinhas, algumas interlocutoras comentaram conosco sobre como era o contato com seus filhos quanto estes ainda estavam na Bolívia. Bete, nos primeiros anos que esteve no Brasil, não conseguiu estabelecer contato com sua família na Bolívia. Tanto que as pessoas acharam que ela tinha morrido e se assustaram quando ela voltou para buscar seus filhos. O caso de Dalva já foi diferente. Ela comentou conosco que falava com sua filha e sua mãe pelas cabines de telefone que existem até hoje entre as ruas Coimbra e Bresser. Como comenta Vasconcelos (2013), as ligações são uma importante forma de conexão entre mães e filhos que estão em países diferentes, sendo até uma forma daquelas participarem do cuidado destes.

Quando Dalva falava com sua filha pelo telefone, ela chorava e pedia que a mãe voltasse assim como também pedia que a levasse pra São Paulo.

Dalva: Ah, ligava (...). Ela falava “Mãe, vem cá. Mãe, vem cá”.

Eloah: Ela falava?

D: Ela falava: “Mãe, me leva. Mãe, me leva”. Mas você não pode levar criança porque já eu não conhece o lugar. Como eu tinha confiança na minha mãe, deixei com ela. Mas na primeira oportunidade, peguei e trouxe ela pra cá (...). *Llorava, llorava.*

E: Antes?

D: Dias *llorando*. E meu marido ficava bravo. “Por que é que você chora? A menina tá bem, tá bem cuidada. Deixa ela lá mesmo” (...). Chorava muito, muito. Sentia falta dela. Sentia falta da minha mãe, do meu pai. Aí falava com ela, ficava triste. Aí fiz de todo pra ir pegar ela e trazer ela. (Entrevista, 29/06/2018)

Tanto Dalva como outras interlocutoras comentam sobre as dificuldades de manter-se longe dos filhos. Tanto que todas as interlocutoras que experienciaram a cadeia global de cuidado, fizeram desta uma estratégia temporária. Depois de algum tempo tendo imigrado, as interlocutoras voltaram pra Bolívia pra buscar seus filhos. Trazer seus filhos para o Brasil significou, no caso de algumas interlocutoras, a necessidade de negociar com seus maridos, pois estes nem sempre concordavam com a vinda de crianças filhas de relacionamentos anteriores de suas esposas. Dalva comentou que seu marido não queria que ela trouxesse sua filha por não ser filha dele. Já na casa de Janete, a relação de seu então marido e seu primeiro filho também foi permeada pela tensão. Por outro lado, no caso de Bete, seu marido apoiou que ela fosse buscar seus filhos. O seu segundo filho veio com Bete quando ela foi buscá-lo, mas o filho mais velho não quis vir para o Brasil. Ele optou por ficar com sua avó paterna na Bolívia. Desta vez, Bete conseguiu manter contato com ele pelo telefone e chegou a visitá-lo. Mas, segundo ela, ele só falava com ela pelo telefone quando queria e demorou para querer vir para o Brasil, o que aconteceu há cerca de oito anos.

As visitas à Bolívia e ligações telefônicas também estão na memória de Paloma. Ela se lembra de, quando pequena, ir até uma telefônica no centro da cidade de São Paulo para poder conversar com sua avó que estava na Bolívia. A conexão com as pessoas que estão na Bolívia através do telefone se mantém até hoje, mas, como bem salienta Dalva, agora esta conexão se dá através dos aplicativos de comunicação como o WhatsApp. Dalva comentou conosco que participa de um grupo neste aplicativo com todos os seus irmãos. E é através deste aplicativo que ela fica sabendo como estão e também pode contar sobre como está sua vida em São Paulo, assim como enviar fotos. Margarida também comenta que faz uso destes aplicativos

para falar com seus pais. Mas, para isso, ela precisa da ajuda de seu irmão. Este irmão seria o mediador tecnológico (CARPENEDO e NARDI, 2017), que, sendo mais novo, auxilia seus pais no uso destas tecnologias de comunicação. Joana também faz uso destes aplicativos para falar com seus familiares que estão na Bolívia. É através destes aplicativos que ela conversa com eles, se comunica por vídeo e envia fotos. Segundo ela, há um tempo a comunicação com os familiares na Bolívia era muito mais difícil. Quando imigrou, na década de 90, ela se comunicava com seus familiares por carta. Quando alguém viajava pra Bolívia, levava a sua carta e eventuais fotos. E, depois de muito tempo, voltava a resposta. Só por volta dos anos 2000, sua mãe conseguiu comprar um celular e elas começaram a se comunicar por ligações celulares.

Outra forma de relação entre o Brasil e a Bolívia comentada pelas interlocutoras foram as remessas. Em variados espaços em campo, como na Coimbra, na Kantuta ou no Bom Retiro, pudemos observar casas de envio de remessa. Todas as interlocutoras comentaram que enviam ou já enviaram dinheiro para seus familiares na Bolívia e algumas delas, como Bete e Vera, já enviaram também medicamentos para familiares doentes. Dalva enviava dinheiro para que sua mãe cuidasse de sua filha. Já Bete não conseguia enviar remessas de dinheiro logo que imigrou, mas depois de um tempo, começou a enviar. Nestes casos, como comentam Carpenedo e Nardi (2017), as mulheres não só participam do trabalho de cuidado com seus filhos à distância como são provedoras à distância.

Em outros casos, como no de Margarida, há o envio de remessas de dinheiro não para um filho, mas para seus pais idosos. Quando ela morava na Bolívia, ela auxiliava no cuidado deles, mas agora eles moram com outro filho e recebem dinheiro de Margarida. Vera e Laura, assim como Margarida, comentaram sobre o envio de remessas para idosos. No caso de Laura, ela envia para seus pais. Já Vera, quando seus avós maternos eram vivos, sua família nuclear em São Paulo enviava dinheiro, medicamentos e roupas para eles. Assim, fomos percebendo que as conexões entre os dois países podem se dar de diferentes formas, seja por visitas, remessas, ligações ou cadeias globais de cuidado. Como dissemos, migrar, não significou para as interlocutoras romper plenamente relações com a Bolívia, mas, como transmigrantes, renegociá-las, o que por vezes, incluiu rearticulações com relação ao trabalho doméstico.

5.1 Tecendo nós entre a costura e o trabalho doméstico na comunidade boliviana em São Paulo

Quando pensamos sobre os impactos da imigração no trabalho doméstico podemos avaliar questões como: se há uma maior divisão do trabalho doméstico com os maridos depois da imigração; e as consequências da distância e do contato entre Brasil e Bolívia no trabalho doméstico. Mas, além disso, podemos nos perguntamos sobre as especificidades do trabalho doméstico relacionadas ao fato de as interlocutoras serem bolivianas vivendo no Brasil. Em campo, pudemos perceber que a nacionalidade é vivida pelas pessoas de mesmo origem. Como dissemos no segundo capítulo, não foram raros os momentos de irmos e conhecermos festas, associações e grupos de bolivianos que se agregam pela nacionalidade. Entretanto, em campo, não percebemos a formação expressiva de redes entre bolivianos para a execução do trabalho doméstico. Apenas uma vez pudemos presenciar amigas bolivianas saindo juntas para um parque para passearem com seus filhos. No mais, não houve menções a este tipo de estratégia. Percebemos que as mulheres administram o trabalho doméstico sozinhas ou acionam suas famílias, estejam elas no Brasil ou na Bolívia. Mesmo não havendo a formação de redes pela nacionalidade para a realização do trabalho doméstico, quando analisamos o material de campo nesta pesquisa, percebemos que muitos dos bolivianos e bolivianas imigram pra São Paulo e se inserem na cadeia de produção têxtil, o que, por sua vez, indica mais especificidades na forma como se organiza o trabalho doméstico. Portanto, podemos pensar também em algumas especificidades do trabalho doméstico a partir da experiência de bolivianas que estão inseridas neste ramo de trabalho em São Paulo. Com isso não queremos reduzir a experiência dos bolivianos na cidade de São Paulo à costura, mas apresentar como que este ramo tão ocupado pelos bolivianos e bolivianas na cidade implica em certas formas de organização do trabalho doméstico.

Para algumas interlocutoras, o ritmo de trabalho dos bolivianos em São Paulo impacta no cuidado que dão aos seus filhos, segundo Margarida:

Porque aqui no Brasil temos que ver a realidade, nós bolivianos nos dedicamos muito a trabalhar mas nossos filhos seguem crescendo assim, a toa, não têm rumo. Então é isso que me preocupa porque eu também tenho filho. Aqui, lamentavelmente *la* maioria dos bolivianos todos a trabalhar, trabalhar, trabalhar e os filhos? Né? Então esquecemos disso? E também esquecemos de nós mesmas. Principalmente os bolivianos, não nos arreglamos, estamos assim, trabalhar e não, acho que temos que mudar algumas coisas. (Entrevista, 08/05/2018)

Percebemos que o ritmo de trabalho influenciou na criação de Flora. Ela diz que sua mãe, trabalhando na costura, não tinha tempo de cuidar. E seu pai, querendo que os filhos trabalhassem, os via como mão de obra:

Se nós tínhamos uma mãe que nos cuidava lá na nossa terra, minha mãe se esqueceu de nos cuidar aqui. Minha mãe se esqueceu de ser mãe porque ai como deixar os meninos pro mais novos, deixar que cuidem dos meus irmãos. Minha mãe se dedicava mais a trabalhar. Então, ela também se descuidou de nós, como filhos (...). Porque mais antes ele (pai) nos via como qualquer coisa, menos como filhos. Nós éramos a mão de obra dele. Nós éramos os trabalhadores deles, não éramos filhos. (Entrevista, 29/05/2018)

Para Margarida, o alto ritmo de trabalho da comunidade boliviana não influencia apenas no cuidado dos filhos mas também em outras atividades do trabalho doméstico, como a organização da casa: “Como elas (bolivianas) têm que trabalhar e depende desse trabalho, elas têm que fazer (trabalho doméstico) bem corrido mesmo (...). Às vezes, por isso que deixam as casas *todo* bagunçadas porque às vezes *no* tem tempo. Porque tem que trabalhar (...). *No* dá esse tempo” (Entrevista, 08/05/2018). Margarida segue comentando sobre sua irmã que agora trabalha bastante no Brasil e, por isso, não tem mais tempo para manter a casa organizada da forma como organizava na Bolívia.

Para Bete, o tempo também é um fator que compromete a organização de sua casa. Ela diz que lava, mas não tem tempo de deixar as panelas brilharem. Segundo ela, esta seria uma diferença entre as casas de bolivianas e de brasileiras.

Eloah: Pensando casas dos brasileiros e dos bolivianos, é muito diferente o trabalho doméstico? Como é organizado, será?

Bete: É, é, as brasileiras são mais organizadas eu acho. Porque elas, brilha a casa delas, de vocês.

E: A minha não.

B: Tanto que às vezes eu tenho vergonha porque claro que porque eu tenho tempo limitado eu não esfrego muito as panelas, tudo. Lavo só. E a brasileira não. Brilha, nossa, parece espelho. Isso que eu gosto delas. São bem assim, arrumadinhas. Não sei se todas.

E: Nem todas.

B: Mas as que vi sempre. (Entrevista, 17/05/2008)

Sobre a organização das casas, Bete destaca que as brasileiras teriam as casas mais arrumadas do que as bolivianas. Enquanto que, para Vera, as casas das bolivianas estariam limpas, mas do “jeito delas”: “É, em casa tá limpo. Tá limpo do nosso jeito” (Entrevista, 30/04/2018). Vera pontua que muito da diferença na organização da casa se deve ao fato de que as casas dos bolivianos sempre estão permeados pelo trabalho, seja com máquinas de

costura, roupas para fazer ou mercadorias a serem vendidas. Enquanto isso, para Vera, as casas brasileiras sempre teriam um espaço pro descanso. A organização da casa também é um ponto destacado por Joana e Flora. Flora comenta que logo que saiu da casa dos pais e foi morar com seu marido, sua irmã e o marido dela, a sala era o espaço onde tinham as máquinas. Para Joana ter uma sala também seria um diferencial entre brasileiras e bolivianas, pois as brasileiras podem ser donas de casa, no sentido de serem proprietárias. E suas casas teriam sala e cozinha. Enquanto que as bolivianas morariam de aluguel e tentariam ocupar o menor espaço possível, dividindo suas casas.

A partir destas experiências, destacamos que as extensas jornadas de trabalho na costura tanto nas casas como nas oficinas de costura impactam em diferentes atividades do trabalho doméstico como o cuidado dos filhos e a organização da casa. Isto, por sua vez, pode ser uma diferença entre as bolivianas e as brasileiras, que, para algumas interlocutoras, teriam suas casas mais arrumadas e, para outras, teriam suas casas organizadas de uma forma diferente. No geral, quando as interlocutoras falaram sobre “as brasileiras”, falaram de forma genérica, sem especificar quem seriam elas.

Sobre as cadeias globais de cuidado, gostaríamos de destacar que além de serem uma experiência específica de imigrantes, podem ter aspectos também específicos quando pensamos nas experiências de bolivianos que imigram pra São Paulo. Como já dissemos, grande parte da comunidade boliviana que imigra pra São Paulo trabalha no ramo da costura, o que, para alguns interlocutoras significa pontos positivos e negativos para a forma como articulam o trabalho doméstico. E é justamente com relação a alguns destes aspectos que as cadeias globais de cuidados podem ter nuances específicas quando experienciadas por bolivianos em São Paulo. Dizemos isto porque mais de uma das nossas interlocutoras comentou que algumas pessoas optam por não trazer seus filhos ao Brasil logo de início diante das condições de trabalho nas oficinas de costura onde os costureiros trabalham e moram. A escolha de não trazer os filhos seria porque alguns donos de oficina não gostam que os seus costureiros tenham filhos e morem com eles no espaço da costura. Tendo casos de donos de oficina que cobram mais para aqueles que estão na companhia de seus filhos. E, quando tem crianças com os pais ou só com as mães nas oficinas, os donos de oficina podem limitar o acesso que os pais têm aos filhos durante o expediente de trabalho, podendo acontecer de as crianças terem que ficar trancadas nos quartos enquanto seus pais trabalham. Diante das condições de trabalho doméstico nos ambientes das oficinas de costura, a cadeia

global de cuidado pode ser uma estratégia articulada para a execução do trabalho doméstico no que diz respeito ao cuidado com os filhos pequenos, pois pais e mães poderiam optar por não imigrar com seus filhos, e, assim articular outras pessoas na Bolívia para a execução do trabalho de cuidado para com eles. Considerando a grande quantidade de bolivianos no ramo da costura, as condições de cuidado nas oficinas de costura onde trabalham podem estar por trás de várias cadeias globais de cuidado por eles articuladas.

Janete comentou que antes de vir para o Brasil uma mulher a disse que não era bom ter filhos nas oficinas. Segundo ela, quando chegou, viu que de fato não era uma boa opção, pois os filhos ficam trancados nos quartos da oficina e só podem ser vistos no intervalo de almoço. Não sendo possível ver as crianças nos horários de trabalho. Fora isso, nesta oficina onde Janete trabalhava, a comida era oferecida nos dias de trabalho, de segunda a sábado, mas no domingo o dono da oficina não fornecia comida. O que, segundo Janete, seria mais um motivo para não trazer os filhos logo que se imigra.

Janete não foi a única interlocutora a fazer ressalvas ao ambiente da oficina de costura, como um ambiente não propício para o cuidado de crianças. Segundo Dalva, não se traz filhos logo que se migra porque não se sabe como vai ser a vida no Brasil. Além disso, existiriam, segundo ela, patrões que negam trabalho para grávidas e para quem tem filhos. Sendo assim, as condições impostas para o cuidado com os filhos nas oficinas de costura, são elencadas como motivos para imigrar sem os filhos, articulando cadeias globais de cuidado. Entretanto, nem todas as mulheres articulam estas cadeias e muitas migram com filhos. Dessa forma, migrar com os filhos e trabalhar nas oficinas de costura implica em restrições ao trabalho doméstico como salienta Laura:

É diferente de quando você vem solteiro, né. Se não tem trabalho na sua casa, tem um trabalho em outra, é mais fácil você se movimentar. Com criança é muito difícil, ninguém vai aceitar ela na oficina de costura. As mulheres que têm filhos, ou os casais que têm filhos e não têm uma casa onde morar, eles sofrem muito, porque tem que deixar os filhos trancados. A minha irmã mais velha, ela veio, ela teve que deixar o filho trancado no quarto pra não incomodar na oficina de costura. (Entrevista, 02/05/2016)

O caso da irmã de Laura não é uma exceção. Margarida também teve que deixar seu filho trancado no quarto de uma oficina onde trabalhou. Para algumas mulheres, como Margarida, a estratégia da imigrar sem os filhos não foi uma possibilidade.

Margarida: Eu tive que vir pra cá quase escapando porque o marido porque o meu marido é um pouco violento. Tive que vir pra cá. Então eu me vim pra cá e aqui trabalhei como ajudante de costura em oficina. Me trouxeram pra uma oficina de costura. Aí eu trabalhei, ganhei meu filho, depois. É muito ruim trabalhar com criança, é pequeno, não tem como você atender a ele, você tem que trabalhar. Então era *muy* sofrido. Além de que eu sai de esse trabalho que me trouxeram por problemas porque também não gostavam que meu filho estivesse. Saí pra outro trabalho e era o mesmo, não gostavam que meu filho estivesse *caminando*.

Eloah: Por que eles não gostam que o filho...

M: Porque também é perigoso que os meninos estão nas oficinas.

E: Sim.

M: E também porque você tem que cumprir com seu trabalho. Então é isso. Por isso que também não deixam. Graças a Deus eu não, não, ninguém me falou “tem que *encerrar*”. Só uma vez me falara tem que *encerrar* a meu filho no quarto para que ele não saia. Mas os outros trabalhos deixavam que ele *caminar*. Sempre disseram que eu não podia sair a atender, *tenia* que trabalhar. E eu trabalhava *solo*.

E: Mas não podia ir vê-lo no quarto?

M: *Iba, iba* só que não podia demorar muito, era um pouquinho.

E: Ah, tá.

M: Aí depois, como eu via essa situação com meu filho, eu fui embora de novo para o meu país. (Entrevista, 08/05/2018)

Como ela estava grávida e migrava pra se distanciar de um marido violento, seu filho veio com ela. Trazer seu filho e trabalhar na oficina implicou em certas condições para o cuidado com ele, como restrição de horário para ir vê-lo no quarto, onde chegou a ficar trancado durante o expediente. Este período para Margarida foi bastante difícil. Chegando ao ponto de Margarida decidir retornar e ficar um tempo na Bolívia. Margarida também comentou conosco que, trabalhando nas oficinas de costura, lançou mão da estratégia de ficar como cozinheira para poder ter mais tempo de cuidar de seu filho. Além disso, Margarida reforçou que alguns donos de oficina podem se opor às saídas dos costureiros para irem nas escolas ou postos de saúde em função do trabalho de cuidado para com seus filhos. Sendo este mais um fator que pode dificultar a associação entre o trabalho doméstico e a costura nos moldes de algumas oficinas.

Margarida: Depende de cada um, né. Depende, né (...). Tenho vizinhos que não gostam de que saia, entendeu? Mesmo eles trabalhando por *producción*. Porque as horas que eles saem estão perdidas. Como eles também têm uma hora. *Hasta* dez e meia que trabalham nas oficinas. Então, tem os que não gostam de que os trabalhadores estejam saindo toda hora. *Es* por isso que *hay* tanto, *hay* muito problema às vezes. Por isso que *hay* casais que *van* de oficina em oficina porque a mulher tem que sair, tem *reunión*, tem que ir no posto, tem que ir. E tem oficinas que não gostam. Aí terminam se saindo, terminam demitindo. Mas tem outras que *son* mais compreensivas. Mas *todo* depende *de la* oficina. Depende também do trabalhador. Se ele perdeu essas horas, muitas vezes ele compensa de noite, ficando até mais tarde. Então, depende (...). De oficina pra oficina varia bastante (...). Onde eu trabalhava, na oficina onde eu trabalhava, ele não gostava que saísse. *No* gostava. Ele não gostava de que saia. Nem gostava de que saísse final de semana. (Entrevista, 08/05/2018)

A partir do relato de Margarida, destacamos que tem oficinas que, além de regerem como se dá o cuidado dos filhos no espaço da oficina, também se opõe às saídas dos responsáveis para ir nas escolas ou postos de saúde em função dos filhos, chegando a haver demissões. Ela também pontua que, nos casos onde se pode sair pra executar atividades de trabalho doméstico fora da oficina, aqueles que saíram compensam trabalhando mais horas depois. Sendo assim, tanto o trabalho de costura impacta no trabalho doméstico como o contrário. Em um ambiente massivamente ocupado pelos bolivianos, como as oficinas de costura, surgem novos contornos para a associação entre trabalho doméstico e outros trabalhos. Esta associação, no caso das oficinas, pode ser bastante tensa e por vezes traumática para algumas mulheres.

Além das oficinas de costura, o trabalho nas fábricas também podem impactar na forma como se administra o trabalho doméstico. A possibilidade de acompanhar os filhos em atividades de cuidado também não é uma garantia quando se trabalha fora de casa, como no caso de Margarida que atualmente trabalha em uma “firma”.

Eloah: Com relação a, por exemplo, reunião da escola dele, como é que é? Você vai? Ou pra levar ele no posto de saúde...

Margarida: Até o ano passado eu, as *reuniones*, sempre estava eu presente. Posto de saúde também eu levava. Só que nesse ano, quando *empecé* na firma, é um pouco complicado pra mim. Na firma você sai e descontam, pra mim é muito ruim porque meu salário *tampoco* é muito alto. Desconto, vai abaixar, piora (...). No posto de saúde procuro final de semana levar. Mas graças a Deus meu filho não fica doente, não sei, ele não fica doente (...). Aí não sei, porque aí me falaram que você é descontado quando você falta sem alguma, digamos, algo que mostre que você precisava ter feito, alguma coisa importante. Eu acho que se eu precisar mesmo de, ficar doente, ou meu filho ou eu, eu vou ter que sair do trabalho. É por lei também, né (...). Durante esse tempo que eu estou trabalhando lá na firma eu não precisei tanto porque, graças a Deus, o meu filho não ficou doente, e eu também. Então aí se tiver alguma emergência mesmo eu vou sair, com certeza.

E: É, e eu acredito que pedindo essa declaração não tem maiores problemas não. Mas aí quando você trabalhava nas oficinas, você saía?

M: Eu saía. Porque não podia deixar também, né? Então eu saía quando trabalhava em oficina.

E: Mas aí é por produtividade, né, na oficina. E aí você voltava e ...

M: Aí tinha que voltar rápido, né, porque como era *producción*. Você depende do trabalho. (Entrevista, 08/05/2018)

Com a possibilidade de desconto no salário, Margarida comenta que lança mão da estratégia de ir no posto de saúde nos finais de semana. Mas diz que em caso de emergência, ela vai se ausentar do trabalho para ir ao posto mesmo com a possibilidade de ter parte de seu

salário descontado. Já quando ela trabalhava nas oficinas, comenta que saía pra resolver estas demandas de cuidado e a sua estratégia era que procurava voltar rápido.

Estes não são todos os relatos sobre a relação entre costura e trabalho doméstico. A cadeia de produção têxtil não se restringe às oficinas de costura e firmas. Em campo, pudemos ter acesso à feirinha da madrugada e às casas de algumas interlocutoras, onde também se costura. É na feirinha da madrugada que muitos dos produtos costurados por bolivianos são comercializados muitas vezes também por bolivianos. Dado o horário desta feira, na madrugada, é necessário que se articule estratégias específicas para o cuidado dos filhos dos vendedores e compradores. Em campo, em visita à feirinha, pudemos observar que uma estratégia é levar os filhos para a feirinha e lá carregá-los enquanto se vende ou se compra roupas. Enquanto seus pais trabalham, muitas vezes as crianças dormem em carrinhos, *aguayos* ou nos colos de seus pais. Além disso, não estando em casa, é preciso articular a ida das crianças para as escolas, que segundo Vera, durante um tempo foi feito através de um transporte que passava na feirinha e ia pegando as crianças para levar para as escolas. Segundo Vera, a ida a escola já seria o segundo turno do dia destas crianças. Como já tinham estado na feirinha desde a madrugada, muitas destas crianças iriam pra escola sem tomar banho, o que já implicou, segundo Vera, em vários casos de xenofobia pois as crianças bolivianas eram consideradas sujas.

Levar as crianças para a feirinha não é a única opção de estratégia articulada para o cuidado destas. Também há casos de pais e mães que articulam redes para que o cuidado de seus filhos seja feito enquanto eles trabalham na feirinha ao longo da madrugada. Este é o caso do segundo filho de Bete. Ele e sua esposa trabalham na feirinha da madrugada. Por conta do horário de trabalho, eles deixam seu filho e sua filha na casa da avó, Bete, todos os dias antes de irem pra feirinha. Bete faz comida para seus netos, leva para escola e seus pais os buscam em sua casa no início da tarde. Sendo assim, pode se levar as crianças para a feirinha como estratégia para o trabalho de cuidado com elas, como também pode se deixar as crianças na casa de alguma outra pessoa, como as avós, caso se tenha redes na cidade. Portanto, não só as oficinas de costura e as firmas como a feirinha da madrugada implica em experiências e estratégias específicas articuladas pela comunidade boliviana para garantir o trabalho doméstico no que se refere, principalmente, ao cuidado das crianças. Nestes casos, há uma série de restrições ao cuidado.

As experiências de associação entre costura e trabalho doméstico não se limitam a estes casos. Pelos relatos que nos foram feitos, um outro espaço da cadeia de produção têxtil surgiu em campo como um espaço privilegiado para a associação com o trabalho doméstico: as suas próprias casas. Dentre as interlocutoras, Janete, Joana e Bete são costureiras que trabalham em máquinas que têm em suas próprias casas. Elas são “independentes”. Assim como elas, Flora já trabalhou como costureira em sua própria casa até pouco tempo atrás. Nos relatos destas interlocutoras é recorrente a afirmação de que trabalhar em casa é positivo porque permite que se cuide dos filhos e netos. Sendo esta mais uma relação, agora positiva, entre a costura e o trabalho doméstico. O que, por sua vez, reforça o argumento de Marcondes (2014) de que pode se optar por certo posto no mercado de trabalho em função da possibilidade de associação com o trabalho doméstico.

Segundo Bete, estar em casa é uma estratégia que a possibilita estar sempre vendo e cuidando de seus netos, preparando a sua comida:

Bete: Isso porque a gente trabalha ai mesmo então sempre estamos vendo. “Vovó quero isso”. Então já estamos dando, dando atenção, né (...)? *Mientras* lá (na casa da avó materna), todo mundo trabalha fora (...). É difícil pra eles. Porque a gente trabalha em casa por isso que tem essa opção de cuidar dos netos. Aí tem a comida, tem tudo, eu faço no horário (...). Acordo já cedo pra fazer as coisas. (Entrevista, 17/05/2008)

Trabalhar em casa seria, assim, uma opção pra ter flexibilidade no tempo e poder associar a costura com as atividades de trabalho doméstico através da dupla jornada. Atividades estas que podem acontecer também fora de casa, como levar os netos na escola e no posto de saúde. Segundo Bete, trabalhar em casa também permite que ela saia quando precisa levar seus netos pra escola, o que não seria possível se ela trabalhasse em uma empresa.

A costura em casa também é destacada por Flora como uma possibilidade de executar as atividades de trabalho doméstico no que se refere ao cuidado com os filhos. Este é ressaltado como o “lado bom da costura”:

Flora: A costura tem lado bom, tem lado ruim. Eu não gostava de costurar e até agora eu não posso dizer ‘nossa, minha vida é a costura’. Não, não é. Não gosto de costurar. Porém, eu aprendi que a costura fez com que eu cuidasse dos meus filhos, criasse meus filhos, alimentasse meus filhos. Porque isso que eu precisava fazer, criar meus filhos. E, nisso daí, por exemplo, eu tive tempo de cuidar deles porque eles estavam, eu estava sempre do lado deles (...). Eu podia ver eles. Ou seja, eles tinham algum problema, eu estava aí. Eles precisavam de mim, eu estava ai. Agora,

por exemplo, aquelas provinhas de matemática, continhas de matemática, eles vinham na máquina falavam ‘mãe como é que é isso?’. Eu falava ‘não filho, vem cá, eu vou te explicar’. E eu costurava e ele falava pra mim o que ele queria e eu explicava pra ele. O outro a mesma coisa ‘mãe, eu tenho que fazer uma redação desse livro’. Eu falava: ‘lê pra mim’. Ele lia e eu falava: ‘escreve isso’. O outro a mesma coisa. Então, sempre foi assim. Eu prestava atenção no que eles faziam, eu prestava atenção no que eles queriam. Então, dificilmente escapava alguma coisa aos meus olhos, aos meus ouvidos. Então, por isso que hoje em dia, por exemplo, a maioria dos pais que trabalha fora não dá muita atenção ao filho e eles compensam com dinheiro, comprando as coisas. Eu não, eu tinha, eu podia fazer isso com meus filhos, prestar atenção, dar atenção a eles, aquilo que eles mais queriam. E era isso que eu fazia. Por isso que eu falo: ‘a costura foi boa pra mim por causa disso’. Porque hoje eu entendo que muita coisa que, digamos, se eu estivesse trabalhando fora não faria talvez com meus filhos e não participaria do jeito que eu participava. Porque todos os professores me conheciam, todos os professores sabiam, sabiam como eu era, sabiam como nós éramos. (Entrevista, 29/05/2018)

Flora, assim como Bete, destaca a diferença que é poder trabalhar em casa em comparação com o trabalho fora de casa. O diferencial seria justamente porque ao trabalhar em casa pode se acompanhar as atividades dos filhos. Flora tinha momentos em sua rotina em que levava e buscava os filhos na escola e cozinhava, além de costurar. Como ela relata, mais do que intercalar as atividades de costura e trabalho doméstico, ela chegou a desempenhar estas atividades simultaneamente quando auxiliava seus filhos nas atividades da escola ao mesmo tempo em que costurava. Para ela, poder ter dado esse acompanhamento contínuo e presente aos seus filhos é o “lado bom da costura”.

Joana também destacou que costurar em casa tem o lado bom de permitir que ela veja seus filhos e cuide deles. Ainda que ela considere alguns pontos positivos no trabalho nas firmas, ela pontua que prefere trabalhar em casa por conta de seus filhos. Assim, trabalhando em casa, ela executa dupla jornada. Nos intervalos em que sai do seu local de costura na casa, ela vê seus filhos, acompanha o que estão fazendo, passa alguma instrução ou faz alguma reclamação com eles.

Eloah: E a senhora acha que é bom que a costura seja em casa?

Joana: É, tem assim lado bom e lado não pode ser tão bom assim. Eu acho que deve ser bom você trabalhar na firma. Você trabalhar de carteira registrada, horário né? Pra mim é melhor em casa por causa de ver meus filhos. Sempre em primeiro lugar meus filhos. Então, é por isso. Eu prefiro em casa. Eu tenho lugar só pra trabalhar, eu sempre tive meu quarto longe do trabalho. Meus filhos. Então, tem uma hora que eu desço, eu vou lá, falo o que preciso. Eu coloco ordem né?

E: E aí a senhora trabalha um pouco, dá um pouco de ordem, volta a trabalhar.

J: Mas agora eles estão na escola né? Então não tem muito mais trabalho. Antigamente quando eram pequenos davam trabalho. Mas agora, hoje em dia não. Todo mundo tá na escola. Até meio dia não tem ninguém em casa. Aí depois de meio dia, eles chegam. Outros vão no cursinho. Então, vai assim.

(...)

E: E aí, a senhora precisa às vezes descer pra falar com eles?

J: Eu sim. Eu venho pra banheiro. Então, eu aproveito e olho eles porque tão muito na internet. Então, sempre falo, a que horas que você entrou? Você sai. Desliga. (Entrevista, 30/06/2018)

Quando estávamos no supermercado, Joana reforçou que trabalha em casa “por causa deles (seus filhos)” (Diário de Campo, 01/05/2018). Ela diz que tem que dar atenção a seus filhos, buscar, levar escola e, quando ficam doentes, levar no posto de saúde. E, trabalhando em casa, ela consegue fazer isso. Comenta de uma semana que foi em uma reunião na escola. Para isso, interrompeu seu trabalho na costura. Depois, trabalhou mais horas para compensar a sua saída para a reunião. Assim, a costura em casa permite que as mulheres não apenas acompanhem seus filhos nos momentos em casa, como tenham flexibilidade de horário para realizar as atividades que eles demandam fora de casa.

Até chegarmos em campo, não imaginávamos que, como comenta Abreu (1986; 1993) ao estudar costureiras brasileiras, haveria uma associação tão forte entre a costura em casa e o trabalho doméstico nas experiências das mulheres bolivianas. No campo, percebemos que costurar em casa é mais uma estratégia articulada pelas mulheres bolivianas para que seja realizado o trabalho doméstico em suas casas e famílias. A escolha pela costura, quando acontece em casa, pode ser motivada pela possibilidade de associação com o trabalho doméstico. É por poder realizar o trabalho doméstico, que se escolhe costurar em casa. Nestes casos, o trabalho doméstico e a costura estão fortemente embricados. Sendo assim, consideramos que, ainda que invisibilizado, o trabalho doméstico pode ser um pilar que sustenta a grande quantidade de bolivianos e bolivianas no ramo da costura em São Paulo.

A partir das experiências das interlocutoras, percebemos que a costura pode ter implicações variadas no trabalho doméstico em função das extensas jornadas de trabalho e do espaço onde ela acontece. Quando em casa, a costura é elencada como uma estratégia positiva que permite que se acompanhe as crianças e se faça os cuidados necessários para com elas. Por outro lado, quando acontece nas oficinas, são elencados aspectos desafiadores para o trabalho doméstico, podendo resultar na estratégia de cadeia global de cuidado. Sendo desafiadoras também algumas associações entre o trabalho doméstico, a feirinha da madrugada e “firmas”. Portanto, a costura, que está presente na vida de tantos bolivianos em São Paulo, tem impactos nas estratégias de execução do trabalho doméstico. A forma como a costura acontece implica em como o trabalho doméstico é executado. Por isso, optar por um formato de trabalho pode estar baseado na possibilidade de execução do trabalho doméstico que este formato permite.

Para muitos bolivianos e bolivianas, imigrar significa se inserir na cadeia de produção têxtil, o que, por sua vez, influencia na forma como o trabalho doméstico é organizado. Sendo assim, não é só o fato de ser imigrante que pode significar especificidades no trabalho doméstico, mas também ser boliviano e estar no ramo da costura pode adicionar outras nuances ao trabalho doméstico. Por isso que defendemos que ainda que a imigração não tenha significado para grande maioria das interlocutoras uma maior divisão do trabalho doméstico com homens, a imigração impacta na forma como organizam o trabalho doméstico, seja por estarem distantes de pessoas que compunham redes com eles, seja mantendo contato com o país de origem e/ou, também, se inserindo em certos ramos de trabalho, como a costura, que absorve tantos imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, tivemos como objetivo analisar as estratégias articuladas por mulheres bolivianas residentes na cidade de São Paulo para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias. Isto incluiu estudar quais as estratégias articuladas por estas mulheres, quais as pessoas e instituições que participam, além de eventuais especificidades relacionadas ao fato de estas mulheres serem bolivianas e imigrantes. Para refletir sobre esta gama de questões, realizamos trabalho de campo por mais de cinco meses na cidade de São Paulo entre os anos de 2017 e 2018. Neste campo, foi possível conhecer muitas pessoas e conviver com maior frequência com dez mulheres bolivianas. Elas são as interlocutoras desta pesquisa. São elas, mulheres adultas, de variadas idades, solteiras e casadas, muitas, mas não todas, com filhos e trabalhando no ramo da costura.

Em São Paulo, construímos o campo aos poucos. Foram vários desafios e conquistas. Em campo fui pesquisadora, brasileira, mulher, amiga, terapeuta, uma estranha. Cada dia íamos acompanhando mais as interlocutoras numa grande diversidade de atividades, o que incluiu observar e participar de atividades do trabalho doméstico. Muitos dos momentos com estas mulheres foram permeados por conversas informais sobre este trabalho. As conversas aconteceram nas suas casas, no metrô, na praça, no parque. Conhecer estas mulheres, suas famílias e suas rotinas foi o que permitiu construir esta pesquisa. A partir da convivência com elas, fomos construindo relações de confiança para entrevistá-las sobre suas vidas, histórias e rotinas. Assim, nesta dissertação, é possível encontrar dados coletados de diferentes formas, tanto por observação como através de entrevistas. Ao longo do campo, já fomos pensando algumas conexões que poderiam ser feitas entre os dados e a teoria que tínhamos contato. Mas foi retornando a Recife que os dados foram calmamente analisados e então foram sendo escritas as páginas desta dissertação.

Através do confronto entre os dados coletados e os debates teóricos norteadores desta pesquisa, pudemos constatar que, ainda que alguns estudos mostrem que pode haver uma relação entre a migração e uma maior participação dos homens no trabalho doméstico (ALENCAR-RODRIGUES, STREY e ESPINOSA CANTERA, 2009; ASSIS, 2004; 2007), imigrar, no caso das interlocutoras, não implicou em uma maior participação de seus maridos no trabalho doméstico. Como pontuam Sardenberg (1997) e Hirata e Kergoat (2007), dificilmente o trabalho doméstico deixa de ser visto e executado como obrigação feminina. Em campo, percebemos que de fato são as mulheres que fazem o trabalho doméstico em sua

maioria. As interlocutoras realizam atividades como limpeza e organização de suas casas, cozinha, cuidado de seus filhos e de pais idosos. A realização contínua destas atividades, em alguns casos desde a infância, impacta a vida das interlocutoras. Muitas delas nos relataram a sobrecarga de trabalho, o cansaço ou a impossibilidade de associar o trabalho doméstico com outras atividades políticas ou de trabalho. Tanto que algumas das interlocutoras saíram do mercado de trabalho para realizar o trabalho doméstico em suas casas e famílias.

Para realizar o trabalho doméstico as interlocutoras lançam mão de uma série de estratégias. Portanto, percebemos que ainda que sejam as mulheres as responsáveis por este trabalho, elas articulam uma grande gama de estratégias para realizá-lo. Dentre estas estratégias estão: dupla jornada de trabalho, saída do mercado de trabalho, participação dos homens, rede com outras mulheres, cadeias globais de cuidado, visitas de parentes, creches e, por exemplo, trabalho doméstico remunerado. Muitas vezes, mais de uma dessas estratégias foi articulada simultaneamente pelas interlocutoras. Além disso, em campo, pudemos perceber que algumas destas estratégias tem especificidades relacionadas ao fato de as interlocutoras serem imigrantes e bolivianas.

Uma das estratégias articuladas pelas interlocutoras é a formação de redes de mulheres. Como salienta Ávila (2009), Assis (2004; 2007) e Hirata e Kergoat (2007) as mulheres comumente recorrem ao auxílio de outras para realizar as atividades de trabalho doméstico. No caso das interlocutoras, muitas delas compõe redes com mulheres que estão no Brasil como suas cunhadas, mães e sobrinhas. Em alguns casos, as interlocutoras moram com outras mulheres, como suas cunhadas e sobrinhas, e dividem com elas o trabalho doméstico. Mas, houve também casos de interlocutoras que dividem o trabalho doméstico com outras mulheres, como suas mães, com as quais não moram juntas. Na maioria das vezes, as componentes das redes são mulheres membros da família, sendo raros os casos de formação de redes entre mulheres bolivianas que não são parentes. Portanto, ainda que muitas interlocutoras compartilhem de festas, reuniões e eventos com demais bolivianos e bolivianas que não são seus parentes, quando articulam o trabalho doméstico em suas casas ou famílias, elas acionam parentes ou desempenham sozinhas todo o trabalho.

Além das redes de mulheres formadas no Brasil, houve relatos de redes sendo formadas entre o Brasil e a Bolívia, formando cadeias globais de cuidado. Isto porque, como bem salienta Pérez Orozco (2010), Scott et all (2015), Vasconcelos (2013) e Hirata e Kergoat (2007) nem sempre as mulheres migram com seus filhos. Quando migram sozinhas, estas

mulheres rearticulam o trabalho doméstico por elas realizado no país de origem antes de emigrar. E, para a execução deste trabalho, acionam, muitas vezes, as avós de seus filhos. Mais uma vez, percebemos que são mulheres, ainda que não a própria mãe, que executam o trabalho doméstico, reforçando a divisão sexual do trabalho agora em relações transnacionais. As mulheres que por sua vez ficam no país de origem contribuíram para que outras mulheres, as interlocutoras, concretizassem seus projetos migratórios. A distância dos filhos é comentada pelas interlocutoras como uma dificuldade, tanto que, passado algum tempo de imigração, todas as que imigraram sem seus filhos, voltaram pra Bolívia pra buscá-los, mesmo que esta atitude tenha gerado tensões com seus então maridos.

Como pudemos perceber através das cadeias globais de cuidado, muitas vezes as redes entre Brasil e Bolívia, são permeadas pelo trabalho doméstico. Na distância, como mostra Vasconcelos (2013), o trabalho doméstico se reestrutura e a relação entre mães, filhos e outros parentes idosos pode acontecer através de ligações, ou, como argumentam Scott (2014) e Carpenedo e Nardi (2017), pelas remessas. Assim, estávamos também atentas a perceber como que as interlocutoras, enquanto transmigrantes (GLICK SCHILLER, 2000), rearticulavam suas relações com o país de origem, o que não quer dizer romper completamente estas relações. Neste processo de rearticulação de redes, muitas vezes as redes que se tinha na Bolívia não serão as mesmas que se tem no Brasil, sendo esta mais uma especificidade entre as imigrantes. A partir das experiências das interlocutoras, percebemos que muitas das pessoas que mais participavam do trabalho doméstico em suas casas e famílias na Bolívia permaneceram no país de origem, enquanto que as interlocutoras imigraram com seus filhos. Na Bolívia, algumas interlocutoras moravam com seus pais ou próximo de outros parentes que participavam do trabalho doméstico de suas casas e famílias. Entretanto, quando imigraram pro Brasil, estas interlocutoras não puderam mais acionar estas pessoas da mesma forma devido à distância. Assim, as interlocutoras lançaram mão de novas estratégias como experienciar a dupla jornada, acionar creches e escolas ou articular visitas de parentes. Tanto aconteceu de as interlocutoras visitarem a Bolívia como receberem a visitas de parentes no Brasil para auxiliá-las com o trabalho doméstico.

A respeito das experiências de dupla jornada, muitas das interlocutoras nos relataram sobre a procura por postos no mercado de trabalho que as permitissem realizar também o trabalho doméstico. Como argumentam Machado (2014) e Marcondes (2014), estes trabalhos muitas vezes tem uma menor remuneração e maior flexibilidade de tempo. Em campo, a

costura, que é um setor tão ocupado pelos bolivianos em São Paulo, se apresentou com fortes conexões com o trabalho doméstico. Muitas das interlocutoras costuram em casa, o que nos permitiu analisar a relação entre costura a domicílio e trabalho doméstico estudada por Abreu (1986; 1993). Estar em casa permite que as interlocutoras realizem a costura e o trabalho doméstico. Estes trabalhos podem ser intercalados ou executados simultaneamente. Costurar em casa é, portanto, para muitas interlocutoras, uma estratégia para se realizar o trabalho doméstico. O que nos fez refletir que o trabalho doméstico, ainda que invisibilizado, pode sustentar a escolha de muitas mulheres bolivianas pela costura.

Ainda sobre a costura, algumas interlocutoras destacam como que as extensas horas de trabalho podem prejudicar a realização do trabalho doméstico. Fora isso, em algumas oficinas, por exemplo, se restringe o acesso que as mães têm aos filhos e as suas possibilidades de saírem da oficina para resolver demandas de trabalho doméstico como a ida a escolas e postos de saúde. Diante das dificuldades para se associar o trabalho doméstico com o trabalho nas oficinas de costura, algumas mulheres migram sem seus filhos e articulam cadeias globais de cuidado. Sendo assim, a costura, acontecendo em casa ou nas oficinas, implica em certas estratégias de trabalho doméstico. O que não é diferente quando analisamos o setor da costura através das fábricas e da feirinha da madrugada. Nas fábricas, também se regula os horários de saída dos funcionários. Na feirinha da madrugada, o horário em que ela acontece determina a forma como os seus compradores e vendedores articulam o trabalho doméstico de suas casas e famílias. Pudemos observar alguns vendedores e compradores que levam seus filhos e tem que organizar uma forma para que estes consigam dormir enquanto suas mães e pais trabalham, ou não levam seus filhos e articulam a casa de outras pessoas, como as avós, onde estas crianças possam ficar parte do dia e da noite.

A partir destas experiências observadas e relatadas em campo, percebemos que, ao estudar o setor da costura, que é tão ocupado pela comunidade boliviana em São Paulo, podemos analisar diferentes e complexas relações com o trabalho doméstico. Com isso, não queremos anular as experiências de bolivianos em outras áreas e ocupações, mas evidenciar que um setor tão associado aos bolivianos na cidade implica em certas estratégias de organização do trabalho doméstico.

Pudemos estudar sobre não só as relações entre costura e trabalho doméstico, como também a relação deste trabalho com outros, como, por exemplo, o trabalho doméstico remunerado. Estudar a relação entre trabalho doméstico remunerado e não remunerado, como

salientam Brites (2013) e Ávila (2009), trazem novos contornos para a análise. A partir da experiência das interlocutoras, pudemos avaliar o trabalho doméstico remunerado como delegação (HIRATA e KERGOAT, 2007) assim como enquanto emprego. Dessa forma, conhecemos algumas poucas mulheres que articularam a estratégia de delegar o trabalho doméstico para uma trabalhadora e, além disso, conhecemos várias mulheres que trabalharam ou trabalham como trabalhadoras domésticas. Pode acontecer, como para algumas interlocutoras, que ser trabalhadora doméstica signifique ter horários flexíveis e de possível associação com o trabalho doméstico não remunerado. Mas, também pode acontecer que, como para algumas interlocutoras, ser trabalhadora doméstica no Brasil implique em se distanciar de seus filhos que ficaram no país de origem e, por isso, pode ser necessário se articular cadeias globais de cuidado. Portanto, ser trabalhadora doméstica é uma experiência de muitas mulheres imigrantes e várias interlocutoras, o que, por sua vez, pode ter implicações diferentes para o trabalho doméstico não remunerado. Ainda que tenhamos analisado o trabalho doméstico remunerado, este não foi nosso foco. Acreditamos que mais estudos podem ser feitos neste sentido, explorando, por exemplo, a dimensão de classe e abordando a relação entre trabalhadoras e patrões, podendo eles serem ou não imigrantes.

Nos casos em que as interlocutoras contrataram outra pessoa para executar o trabalho doméstico em suas casas e famílias, sempre se falou em mulheres. Esta não foi a única estratégia com massiva participação de mulheres. As redes articuladas pelas interlocutoras eram compostas por mulheres, fossem elas irmãs, cunhadas, sobrinhas ou mães. Estivessem elas no Brasil ou na Bolívia. Neste sentido, pudemos observar como o trabalho doméstico é associado às mulheres. Como colocam Hirata e Kergoat (2007), percebemos que os trabalhos são não apenas separados entre homens e mulheres, mas também hierarquizados, sendo o feminino e, conseqüentemente, o trabalho doméstico menosprezado.

Mesmo sendo as mulheres as principais responsáveis pelo trabalho doméstico em campo, percebemos que não necessariamente elas concordam que este deve ser um trabalho exclusivamente realizado por mulheres. Enquanto muitas delas discordam da tradicional divisão sexual do trabalho, muitos dos seus maridos concordam, havendo, muitas vezes, tensões entre eles. Diante desta discordância, a discussão foi a estratégia de algumas interlocutoras para conseguir maior participação de seus maridos. Mesmo assim, muitas vezes, a participação destes homens é vista como uma “ajuda” e a mulher continua como principal responsável. No caso de outras interlocutoras, elas se empenharam em ensinar a seus

filhos e netos homens as atividades de trabalho doméstico. Para estudarmos estas estratégias, as reflexões de Sherry Ortner (1996; 2007) sobre agência e gênero foram fundamentais. A partir desta autora pudemos considerar a existência da agência como dominação e também como resistência. Assim, foi possível analisar a agência das mulheres em algumas situações, sem com isso equipará-la à dominação masculina. Reconhecemos, portanto, a desigualdade e a disputa de poder nas relações de gênero. Considerando estas ponderações, percebemos que ainda que as mulheres ocupem posições subordinadas, as interlocutoras não deixaram de se opor a desigualdades como a que acontece na organização do trabalho doméstico, podendo haver tensões entre diferentes modelos de organização do trabalho doméstico. Como agentes, as interlocutoras tensionam e articulam uma maior participação de seus maridos atualmente e uma maior participação de homens em gerações futuras. Sendo assim, também consideramos a agência das mulheres ao analisar o trabalho doméstico e sua organização em campo.

Quando colocamos a prática das mulheres como um fator de mudança, não queremos afirmar que são elas as únicas responsáveis por tal processo. Como coloca Bourdieu (2002), uma série de agentes podem atuar pela reprodução ou pela mudança da dominação masculina, como homens e mulheres, além de instituições como a Igreja, o Estado, a escola e a família. Nesse sentido, novos estudos podem ser feitos para se analisar de forma mais ampla a participação dos homens, mulheres e instituições na reprodução ou resistência à tradicional organização do trabalho doméstico. Aprofundar as relações entre homens imigrantes e o trabalho doméstico pode ser uma oportunidade de diálogo com outras obras sobre eles e o domínio do doméstico como: Quadros (1996), Nanes (2010) e Scott (1990).

Com esta dissertação afirmamos que a imigração não impactou numa maior participação dos homens no trabalho doméstico nas casas e famílias das interlocutoras. O que, por sua vez, não quer dizer que as mulheres não estejam articulando estratégias para uma maior participação dos homens e que ser imigrante e boliviana não tenha implicado em formas específicas de organizar o trabalho doméstico. As estratégias que pudemos observar em campo são bastante diversas e massivamente executadas pelas mulheres. Além das interlocutoras, percebemos a forte formação de redes para a execução do trabalho doméstico, sendo possível observar redes no Brasil, assim como redes transacionais. Dessa forma, estudar sobre as estratégias articuladas pelas interlocutoras para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias, nos permitiu observar as relações delas tanto com diferentes atores, como seus maridos, filhos, mães, cunhadas e sobrinhos, quanto em diferentes lugares.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alice Rangel de Paiva. **O avesso da moda**: Trabalho a domicílio na indústria de confecção. São Paulo, Hucitec, 1986

_____. Trabalho e Qualificação na Indústria de Confecção. *In: Estudos Feministas*. Vol. 1, No. 2, 1993. p. 293-305.

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. *In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de. Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente*. Recife, Editora Universitária UFPE, 2009, p. 75 – 96.

ALENCAR-RODRIGUES, Roberta de; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. *In: Psicologia & Sociedade*; 21 (3): 421-430, 2009.

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Não se diz tudo ao marido**: família, casamento e autonomia entre mulheres do início do Século XX. Curitiba: Appris, 2013.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 2004. 348 folhas. Tese (Doutorado, Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas – SP.

_____. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *In: Estudos Feministas*, Florianópolis, 2007, 15(3): 745-772.

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. **O tempo do trabalho das empregadas domésticas**: tensões entre dominação/exploração e resistência. 2009. 321 folhas. Tese (Doutorado, Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife -PE.

BAENINGER, Rosana. O Brasil nas rotas das migrações latino-americanas. *In: Baeninger, Rosana (Org.). Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. p. 9-18.

BECKER, Howard. A epistemologia da pesquisa qualitativa. *In: Revista de Estudos Empíricos em Direito*. vol. 1, n. 2, jul 2014, p. 184-198.

BOLÍVIA não vai desistir de tentar saída ao mar. **Jornal Brasil de Fato**. São Paulo, 02 de outubro de 2018. Caderno Internacional. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/02/bolivia-nao-vai-desistir-de-tentar-saida-ao-mar-diz-evo-morales-em-haia/>. Acesso em dez 2018.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. Diário de campo. (Sempre) um experimento etnográfico-literário? *In*: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Entre saias justas e jogos de cintura. Gênero e etnografia na antropologia brasileira recente**. Porto Alegre, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BRASIL. **Decreto nº 2.848**, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm#art149. Acesso em: dez. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 6.975**, de 07 de outubro de 2009. Promulga o Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul – Mercosul, Bolívia e Chile. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6975.htm. Acesso em: ago. 2018.

BRASIL. **Lei nº 6.815**, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6815.htm. Acesso em: 08 dez. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.445**, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm. Acesso em: 18 mar. 2014.

BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *In*: **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 29, jul – dez 2007, p. 91 – 110.

_____. Trabalho Doméstico: Questões, leituras e políticas. *In*: **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, 2013. p. 422-451. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 5 set. 2016.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Rosa; UNBEHAUM, Sandra; RICOLDI, Arlene; MERCADO, Cristiano. **Articulação trabalho e família**: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras. São Paulo: FCC/DPE, 2008.

BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho da mulher**: igualdade ou proteção? *Cad. Pesq. São Paulo* (61): 58-67, maio 1987. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1244/1248>. Acesso em nov 2018.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? *In*: **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 2, dezembro, 2006. p. 331-353.

CAJU, Fred. **Nada Consta**. Recife, CEPE, 2018.

CARPENEDO, Manoela; NARDI, Henrique. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. *In: Cadernos Pagu*. Vol. 49, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700490012>. Acesso em: dez 2018.

CLFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. *In: A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1998. pp. 17-62

CORDOVIL, Daniela. Casos e acasos: Como acidentes e fatos fortuitos influenciam o trabalho de campo. *In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Org.). Entre saias justas e jogos de cintura*. Gênero e etnografia na antropologia brasileira recente. Porto Alegre, 2006. p. 187-205.

COSTA, Cláudia de Lima. O Tráfico do Gênero. *In: Cadernos PAGU*, n. 11, 1998. pp.127-140 Disponível em : <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634468> . Acesso em: 30 maio 2017.

DA MATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues**. Publicações do Programa de Antropologia Social do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1974.

DURHAM, Eunice. Família e reprodução humana. *In: DURHAM, Eunice. et al. Perspectivas Antropológicas da Mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 13 – 44.

DUTRA, Delia. Mulheres do sul também migram para o sul, paraguaias no Brasil. *In: Anuário Americanista Europeu*, 2221--- 3872, N° 11, 2013, Sección Tema Central p. 93- 108 Disponível em: <http://www.red-redial.net/revista/anuario-americanista-europeo/article/viewFile/217/251> . Acesso em: 9 de jul. 2016.

DUTRA, Délia. **Mulheres migrantes peruanas em Brasília**. O trabalho doméstico e a produção de do espaço na cidade. Tese (Doutorado Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ECOTOPIA. **Bolívia**. Disponível em: <http://www.ecotopia.com/maps/bolivia.htm>. Acesso em fev 2019.

FIORAVANTI, Carlos. As Raízes da Resistência. *In: Revista FAPESP*, outubro de 2015. p. 16 – 23.

FREITAS, Patrícia Tavares. Imigração boliviana para São Paulo e setor de confecção – em busca de um paradigma analítico alternativo. *In: Baeninger, Rosana (Org.). Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. p. 155-178.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In: BAUER, Martin W. (org.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som : um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002.

GLICK SCHILLER, Nina. Teorização Feminista sobre Nação e Estado. *In: Caderno CRH*, Salvador, n. 33, p. 113-142, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=98> . Acesso em: 2 set. 2016.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; SUGITA, Kurumi. Cuidado e Cuidadoras: o trabalho do care no Brasil, França e Japão. *In: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. Cuidado e Cuidadoras*. São Paulo: Atlas: 2012, p. 79 – 102.

HAMMERSLEY, Martin; ATKINSON, Paul. **Etnografia**, Métodos de Investigación. Ed. Paidós, Barcelona 1994.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *In: Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 7-31, 1993.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. **Cuidado e Cuidadoras**. São Paulo: Atlas: 2012, p. 29 – 43.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *In: Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n.132, 2007, p.595-609. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf> . Acesso em: 14/07/2016

IBGE: **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**, 2015. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2015/default.sh> tm. Acesso em set 2018.

ILLES, Paulo; TIMÓTEO, Gabrielle Louise Soares; FIORUCCI, Elaine da Silva. Tráfico de Pessoas para fins de exploração do trabalho na cidade de São Paulo. *In: Cadernos Pagu*, v. (31). Campinas, 2008. p. 199-217.

MACHADO, Maíra Saruê. Trabalho remunerado e trabalho doméstico: conciliação? *In: ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (Org.). Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres*. Recife, SOS Corpo, 2014. p. 51-78. Disponível em: https://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/07/livro_trabalho_versaoonline.pdf . Acesso em: dez 2018.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; BÓGUS, Lúcia Maria Machado; BAENINGER, Rosana. Migrantes haitianos e bolivianos na cidade de São Paulo: transformações econômicas e territorialidades migrantes. *In: REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 26, n. 52, abr. 2018, p. 75-94.

MAGLIANO, María José; PERISSINOTTI, María Victoria; ZENKLUSEN, Denise (Org.). **Los nudos ciegos de la desigualdad: Diálogos entre Migraciones y cuidado**. Buenos Aires: CONICET – Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978 (1922). **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, Abril.

MARCHA em homenagem ao mar boliviano, no Memorial em São Paulo. Produção: TV. Planeta América Latina, 2018. (6min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7kpA9PA_7wU. Acesso em mar 2018.

MARCONDES, Mariana Mazzini. O dia deveria ter 48 horas: práticas sociais do cuidado e demandas das mulheres brasileiras por políticas públicas para a sua democratização. *In*: ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (Org.). **Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres**. Recife, SOS Corpo, 2014. p. 79 - 104. Disponível em: https://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/07/livro_trabalho_versaoonline.pdf . Acesso em: dez 2018.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *In*: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.3, p. 809-840, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *In*: **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v.5, n.7, p.01-12, abril 2017.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC Editora, 2013.

MISSA das virgens de Copacabana e Urkupiña - Morenada Illimani SP Brasil. Produção: TV. Planeta América Latina, 2018. (10min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DcGLW5oumYQ> . Acesso em jun 2018.

MOLINIER, Pascale. Ética e trabalho do care. *In*: HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya. **Cuidado e Cuidadoras**. São Paulo: Atlas: 2012, p. 29 – 43.

MOORE, Henrietta. Compreendendo Sexo e Gênero. Tradução de Júlio Assis Simões. *In*: INGOLD, Tim (Org.). **Companion Encyclopedia of Anthropology**. Londres: Routledge, 1997. p. 813-830.

NANES, Gisele; QUADROS, Marion Teodósio de. Homens e Trabalho Doméstico em Comunidade da Periferia de Recife (PE). *In*: **Anais Eletrônico XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu- MG, 2010. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/39/showToc> . Acesso em ago. 2018.

NANES, Gisele. **Ele ainda canta de galo: etnografando homens pobres no domínio da casa**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2010.

OLIVEIRA, Gabriela Camargo de. **A segunda geração de latino-americanos na Região Metropolitana de São Paulo**. 2012. 214 folhas. Dissertação (Mestrado, Demografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000870886> . Acesso em: 06 jul. 2016.

ORTNER, Sherry. **Making Gender: The Politics and Erotics of Culture**. Beacon Press, 1996.

_____. Poder e Projetos: Reflexões Sobre a Agência. *In*: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Org.). **Reunião Brasileira de Antropologia**. Conferências e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra, 2007b, p. 45-80.

_____. Uma Atualização da Teoria da Prática. *In*: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Org.). **Reunião Brasileira de Antropologia**. Conferências e práticas antropológicas. Blumenau: Nova Letra, 2007a, p. 19-44.

PARELLA, Sònia. Familia transnacional y redefinición de los roles de género: El caso de la migración boliviana en España. *In*: **Papers: Revista de Sociologia**, Barcelona, v.97, n.3, p. 661-684, 2012. Disponível em: <http://papers.uab.cat/article/view/v97-n3-parella>. Acesso em 1 set. 2016.

PASEIRO, Laura Bécquer. Quanto custa à Bolívia a luta por uma saída soberana ao mar?. *Jornal Brasil de Fato*. São Paulo, 04 de outubro de 2018. *In*: **Caderno Internacional**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/04/quanto-custa-a-bolivia-a-luta-por-uma-saida-soberana-ao-mar/> . Acesso em dez 2018.

PÉREZ OROZCO, Amaia. **Cadenas globales de cuidado. ¿Qué derechos para un regimen global de cuidados justo?** Santo Domingo: Instituto Internacional de Investigaciones y Capacitación de las Naciones Unidas para la Promoción de la Mujer, 2010. Disponível em: http://www.mueveteporlaigualdad.org/publicaciones/derechosparaunregimenglobaldecuidados_justo_2010.pdf . Acesso em: 1 set. 2016.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? *In*: ALGRANTI, L. (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p.7 – 42. Disponível em: <http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf> . Acesso em: 28 maio 2017

POMBO, María Gabriela. El trabajo doméstico y de cuidados no remunerado desde la perspectiva de las mujeres del Barrio Charrúa: desigualdades y resistencias en el ámbito de la domesticidad y la reproducción. Prácticas de oficio. *In*: **Investigación y reflexión en Ciencias Sociales**, Publicación del Posgrado en Ciencias Sociales UNGS-IDES, n. 6, agosto de 2010. Disponível em: <http://ides.org.ar/wp-content/uploads/2012/04/artic252.pdf> . Acesso em jul. 2017.

_____. La organización del trabajo doméstico y de cuidados no remunerados en mujeres migrantes procedentes de Bolivia: posibles lecturas desde el feminismo poscolonial. *In*: BIDASECA, Karina Andrea; LABA, Vanesa Vazquez. **Feminismos y poscolonialidad**. 2a ed. - Buenos Aires : Ediciones Godot Argentina, 2011. p. 247 -260.

QUADROS, Marion. **Construindo uma nova paternidade?** As representações masculinas de pais pertencentes às camadas médias em uma escola alternativa do Recife, PE. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

RAMOS, Daniela Peixoto. Pesquisas de usos do tempo: um instrumento para aferir as desigualdades de gênero. *In: Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(3), setembro – dezembro 2009. p. 861 – 870.

RIBEIRO, Clara Lemme. A feminização como tendência da migração boliviana para São Paulo. *In: Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo, ano XXIX, n. 78, Janeiro – Junho 2016, p. 101 – 120.

_____. **Gênero e mobilidade do trabalho**: bolivianas trabalhadoras na indústria de confecção de São Paulo. 2018. 230 folhas. Dissertação (Mestrado, Geografia) – Universidade de São Paulo. USP – São Paulo – São Paulo.

_____. Trajetórias de bolivianas imigrantes: entre a autonomia e a violência. *In: Anais Eletrônicos Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress*, Florianópolis - SC, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#J> . Acesso em: ago. 2018.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a 'economia política' do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SARDENBERG, Cecília. E a família, como vai? Reflexões sobre mudanças nos padrões de família e no papel da mulher. *In: Bahia: Análise & Dados*, Salvador, v.7, n. 2, 1997, p.5-15.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *In: Educação & Realidade*. V. 16, n. 2, jul./dez. Porto Alegre: UFGRS, 1990. p. 5-22

SCOTT, Russell Parry; VICENTE, Mariama; NÓBREGA, Leonardo; ACIOLY, Rafael. As rearticulações de sociabilidade decorrentes de migrações internacionais. *In: Áltera - Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 37-55, jul./dez. 2015. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/26989> . Acesso em 07 jul. 2016.

SCOTT, Russell Parry. **Migrações Interregionais e Estratégia Doméstica**: Nordestinos, Mobilidade e a Casa até os Anos 1980. Recife: Editora Universitária UFPE, 2014.

_____. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. *In: Cadernos de Pesquisa*, n.73, 1990, p. 38-47.

SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *In: Estudos avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, maio – agosto 2006. p. 157-170.. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200012&script=sci_arttext . Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. **Costurando sonhos**: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

VASCONCELOS, Iana dos Santos. **Articulações familiares transnacionais**: estratégias de cuidado e manutenção familiar na fronteira Brasil/Venezuela. 2013. 138 folhas. Dissertação

(Mestrado, Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado interinstitucional UFPE/UFRR – Boa Vista – RR.

VILELA, E. M. ; NORONHA, C. L. A. Trabalhadoras argentinas, bolivianas, paraguaias, peruanas e uruguaiais: minorias étnicas/nacionais discriminadas no Brasil?. *In: Anais do XXIX Congresso ALAS*, Santiago, 2013. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT8/GT8_MeireViela_LimadeNoronha.pdf. Acesso em: 08 jul. 2016

XAVIER, Iara Rolnik. A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo: Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. *In: Baeninger, Rosana (Org.). Imigração Boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. p 109-154. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/bolivianos/livro_bolivianos.pdf . Acesso em: 10 jul. 2016.

YUJRA, Veronica Quispe. Ah é? Tem que fazer?. *In: GARCIA, Luana de Freitas (Org.). Histórias que se cruzam na Bolívia*. São Paulo: VGL Publishing, 2016. p. 50 -58.

ZAMORRA, Elizabeth Jiménez. **La organización social de los cuidados y vulneración de derechos en Bolivia**. ONU Mujeres e Universidad Mayor de San Andrés. (2011). Disponível em: <http://catolicasbolivia.org/wp-content/uploads/2015/11/inv.-onu-la-organizacion-social-de-los-cuidados-y-vulneracion-de-derechos-en-bolivia.pdf> . Acesso em: set 2018.

ZANELLA, Vanessa Gomes. Imigrantes bolivianas em São Paulo: condições de vida e trabalho. *In: Revista de Estudos Jurídicos UNESP*, Franca, ano 19, n. 29, jan.-jul., 2015, p. 1-20. Disponível em: <http://seer.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/index> . Acesso em: 8 jul. 2016.

APÊNDICE A – Tópico Guia

Migração (Teórica para fundamentação das questões: GLICK SCHILLER, Nina. Teorização Feminista sobre Nação e Estado. **Caderno CRH**, Salvador, n. 33, p. 113-142, jul./dez. 2000.1)

Me conta um pouco sobre a tua história....

- 1- Onde nasceu?
- 2 - Quando foi para São Paulo? Por que?
- 3 - Sua vida mudou? Como?

Trabalho (Teórica para fundamentação das questões: BRITES, Jurema. **Trabalho Doméstico: Questões, leituras e políticas**. Cadernos de Pesquisa, v. 43, n. 149 ,p. 422-451, 2013).

- 4 – Você trabalha? Onde você trabalha atualmente?
- 5 - Quais atividades você executa?
- 6 - Como é um dia de trabalho?
- 7 - Como é sua relação com seus empregadores?

Moradia (Teórica para fundamentação das questões: ÁVILA, Maria Betânia de Melo. **O tempo do trabalho das empregadas domésticas: tensões entre dominação/exploração e resistência**. Recife, 2009).

- 8 - Onde mora?
- 9 - Com quem mora?

Trabalho doméstico na sua própria casa e família (Teóricas para fundamentação das questões: HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n.132, p.595-609, 2007; PÉREZ OROZCO, Amaia. **Cadenas globales de cuidado. ¿Qué derechos para un regimen global de cuidados justo?** Santo Domingo: Instituto Internacional de Investigaciones y Capacitación de las Naciones Unidas para la Promoción de la Mujer, 2010.)

- 10 - Como é sua rotina em casa? (Descrever um dia)
- 11 - O que você faz antes de ir trabalhar?
- 12 - E quando chega em casa do trabalho?
- 13 - E nos finais de semana?
- 14 - Como organiza o trabalho doméstico em sua casa?
- 15 - Quais atividades você faz? Quando?
- 16 - Quem participa? Fazendo o que?
- 17 - E como é feito o cuidado com seus filhos? Quem cuida? Eles vão para escola? Creche? Onde ficam seus filhos enquanto você trabalha?
- 18 - Como é feito o cuidado com seus pais/idosos (e/ou animais)? Você participa? Quem cuida? E enquanto você trabalha?
- 19 - O que acha da forma como o trabalho doméstico é organizado em sua casa? Como se sente?
- 20 - Tem algo que eu não perguntei que você gostaria de falar?

Muito

obrigada!

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – versão português



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Duas vias: uma sob posse da pesquisadora e outra do/a informante.

Declaro que estou ciente de estar participando da pesquisa de mestrado de Eloah Vieira, pesquisa esta intitulada como: **Estratégias articuladas por bolivianas em São Paulo para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias**. Esta pesquisa tem como objetivo compreender as experiências e opiniões das mulheres bolivianas moradoras da cidade de São Paulo, com foco nas estratégias que articulam para que seja realizado o trabalho doméstico em suas casas e famílias.

Minha participação está em responder uma entrevista e, quando possível, me encontrar e conversar com a pesquisadora durante sua estadia na cidade de São Paulo. Estou ciente de que se trata de uma atividade voluntária, que posso desistir a qualquer momento e que a participação não envolve remuneração. Nestes termos, posso recusar e/ou retirar este consentimento, informando à pesquisadora, sem prejuízo para ambas as partes a qualquer momento que eu desejar. Tenho o direito também de determinar que sejam excluídas do material da pesquisa informações que já tenham sido dadas.

Fui informada que a pesquisa não envolve riscos ou danos à saúde e que a pesquisadora garantirá a confidencialidade e o anonimato.

Fica acordado que as informações por mim fornecidas não serão utilizadas para outro fim além deste e a assinatura desse consentimento não inviabiliza nenhum dos meus direitos legais.

Caso ainda haja dúvidas, tenho direito de tirá-las agora, ou, em surgindo alguma dúvida no decorrer da entrevista, posso esclarecê-las, a qualquer momento. Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa são:

Eloah Vieira (Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia - UFPE)

Telefone de contato: (81) 988876860

Prof. Dr.º Russell Parry Scott - Orientador (Programa de Pós-Graduação em Antropologia-UFPE)

Telefone de contato: (81) 2126 8286

Após ter lido e discutido com a entrevistadora os termos contidos neste consentimento esclarecido, concordo em participar como informante, colaborando, desta forma, com a pesquisa.

São Paulo, ____/____/2018

Assinatura: _____

Nome completo: _____

Entrevistadora - assinatura: _____

Nome completo da entrevistadora: _____

Testemunhas

Assinatura:

Assinatura:

Nome completo:

Nome completo:

APÊNDICE C – Término de Consentimiento Informado – versão espanhol



TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO INFORMADO

Dos documentos: una para la investigadora y otra de la informadora.

Declaro que estoy consciente de participar del proyecto de investigación de Eloah Vieira, que lleva por título: **Estratégias articuladas por bolivianas em São Paulo para a realização do trabalho doméstico em suas casas e famílias**. Este proyecto de investigación tiene como objetivo comprender las experiencias y opiniones de las mujeres bolivianas que viven en São Paulo, con enfoque en las estrategias que manejan para realizar el trabajo doméstico dentro de sus casas y familias.

Mi participación consistirá en responder una entrevista, a medida que sea posible reunirme y conversar con la investigadora durante su estancia en São Paulo. Estoy consciente que esta participación se trata de una actividad voluntaria, que puedo abandonarla a cualquier momento y que mi participación no será remunerada. También tengo el derecho de seleccionar y eliminar las informaciones que hayan sido entregadas para el material de investigación. En tales condiciones, puedo renunciar y/o abandonar este consentimiento a cualquier momento, informando debidamente a la investigadora, sin perjudicar a ambas partes.

Estoy siendo informada que esta investigación no involucra riesgos o daños a la salud y que la investigadora garantizará la confidencia y el anonimato.

Por lo tanto, queda en acuerdo que las informaciones proporcionadas no serán utilizadas con otra finalidad que no sea el acordado bajo este documento y que la firma de la informadora de este consentimiento no inviabiliza ninguno de mis derecho legales.

En caso que haya dudas, tengo el derecho de preguntarlas ahora, o si alguna duda va surgiendo en el transcurso de la entrevista, puedo pedir una explicación a cualquier momento. Los investigadores responsables de esta investigación son:

Eloah Vieira (Alumna de maestría del Programa de Posgraduación en Antropología - UFPE) Teléfono de contacto: (81) 988876860

Prof. Dr. Russell Parry Scott - Orientador (Programa de Posgraduación en Antropologia-UFPE) Teléfono de contacto: (81) 2126 8286

Al finalizar la lectura de este documento y haber discutido con la entrevistadora sobre las condiciones explicadas en este documento de consentimiento informado, concuerdo con participar como informadora, colaborando de esta forma con este proyecto de investigación.

São Paulo, ____/____/2018

Firma: _____

Nombres y apellidos: _____

Entrevistadora - firma: _____

Nombres y apellidos de la entrevistadora: _____

Testigos

Firma:

Firma:

Nombres y apellidos:

Nombres y apellidos: